

Luciana Pereira da Silva

# PRÁTICA TEXTUAL EM LÍNGUA PORTUGUESA





# Prática Textual em Língua Portuguesa

Luciana Pereira da Silva

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

S579p      Silva, Luciana Pereira da  
2. ed.

Prática textual em língua portuguesa / Luciana Pereira da Silva. - 2. ed. - Curitiba, PR : IESDE Brasil, 2017.  
188 p. : il. ; 21 cm.  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-387-6338-3

1. Língua portuguesa - Escrita. 2. Língua portuguesa - Normalização. 3. Leitura. I. Título.

17-44009

CDD: 469

CDU: 811.134.3

---

Capa: IESDE BRASIL S/A.  
Imagem da capa: marekuliasz/iStockphoto

*Todos os direitos reservados.*

**IESDE BRASIL S/A.**

Al. Dr. Carlos de Carvalho, 1.482. CEP: 80730-200  
Batel – Curitiba – PR  
0800 708 88 88 – [www.iesde.com.br](http://www.iesde.com.br)

## Apresentação

Escrever é fácil: você começa com uma letra maiúscula e termina com um ponto final.  
No meio você coloca ideias.

*Pablo Neruda*

O profissional das mais diversas áreas deve desenvolver, entre outras habilidades, a capacidade de recepção e produção de textos de gêneros diversos. Espera-se que seja capaz de identificar um texto bem escrito, observando como as ideias, por ele expressas, foram organizadas e dispostas; também é esperado que saiba empregar essa habilidade para produzir os vários gêneros necessários, tanto na sua vida acadêmica quanto na profissional.

Muitas pessoas, no entanto, não acham essa tarefa tão simples como afirmava Pablo Neruda. Mesmo com as exigências de toda atividade intelectual, esse aprendizado pode acontecer de forma prazerosa e eficaz.

Para tanto, apresentamos este livro sobre prática textual em língua portuguesa.

O objetivo desta obra é auxiliar você, estudante, nessas múltiplas tarefas. Aqui você encontrará informações importantes sobre a coesão textual e seus mecanismos – fator extremamente importante para ler e produzir bons textos –, sobre os fatores de coerência (entre eles a intertextualidade), além da melhor forma de selecionar o vocabulário mais adequado para um determinado texto e organizar frases e parágrafos.

Há, ainda, uma farta exemplificação, a fim de auxiliar a compreensão e fixar os temas mais relevantes.

Agora é com você: leia os capítulos atentamente, resolva os exercícios com atenção e vamos tentar preencher esse espaço entre a letra maiúscula e o ponto final com ideias coerentes e de forma coesa!



### **Luciana Pereira da Silva**

Pós-doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Especialista em Língua Portuguesa pela UEL. Licenciada em Letras Anglo-Portuguesas pela Fundação Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Cornélio Procópio.

## Sumário

<b>1</b>	<b>Mecanismos de coesão textual</b>	<b>9</b>
1.1	Texto e textualidade	9
1.2	Conceito de coesão textual	12
<b>2</b>	<b>Coesão textual: reiteração</b>	<b>21</b>
2.1	Procedimentos da repetição	23
2.2	Procedimentos da substituição	27
<b>3</b>	<b>Coesão textual: associação e conexão</b>	<b>37</b>
3.1	Associação	38
3.2	Conexão	41
<b>4</b>	<b>Seleção do vocabulário</b>	<b>53</b>
4.1	Características do vocabulário	54
4.2	Vocabulário e leitura	56
4.3	Como ampliar o vocabulário	59
<b>5</b>	<b>Parágrafo</b>	<b>65</b>
5.1	Definição de parágrafo	67
5.2	Parágrafos de introdução	72
5.3	Desenvolvimento do parágrafo	74
<b>6</b>	<b>Estrutura das frases</b>	<b>81</b>
6.1	Estrutura das frases e leitura	82
6.2	Características das frases e/ou orações	83
6.3	Constituição básica das sentenças	84
6.4	Informações complementares	86
6.5	Constituição de sentenças complexas	88

<b>7</b>	<b>Referenciação e progressão referencial</b>	<b>95</b>
7.1	Estratégias de referenciação	96
7.2	Formas de introdução de referentes	98
7.3	Formas de retomada dos referentes	100
7.4	Funções das expressões nominais	101
<b>8</b>	<b>Coerência: princípios gerais</b>	<b>109</b>
8.1	Textualidade e coerência	109
8.2	Tipos de coerência	110
8.3	Fatores de coerência	111
<b>9</b>	<b>Intertextualidade</b>	<b>123</b>
9.1	Conceito de intertextualidade	123
9.2	Principais formas de intertextualidade	130
<b>10</b>	<b>As metarregras da coerência</b>	<b>139</b>
10.1	A metarregra da repetição	141
10.2	A metarregra da progressão	145
10.3	A metarregra da não contradição	146
10.4	A metarregra da relação	147
<b>11</b>	<b>Gêneros textuais</b>	<b>153</b>
11.1	Mas o que são gêneros textuais?	155
11.2	Heterogeneidade tipológica	157
11.3	Intertextualidade intergêneros	159
11.4	Suporte	160
11.5	Domínio discursivo	160
<b>12</b>	<b>Sequências textuais</b>	<b>167</b>
12.1	Definição de sequências (ou tipos) textuais	168
12.2	As sequências textuais	169



# Mecanismos de coesão textual

## 1.1 Texto e textualidade

Esta disciplina trata de prática de texto em língua portuguesa. Isso nos leva a duas perguntas:

- O que é um texto?
- O que faz com que um texto seja um texto?

Vamos tentar responder a essas questões lendo, atentamente, os exemplos a seguir.

---

### Texto I

A pesca

*Affonso Romano de Sant'Anna*

O anil  
o anzol  
o azul

o silêncio  
o tempo  
o peixe

a agulha  
vertical  
mergulha  
a água

# 1

## Mecanismos de coesão textual

a linha  
a espuma

o tempo  
o peixe  
o silêncio

a garganta  
a âncora  
o peixe

a boca  
o arranco  
o rasgão

aberta a água  
aberta a chaga  
aberto o anzol

aquelíneo  
agil-claro  
estabanado

o peixe  
a areia  
o sol

---

### Texto II

Por um lado o dia está bonito; por outro, acho que não comprarei nada. Isso porque o sol está forte e não quero lavar o carro. Penso que você goste de gato e este está no telhado e o cachorro latiu forte. Finalmente, o futebol é uma prática esportiva lastimável.

---

### Texto III

leite

manteiga

pão

vassoura

detergente

## Texto IV

Curvas de Niemeyer. A consultoria britânica Creator Synectics elaborou um ranking com as cem personalidades vivas mais geniais. O arquiteto Oscar Niemeyer, prestes a completar 100 anos, aparece em nono lugar, informou o Telegraph. O primeiro lugar foi dividido por Albert Hofman, químico suíço, criador do LSD, e Tim Berners-Lee, cientista britânico, o pai da World Wide Web. A lista é falha. Pelé, por exemplo, não aparece.

(Revista da Semana, 5 nov. 2007, p. 7)

---

Os exemplos anteriores podem nos ajudar a responder nossas duas perguntas. Você deve ter percebido que nem todos esses exemplos são bons textos. Vejamos: o texto I *A pesca* não apresenta ligação entre seus elementos, mas é plenamente possível atribuir-lhe significação. Trata-se da narração de uma pescaria; pode-se afirmar, com segurança, que se trata de um texto.

Já o texto II (produzido para este material), apresenta elementos que unem as partes do texto (por um lado, por outro, isso, e, porque, finalmente) mas não é possível afirmar que tenhamos aí uma significação; provavelmente, nenhum leitor conseguiria interpretá-lo. O exemplo III, em um primeiro momento, pode parecer estranho, mas se lhe atribuirmos um título – Lista de compras –, ele se torna compreensível (coerente).

Finalmente, o exemplo IV (*Curvas de Niemeyer*) ilustra o que nomeamos como um texto bem construído: os elos entre seus segmentos contribuem para atribuir-lhe sentido.

Podemos, agora, voltar a nossas perguntas iniciais.

- O que é um texto?
- O que faz com que um texto seja um texto?

Um texto é um conjunto significativo. Etimologicamente,

a palavra texto provém do latim *textum*, que significa “tecido, entrelaçado”. Há, portanto, uma razão etimológica para nunca esquecermos que o texto resulta da ação de tecer, de entrelaçar unidades e partes a fim de formar um todo inter-relacionado. Daí podemos falar em textura ou tessitura de um texto: é a rede de relações que garantem sua coesão, sua unidade. (INFANTE, 1998, p. 90)

O conceito de texto muda com o passar do tempo e a evolução dos estudos linguísticos. Vejamos mais alguns conceitos de texto:

Entre as várias concepções de texto que fundamentaram os estudos em Linguística Textual, poderíamos destacar as seguintes, ressaltando, contudo, que elas se imbrincam em determinados momentos:

texto como frase complexa ou signo linguístico mais alto na hierarquia do sistema linguístico (concepção de base gramatical).

[...]

texto como lugar de interação entre atores sociais e de construção interacional de sentidos (concepção de base sociocognitiva-interacional). (KOCH, 2004, p. 12)

Poder-se-ia, assim, conceituar o texto como uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos falantes durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a depreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais. (KOCH, 1997, p. 22)

Os textos podem ser verbais (notícias, romances, letras de música), não verbais (quadros, fotos) ou mistos (histórias em quadrinhos, peças publicitárias); orais (conversa informal, palestras, discursos) ou escritos (poemas, reportagens, volantes publicitários); multimodais (com som, imagem, animação etc.). Apesar da importância de todos os tipos de textos, nesta disciplina, interessam-nos, sobretudo, os textos verbais escritos.

No que vimos até agora, fica evidente a importância da textualidade para a constituição de um texto. Textualidade é o conjunto de características que faz com que um texto seja um texto, e não apenas uma sequência de frases.

Esse conjunto de características é formado, principalmente, pela coesão e pela coerência: a coesão estaria no plano da expressão, e a coerência, no plano do conteúdo. Trataremos agora da coesão.

## 1.2 Conceito de coesão textual

O Dicionário de Linguagem e Linguística, de R. Larry Trask (2006, p. 57), conceitua coesão como “a presença em um discurso de ligações linguísticas explícitas que criam estrutura”. Os estudos sobre a coesão começaram quando os estudiosos da linguagem perceberam as relações que existiam entre os períodos de um texto. Essas pesquisas podem ter sua origem registrada em 1976, com a publicação do livro *Cohesion in English*. Seus autores, Michael A. K. Halliday e Ruqaiya Hasan, assim apresentam o fenômeno da coesão: “A coesão ocorre quando a interpretação de algum elemento no discurso depende da interpretação de um outro elemento. Um pressupõe o outro, no sentido de que um não pode ser efetivamente decodificado sem recorrer ao outro” (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 4).

Halliday e Hasan (1976) utilizaram uma construção linguística muito simples – e muito comum – para ilustrar o fenômeno da coesão: “Lave e tire os caroços de seis maçãs cruas. Coloque-as num prato refratário”. O fato de o pronome *as* ser compreendido somente por sua relação com maçãs evidencia a importância desse mecanismo. Vamos analisar em uma notícia como a coesão é importante para a boa organização de um texto:

---

<sup>1</sup> Cohesion occurs where the interpretation of some element in the discourse is dependent on that of another. The one presupposes the other, in the sense that it cannot be effectively decoded except by recourse to it. When this happens, a relation of cohesion is set up, and the two elements, the presupposing and the presupposed, are thereby at least potentially integrated into a text. (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 4)

### Adeus, Harry Potter

#### Sétimo volume é desfecho talentoso da série de J. K. Rowling

Às vésperas do lançamento de Harry Potter e as Relíquias da Morte em língua inglesa, em julho passado, J. K. Rowling postou em seu site um apelo aos fãs mais ansiosos em particular e aos estraga-prazeres em geral: “Gostaria que os leitores – aqueles que, de alguma maneira, cresceram com Harry – embarcassem para a última aventura sem saber para onde estão indo”. Não foi fácil, principalmente para os brasileiros, às voltas com traduções à maneira de Hogwarts, aos pedaços, em comunidades na internet. Para Mary Carole MacCauley, do Baltimore Sun, uma das jornalistas que quebraram o embargo lá fora e escreveram sobre o livro antes que ele chegasse às prateleiras, o “final inevitável” está de acordo com o quebra-cabeças “cuidadosamente estruturado nos seis livros anteriores”. [...]

Apesar do encaminhamento natural da história (pelo menos para os leitores assíduos...), Chauncey Mabe adverte no Fort Lauderdale SunSentinel que os fãs não devem subestimar o talento da autora [...]

(*Revista da Semana*, 12 out. 2007, p. 33. Adaptado.)

O texto *Adeus, Harry Potter* é um bom texto: apresenta elementos coesivos responsáveis por sua legibilidade: há a retomada de elementos já citados (seu, o livro, ele) e verifica-se, também, os elementos responsáveis por sua conexão (apesar do).

#### 1.2.1 Formas e mecanismos de coesão

No Brasil, temos alguns estudos clássicos sobre a coesão: são aqueles desenvolvidos por Ingredore Koch (1993) e Leonor Fávero (1993). Apesar da importância desses trabalhos, vamos nos servir, aqui, de uma nova abordagem elaborada por Irandé Antunes (2005), pois acreditamos que essa mantém a qualidade dos anteriores e acrescenta, ainda, um didatismo e uma vasta exemplificação.

Antunes (2005) apresenta que a coesão pode ocorrer por três processos: a reiteração, a associação e a conexão<sup>2</sup>.

A reiteração ocorre pela retomada de elementos já presentes no texto, sendo possível estabelecer sua continuidade. A reiteração pode ocorrer por repetição ou por substituição. Vejamos um exemplo:

2 Não devemos nos prender tanto à nomenclatura, visto que um mesmo fenômeno pode ser descrito com nomenclaturas diferentes. O importante é compreender seu mecanismo e empregá-lo corretamente na leitura e na produção de textos.

Na linguagem comum, as palavras referendo e plebiscito são sinônimos, mas há uma diferença nem tão sutil entre esses dois instrumentos da chamada democracia direta. Segundo a legislação brasileira, no plebiscito submete-se ao voto popular uma questão antes que ela ganhe forma de lei.[...]

*(Revista da Semana, 12 nov. 2007, p. 41.)*

---

Os elementos *referendo* e *plebiscito* são retomados por *dois instrumentos*; *plebiscito* é retomado mais uma vez (no *plebiscito*), e *uma questão* é retomado por *ela*.

A associação é responsável pela ligação semântica (de sentido) entre os vários elementos que compõem o texto. Ela ocorre pela seleção lexical.

---

Mercedes retocada. Vale a pena desembolsar R\$ 217 mil por um carro? Sim, responde o jornalista Adriano Griecco, da revista Quatro Rodas. É esse o valor da nova Mercedes C280 Avantgarde, versão aprimorada – e R\$ 37 mil mais cara – do antigo modelo C200K. O automóvel tem câmbio de sete marchas. Os 50 cavalos suplementares de força permitem fôlego extra nas retomadas e acelerações.

Além disso, um sistema mecânico indica como os amortecedores estão sendo exigidos, compara os dados obtidos com a velocidade em que o carro está e muda o equilíbrio do amortecimento. “Na prática o Mercedes ficou mais esportivo”, diz Griecco. [grifo nosso]

*(Revista da Semana, 12 nov. 2007, p. 39.)*

---

No fragmento anterior, assinalamos vários itens lexicais que fazem parte do campo semântico carro: automóvel, câmbio, marchas, amortecedores, velocidade, amortecimento (entre outros que poderiam ter sido identificados). Esse exercício exemplifica a importância da associação para o estabelecimento da coesão de um texto.

A *conexão* promove a coesão ao estabelecer uma relação (sintático-semântica) entre orações, períodos, parágrafos ou, ainda, entre blocos supraparagráficos.

---

### Bolo de uísque (de Eu Odeio Cozinhar)

#### Como fazer

Primeiro pegue o uísque no armário e tome um pequeno gole com propósitos medicinais. Em seguida bata o açúcar e a manteiga, fazendo um creme. Acrescente os ovos batidos. Depois misture a farinha, o fermento, o sal e a noz-moscada e some ao creme de

manteiga. Então ponha o leite. Agora misture o bicarbonato de sódio com o melaço e depois adicione ao resto. Despeje numa assadeira bem untada e leve ao forno por duas horas. O seu bolo de uísque dura para sempre. Por isso você pode enrolá-lo em papel-alumínio e guardar na geladeira. Ele ficará ainda melhor se de tempos em tempos você furá-lo e injetar mais uísque com um conta-gotas.

(Revista da Semana, 12 nov. 2007, p. 29.)

O texto *Bolo de uísque* é repleto de elementos responsáveis por sua conexão (além de outros que garantem a reiteração e a associação): primeiro, em seguida, depois, então, agora dão conta da progressão temporal da elaboração do bolo; o conector e estabelece uma relação de adição entre períodos e por isso estabelece uma relação de conclusão.

## ⊕ Ampliando seus conhecimentos

### O texto

(BONETTI, 2000, p. 273-381)

Considerando-se a linguagem como forma de ação entre os homens, cuja função básica é persuadir e convencer e não somente comunicar, evidentemente, os estudos da língua já não podem mais estar amparados, apenas, nos campos da morfologia, da fonética e da sintaxe frasal. É necessário inseri-los em contextos mais abrangentes, aqueles da Linguística Textual, entre outros, para que se possa dar conta de explicar certos fenômenos linguísticos, como os sintático-semânticos ocorrentes entre enunciados e sequências de enunciados.

Por volta dos anos 1960, na França, os linguistas constataram a insuficiência da linguística da frase para explicar tais fenômenos, e foi a partir daí que surgiram os primeiros estudos, mais voltados para os mecanismos da organização textual responsáveis pela construção do sentido.

O texto, desde então, passou a ser abordado sob o ponto de vista dos mecanismos sintático-semânticos e como objeto cultural.

No Brasil, os primeiros estudos da Linguística Textual chegaram em torno dos anos 1980. A evolução desses estudos garante a análise do texto como uma unidade linguística com propriedades estruturais específicas. O texto passa a ser considerado como uma unidade significativa.

Umberto Eco, em sua obra *Conceito de Texto* (1984), diz que um dos momentos de indefinição da semiótica contemporânea foi justamente com a crise da noção de signo. Afirmava-se: “O signo não existe”. E o que existe, ao menos no que diz respeito às semióticas verbais, é o texto. O autor considera a noção de texto, pelo modo como foi elaborada nos últimos anos, notavelmente importante, porque permite entender alguns mecanismos da significação da comunicação de maneira muito mais ampla. Para ele, é um suicídio construir uma semiótica do texto, sem relacioná-la a uma semiótica do signo.

Ao buscar saber sobre o termo texto, tem-se notado que essa palavra se enuncia de forma abrangente, articulada a outros termos também abrangentes, como: *enunciação, sentido, significação, contexto, interpretante* e outros que, de uma ou de outra maneira, estejam ligados aos mecanismos da organização textual responsáveis pela construção do sentido.

Do estudo fundado em alguns autores, pudemos apreender, como uma possível definição de texto:

[...] em um sistema semiótico bem organizado, um signo já é um texto virtual, e, num processo de comunicação, um texto nada mais é que a expansão da virtualidade de um sistema de signo. (ECO)

Já a autora de *A Articulação do Texto*, Elisa Guimarães, atribui a texto o seguinte conceito:

Em sentido amplo, a palavra texto designa um enunciado qualquer, oral ou escrito, longo ou breve, antigo ou moderno. Concretiza-se, pois, numa cadeia sintagmática de extensão muito variável, podendo circunscrever-se tanto a um enunciado único ou a uma lexia quanto a um segmento de grandes proporções.

São textos, portanto, uma frase, um fragmento de um diálogo, um provérbio, um verso, uma estrofe, um poema, um romance, e, até mesmo, uma palavra-frase, ou seja, a chamada frase de situação ou frase inarticulada, como a que se apresenta em expressões como “Fogo!”, “Silêncio”, situadas em contextos específicos.

Um outro conceito de texto é o que segue:

Chama-se *texto* o conjunto dos enunciados linguísticos submetidos à análise: o texto é, então, uma amostra de comportamento linguístico que pode ser escrito ou falado.

L. Hjelmslev toma a palavra texto no sentido mais amplo e com ela designa um enunciado qualquer, falado ou escrito, longo ou curto, velho ou novo. "Stop" é um texto tanto quanto O Romance da Rosa. Todo material linguístico estudado forma também um texto, retirado de uma ou mais línguas. Constitui uma classe analisável em gêneros divisíveis, por sua vez, em classes, e assim por diante, até esgotar as possibilidades de divisão. (DUBOIS)

A palavra *texto* é utilizada frequentemente, seja na escola ou fora dela. É comum ouvirmos frases como: "O autor terminou seu texto"; "Os textos estão sobre a mesa"; "Que texto complicado!"; "Os atores já receberam seus textos".

Conceituar *texto*, no entanto, é mais complexo do que parece, dada a abrangência de termos que estão ligados à sua significação.

Em nossas considerações finais sobre o que configura texto, podemos dizer que a textualidade (tessitura), a rede de relações, organização de sentido, coerência, coesão e a completude da mensagem num dado contexto caracterizam um texto e garantem o uso da língua. "Não é amontoando os ingredientes que se prepara uma receita; assim também não é superpondo frases que se constrói um texto" (FIORIN; SAVIOLLI).

É por meio de textos que o discurso se manifesta. Qualquer passagem falada ou escrita, independentemente de sua extensão, que constitua um todo significativo efetiva-se em um texto. [...]

## Atividades

1. Realize as seguintes tarefas:
  - a. Monte um portfólio com vários exemplares de texto. Sugestões: texto não verbal, texto misto, texto oral, textos verbais.
  - b. Escolha um desses textos e escreva um parágrafo justificando por que ele é um bom texto (lembre-se da textualidade).
2. Analise o poema *Tecendo a manhã*, de João Cabral de Melo Neto, mostrando sua construção e relacionando-o com a metáfora do verbo tecer – tessitura – textualidade – texto<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> As atividades 1 e 2 foram adaptadas de Almeida (2003).

### Tecendo a manhã

Um galo sozinho não tece uma manhã:  
 ele precisará sempre de outros galos.  
 De um que apanhe esse grito que ele  
 e o lance a outro; de um outro galo  
 que apanhe o grito de um galo antes  
 e o lance a outro; e de outros galos  
 que com muitos outros galos se cruzem

os fios de sol de seus gritos de galo,  
 para que a manhã, desde uma teia tênue,  
 se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,  
 se erguendo tenda, onde entrem todos,  
 se entretendendo para todos, no toldo  
 (a manhã) que plana livre de armação.  
 A manhã, toldo de um tecido tão aéreo  
 que, tecido, se eleva por si: luz balão.

(*MELLO NETO, João Cabral de. Tecendo a Manhã. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/joao02.html>>. Acesso em: 1, ago. 2017.*)

---

3. Observe os fragmentos a seguir. Identifique se a coesão se deu por reiteração, associação ou conexão (observe os elementos grifados):
  - a. “Reflexo condicionado. Os vendedores ambulantes de sorvete nos Estados Unidos não podem mais tocar a sineta. O som enlouquece as crianças. ‘Quando escutam o sino, elas saem correndo atrás do vendedor, no meio dos carros’, diz Paul Slaby, porta-voz dos serviços de saúde da cidade de Elgin. Os sorveteiros só podem usar o sino durante cinco minutos – e apenas quando estão parados.” (Revista da Semana, 5 nov. 2007, p. 17)
  - b. “Vá até a banca andando, correndo ou se precisar, rastejando.” (Aventuras na História, n. 34, jun. 2006, p. 3)
  - c. “Uma igreja do século 13 de Suurhusen, no norte da Alemanha, roubou de Pisa o título de a torre mais inclinada do mundo. O livro Guinness de Recordes confirmou que o ângulo de inclinação da torre alemã é de 5,19 graus, em comparação com os 3,97 graus da estrutura italiana.” (Revista da Semana, 12 nov. 2007, p. 8)
  - d. “Gisele Bündchen, que em 2006 ganhou US\$ 33 milhões, já não assina contratos em dólares – aceita apenas moedas mais fortes, como o euro, informa a Bloomberg”. (Revista da Semana, 12 nov. 2007, p. 9)

- e. “Um cachorro atirou em seu dono durante uma caçada em Iowa. O americano James Harry deixou sua espingarda no chão por alguns instantes. O cão pisou em cima da arma e a disparou. Harry foi ferido na perna.” (Revista da Semana, 12 nov. 2007, p. 16)

---

Resolução

1. Verificar se encontrou textos de natureza diversa (representações de fotos, quadros, histórias em quadrinhos, peças de publicidade, transcrições de fala e textos verbais escritos). Em seguida, observar se são bons textos, ou seja, se atendem aos requisitos necessários para a coesão e a coerência (se apresentam laços coesivos e/ou unidade de sentido).
2. O poema *Tecendo a manhã* metaforiza a principal característica de um texto: a textualidade, ou seja, a amarração necessária para sua constituição – seja pelos elementos coesivos ou pela manutenção temática (coerência).
3.
  - a. Associação.
  - b. Conexão.
  - c. Reiteração.
  - d. Associação.
  - e. Reiteração.



# 2

## Coesão textual: reiteração

Como sabemos, produzir um bom texto (ou compreendê-lo de forma adequada) depende de vários fatores. A coesão é uma dessas importantes estratégias – ao lado, é claro, da coerência. A coesão é responsável pela ligação entre as partes do texto. Na perspectiva teórica que estamos adotando (ANTUNES, 2005), a coesão pode efetivar-se por três tipos de relações: a reiteração, a associação e a conexão.

A reiteração (de reiterar, repetir, renovar) é um mecanismo de coesão em que a progressão do texto se dá pela retomada/repetição ou renovação de elementos (ou segmentos) já presentes no texto (→ anáfora) ou pela antecipação de elementos/segmentos (← catáfora).

Antunes (2005, p. 52) define reiteração como a “relação pela qual os elementos do texto vão de algum modo sendo retomados, criando-se um movimento constante de volta aos segmentos prévios – o que assegura ao texto a necessária continuidade de seu fluxo, de seu percurso –, como se um fio o perpassasse do início ao fim.”

## 2

## Coesão textual: reiteração

Observe as duas versões a seguir:

---

### Versão 1

Cristina Fernández de Kirchner, senadora de 54 anos, foi eleita presidente da Argentina depois de uma das campanhas mais insossas da história do país. Durante os últimos meses, Cristina Fernández de Kirchner se recusou a dar entrevistas, Cristina Fernández de Kirchner faltou a debates e Cristina Fernández de Kirchner não apresentou um plano de governo. Mas Cristina Fernández de Kirchner faz história como a primeira mulher a ocupar a Casa Rosada pelo voto direto. “A ascensão de Cristina Fernández de Kirchner compara-se mais a uma coroação que a uma eleição”, disse *The Economist*.

Apesar da vitória fácil, a nova presidente não terá lua de mel. “A gestão de Cristina Fernández de Kirchner será avaliada antes mesmo de começar, a partir de decisões tomadas pelo marido de Cristina Fernández de Kirchner durante a transição”, escreveu Fernando González no *Clarín*.

(*Revista da Semana*, 5 nov. 2007, p. 16. Adaptado.)

---

### Versão 2

Cristina Fernández de Kirchner, senadora de 54 anos, foi eleita presidente da Argentina depois de uma das campanhas mais insossas da história do país. Durante os últimos meses, *ela* se recusou a dar entrevistas, *Ø* faltou a debates e *Ø* não apresentou um plano de governo. Mas *Ø* faz história como a primeira mulher a ocupar a Casa Rosada pelo voto direto. “A ascensão de *Cristina* compara-se mais a uma coroação que a uma eleição”, disse *The Economist*.

Apesar da vitória fácil, a nova presidente não terá lua de mel. “*Sua* gestão será avaliada antes mesmo de começar, a partir de decisões tomadas por *seu* marido durante a transição”, escreveu Fernando González no *Clarín*. [...] [grifos nossos]

(*Revista da Semana*, 5 nov. 2007, p. 16, destaque nossos.)

---

Qual dos dois textos anteriores é mais legível? Qual dos dois leva o interlocutor a uma compreensão mais rápida e efetiva? Deve ser consenso que a versão 2 está mais bem organizada, é um bom texto, por conta dos mecanismos de coesão. Nesse momento, queremos evidenciar os procedimentos da reiteração, que são a repetição e a substituição. Vejamos

como esses procedimentos se concretizaram na versão 2: para evitar repetições sem função, o referente *Cristina Fernández de Kirchner* foi reiterado por ela (substituição), por elipse Ø (substituição), *Cristina* (repetição), *sua* e *seu* (substituição); conforme destacado no texto.

## 2.1 Procedimentos da repetição

A reiteração por repetição – como o próprio nome expressa – trata da repetição do mesmo conteúdo semântico e pode ocorrer por paráfrase, paralelismo e repetição propriamente dita. Antunes (2005, p. 60) define repetição como o procedimento em que “recorremos à estratégia de voltar a um segmento anterior do texto, mantendo algum elemento da forma ou do conteúdo”.

### 2.1.1 Paráfrase

Veja o exemplo a seguir:

---

O Antigo Regime, ou seja, o conjunto de monarquias absolutas imperantes na Europa desde o início do século XVI, a que estavam ligadas determinadas concepções e práticas, entrou em crise.

(FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2006. p. 58.)

---

No fragmento anterior, a expressão ou seja é responsável por sinalizar uma explicação do segmento *Antigo Regime* → *o conjunto de monarquias absolutas imperantes na Europa desde o início do século XVI*. Essa função pode ser realizada também pelas expressões *em outras palavras, em outros termos, isto é, quer dizer, em resumo, em suma, em síntese*.

A paráfrase consiste em dizer a mesma coisa com outra organização linguística e tem como função explicar um segmento anteriormente apresentado. Ela é muito presente em textos expositivos ou informativos (como os manuais didáticos). Vejamos mais um exemplo:

---

Em que momento membros da sociedade colonial nascidos na colônia e mesmo alguns portugueses nela residentes começaram a pensar o Brasil como uma unidade diversa de Portugal? *Por outras palavras*, em que momento teria surgido a consciência de ser brasileiro? [grifo nosso]

(FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2006. p. 63.)

---

### 2.1.2 Paralelismo

Veja o exemplo a seguir:

**Quadro 1 – Paralelismo**

1	2
Cinco formas de eliminar a CPMF 1) Fazer o governo caber no PIB 2) Redução da alíquota dos impostos 3) Mercado de capitais estimulados 4) Taxar menos os bens de consumo 5) Fim da guerra fiscal. <i>(Veja, 14 nov. 2007, p. 86-87. Adaptado.)</i>	Cinco formas de eliminar a CPMF 1) Fazer o governo caber no PIB 2) Reduzir a alíquota dos impostos 3) Estimular o mercado de capitais 4) Taxar menos os bens de consumo 5) Acabar com a guerra fiscal. <i>(Veja, 14 nov. 2007, p. 86-87.)</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

Qual dos dois fragmentos anteriores é mais coeso? Com certeza é o segundo, mas por que motivo? Porque ele apresenta paralelismo. Os cinco itens da enumeração são apresentados com verbos no infinitivo. Veja mais uma série de exemplos:

- 
- 
- a) Lave os tomates e refogar os vegetais.
  - b) Lavar os tomates e refogue os vegetais.
  - c) Lave os tomates e refogue os vegetais.
  - d) Lavar os tomates e refogar os vegetais.
- 
- 

Nos enunciados anteriores, (a) e (b) não são bem formados e (c) e (d) são bem formados. Nessa organização linguística evidencia-se, também, o paralelismo. O *paralelismo* (ou simetria sintática das estruturas linguísticas) é um “recurso muito ligado à coordenação de segmentos que apresentam valores sintáticos idênticos”; quer dizer<sup>1</sup>, “a unidades semânticas similares deve corresponder uma estrutura gramatical similar” (ANTUNES, 2005, p. 64).

Algumas expressões também garantem o paralelismo, como *não só... mas também, não apenas.... mas ainda, não tanto... quanto*. Vejamos:

---



---

As crianças da creche *não só* fizeram as tarefas, *mas também* brincaram a tarde toda.

---



---

<sup>1</sup> Observe a expressão responsável pela paráfrase: *quer dizer*.

A quebra de paralelismo pode ser um problema ou um recurso literário. No primeiro caso, encontramos muitos exemplos em tarefas escolares. Imagine a primeira página de um trabalho acadêmico, em que fossem apresentados os objetivos:

- organizar o referencial teórico sobre alfabetização;
- elaborar um roteiro de estudos;
- a produção de material didático para o trabalho com jovens e adultos.

O último dos itens (a produção de material didático para o trabalho com jovens e adultos) não segue a mesma estrutura sintática das outras duas (verbos no infinitivo x substantivo). Outro exemplo foi coletado em um exercício em que se pedia a alunos do Ensino Médio que apresentassem as atividades realizadas pelos jesuítas na época da colonização do Brasil. Uma das respostas dizia:

---

As atividades exercidas eram: realização de missas, ensinavam o catolicismo, ouvir as confissões dos portugueses, aprender a língua dos indígenas.

---

Por outro lado, a quebra de paralelismo pode ser um espetacular recurso literário. Observe os exemplos a seguir<sup>2</sup>:

- 
- a) Gastei trinta dias para ir do Rocio Grande ao coração de Marcela.

(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, capítulo XV.)

- b) Marcela amou-me durante quinze dias e onze contos de réis.

(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, capítulo XVII.)

---

Ou ainda um recurso publicitário, como em “Estaremos de portas e páginas abertas para você” (anúncio publicitário).

### 2.1.3 Repetição propriamente dita

Veja o exemplo a seguir:

---

Ponha mais surpresa,  
Ponha mais prêmios,  
Ponha mais sorte.

---

2 Exemplos citados por Garcia (2006).

Ponha mais Itaucard na sua vida.

(Anúncio publicitário)

---

No texto anterior, temos a repetição de um mesmo item lexical (a flexão verbal *ponha*) e de um mesmo item gramatical (o advérbio *mais*).

Repetir não é sempre um defeito (como muitos professores insistem em frisar), mas pode ser um recurso estilístico, como no anúncio que acabamos de analisar. Não se deve esquecer, ainda, que às vezes não é possível não repetir uma palavra; é só pensarmos em quantas vezes já empregamos aqui o vocábulo texto (você consegue imaginar como poderíamos substituir esse termo?). A repetição pode ter, entre outras, as seguintes funções:

- marcar a ênfase que se pretende atribuir a um determinado segmento:

Ninguém deve comprar imóvel sem antes fazer pesquisa. Ninguém.<sup>3</sup>

- marcar o contraste entre dois segmentos do enunciado:

Há estudantes e estudantes...

- marcar uma correção, explícita ou não:

“O Itamaraty assistiu com uma ponta de alma lavada ao fracasso da comemoração dos 500 anos. A organização estava a cargo dos diplomatas, mas Rafael Greca assumiu-a para promover uma festa popular. Popular?” (Veja, 3 maio 2000)

- expressar quantificação:

“Há três soluções para o drama da infância perdida na rua: escola, escola, escola”. (Veja, 30 out. 1996)

- marcar a continuidade do tema que está em foco. É a função presente na maioria dos exemplos anteriores.

Vejamos mais um exemplo em que a repetição foi bem empregada:

---

## Retratos

Realizada e divulgada pela Fundação Volkswagen em meados de outubro, a pesquisa “Retratos do Ensino Fundamental: 6.º ao 9.º ano” trouxe à tona números alarmantes para a educação de São Paulo. Exemplo: aproximadamente 33,11% dos alunos chegam à 6.ª sem saber ler e 28,6% sem saber escrever. Entre os que sabem ler, 59,44% não entendem o que está escrito, e 71% escrevem textos com problemas de conteúdo, ortografia, gramática e caligrafia. Para chegar aos dados, a Fundação ouviu mais de 600 professores, além de gestores, pais e alunos.

Outra deficiência encontrada pela pesquisa diz respeito à estrutura das escolas. Com base em dados da Edudata Brasil, do Instituto

<sup>3</sup> Exemplos citados por Antunes (2005, p. 72-75).

Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), a pesquisa revela que metade das escolas de ciclo dois do Fundamental não dispõe de biblioteca ou de quadra de esportes. Entre outras informações, descobriu-se também que 75% dos colégios não têm laboratório de ciências, 70% não têm sala de TV e vídeo e somente 36,29% têm laboratório de informática. A pesquisa foi entregue à Secretaria de Estado da Educação de São Paulo.

(*Educação, nov. 2007, p. 15.*)

## 2.2 Procedimentos da substituição

A reiteração pode se dar, também, pela substituição. Na substituição, um mesmo referente é retomado, porém com uma nova roupagem; há uma variação gráfica mas com mesmo conteúdo semântico. Veja o exemplo a seguir:

O mundo da tecnologia já definiu o sucessor de Bill Gates, dono da Microsoft. É Mark Zuckerberg, garotão de 23 anos que fundou o site de relacionamentos *Facebook*, usado por 50 milhões de americanos. As comparações entre os dois são inevitáveis. Ambos são geninhos da informática, abandonaram as cadeiras de Harvard para montar a própria empresa e considerados visionários. Agora, Gates e Zuckerberg estão mais próximos do que nunca.[...] A revista *Wired* lembra que Gates perdeu várias batalhas para o site de buscas, entre as quais a compra do *Youtube* e não poderia se dar ao luxo de ser derrotado novamente. Zuckerberg é o acesso mais rápido às novas gerações de usuários de computador – vitais para a Microsoft.

(*Revista da Semana, 5 nov. 2007, p. 36.*)

No texto acima, temos duas cadeias referenciais: a primeira se constrói a partir do referente Bill Gates; e a segunda, com o referente Mark Zuckerberg. Vejamos como essas cadeias se sucedem:

- a. Bill Gates e Mark Zuckerberg são retomados por os dois, ambos e Ø (elipse);
- b. Bill Gates é retomado por Gates;
- c. Mark Zuckerberg é retomado por Zuckerberg.

Quando a retomada ocorre pela substituição do referente por um numeral (dois, ambos), dizemos que houve uma substituição gramatical. Se a substituição se der por um item do léxico (substantivos, adjetivos, verbos), nomeamos de substituição lexical – como vimos em Gates e Zuckerberg. Pode ocorrer, ainda, a substituição por zero (ou elipse); nesse caso, a

terminação verbal recupera o referente (*O* abandonaram as cadeiras de Harvard). Vejamos cada uma dessas substituições.

### 2.2.1 Substituição gramatical

Na substituição gramatical, o referente pode ser retomado por numerais, pronomes e advérbios. Essa substituição pode ser anafórica (para frente) ou catáfora (para trás).

**Quadro 2 – Exemplo de substituição anafórica e catáfora.**

Anáfora	Catáfora
<p>Qual a origem do nome do aeroporto de <i>Viracopos</i>, em Campinas, tão em evidência atualmente?</p> <p>Ele foi fundado na década de 1930 e homologado oficialmente em 1960, ocasião em que também ascendeu à categoria de aeroporto internacional. [...]</p> <p>(<i>Língua Portuguesa</i>, nov. 2007, p. 64)</p> <p>Na anáfora, primeiro aparece o referente (<i>aeroporto de Viracopos</i>) que posteriormente é retomado por um pronome (<i>ele</i>).</p>	<p><i>Jerusalém</i> ganha Portugal Telecom de Literatura.</p> <p><i>Ele</i> escreve sem pensar como vai continuar, como se começasse a correr antes de achar o passo certo. <i>O português Gonçalo M. Tavares</i> foi o grande vencedor, mês passado, do prêmio Portugal Telecom de Literatura em língua portuguesa 2007, com o livro <i>Jerusalém</i> [...]</p> <p>(<i>Língua Portuguesa</i>, nov. 2007, p. 11)</p> <p>Na catáfora, primeiro temos o pronome (<i>ele</i>), depois apresenta-se o referente (<i>o português Gonçalo M. Tavares</i>).</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

É importante destacar que, muitas vezes, a catáfora é empregada para criar expectativa em relação à informação que será apresentada posteriormente.

A seguir, temos um exemplo de substituição gramatical. Nele o advérbio de lugar *lá* substitui o referente *França*:

---

*França cinco estrelas.* Os hotéis franceses não seguem a classificação mundial de estrelas para seus hotéis.  
Os melhores, por lá, têm quatro estrelas. [...]

(Revista da Semana, 5 nov. 2007, p. 26.)

---

### 2.2.2 Substituição lexical

Na substituição lexical<sup>4</sup>, o referente previamente introduzido, geralmente um nome, é retomado por outro nome textualmente equivalente. A substituição lexical ocorre pelo

<sup>4</sup> Entram aqui, principalmente, substantivos, verbos e adjetivos.

emprego de sinônimos, hiperônimos<sup>5</sup> ou caracterizadores situacionais. Antunes (2005, p. 97) nos diz que “em relação à repetição, a substituição oferece uma vantagem, que é aquela de se poder acrescentar informações ou dados acerca de uma referência já introduzida anteriormente.” Veremos a seguir alguns exemplos:

### 2.2.2.1 Substituição por sinônimo

---

*A obra* reúne orientações para uso do teatro como instrumento pedagógico em sala de aula e para sua encenação. *Os livros*, divididos por faixa etária, trazem também 98 partituras musicais das canções que fazem parte das peças e três jograis.[...]

(*Educação*, n. 2007, p. 14.)

---

Para quem não tem ideia do que sejam *estações*, já que hoje temos laranja o ano todo (ainda que sempre meio sem sabor) e o calor teima em aparecer em pleno inverno, pensar em *épocas* propícias para determinadas brincadeiras parece coisa de gente esquisita.

(*Educação*, n. 2007, p. 16.)

---

Tão antiga quanto as escavações de lorde Carnarvon e Howard Carter é a *briga* para decidir quem toma conta dos tesouros encontrados pelos arqueólogos, anotava uma reportagem de *Veja* em 1988. A *disputa* continua. [...]

(*Revista da Semana*, 12 nov. 2007, p. 40.)

---

Nos exemplos anteriores, os referentes previamente introduzidos são retomados por sinônimos (*a obra* → *os livros*; *estações* → *épocas*; *briga* → *disputa*). É importante frisar que não existe sinônímia perfeita; Antunes (2005, p. 100) alerta ainda para duas funções do uso dos sinônimos: a manutenção do tema do texto, ao possibilitar a formação de um fio sequencial, e a manutenção do interesse do leitor/receptor, tendo em vista o caráter informativo e a força persuasiva das escolhas feitas.

### 2.2.2.2 Substituição por hiperônimo

---

Em cena, o coro canta a história de uma fazenda no sertão, cujo dono era muito rico e orgulhoso: até Deus ele desafiava. Mas,

---

5 De maneira geral, hiperônimos são palavras de sentido geral, que designam classe de seres; ou ainda, palavras superordenadas ou nome genérico.

um dia, o fazendeiro viu *um touro* no terreiro chamado boi aruá  
– o *animal* finalmente o levaria a perder o orgulho. [...]

(*Educação*, nov. 2007, p. 14.)

---

Assim como ocorre no caso da inclusão das *pessoas com deficiência*, o Brasil assumiu, em 1997, durante a V Conferência Internacional de Educação para Pessoas Adultas, realizada em Hamburgo, o compromisso de elevar a escolaridade *desse grupo*.

(*Educação*, nov. 2007, p. 22.)

---

No primeiro caso, o hiperônimo *animal* retoma o referente *touro*; no segundo, *pessoas com deficiência* é substituído por *grupo*.

Os hiperônimos estão mais presentes nos textos do que os sinônimos, por apresentarem um uso mais amplo, em parte por sua constituição: são mais precisos na retomada; podem, ainda, substituir um número grande de outras palavras. Irandé Antunes (2005, p.103), apresenta um grupo de hiperônimos que podem substituir um grande número de itens lexicais: *item, dispositivo, equipamento, recipiente, procedimento, produto, fator, elemento, entidade, coisa*.

#### 2.2.2.3 Substituição por caracterizadores situacionais<sup>6</sup>

---

### **Quando o computador chegou à escola? Por que muitos professores ainda o temem?**

Os primeiros computadores foram usados em universidades americanas nos anos 1940. Na década de 1990, os micros invadiram as escolas. Há quem resista a eles por vários motivos, como a confusão institucional entre ensinar e educar. A primeira ação remete à transferência de informações e a outra é um processo abrangente que leva à autossuficiência intelectual. Por tempos, a autoridade professoral baseou-se no conhecimento. Mas, no quesito armazenagem de dados, os micros superam as pessoas. Além disso, o emprego de PCs põe muitos mestres em desvantagem em relação aos pupilos, que manipulam essas ferramentas desde a infância. Os meros ensinadores temem o micro. Os verdadeiros educadores, não.

(*Nova Escola*, nov. 2007, p. 16)

---



---

<sup>6</sup> Fávero (1993) nomeia esse recurso como expressões nominais definidas.

No exemplo anterior, o uso dos caracterizadores situacionais é muito bem explorado. A cadeia referencial iniciada por professores é continuada por mestres e finalizada por meros ensinadores e verdadeiros educadores. O emprego de mestres indica uma substituição por sinônimo, em que não se percebe uma avaliação por parte do produtor; já o emprego de meros ensinadores e verdadeiros educadores indica o que o produtor desse pequeno texto pensa dos professores: ele os divide em dois grupos, os que temem o uso dos computadores, por serem apenas transmissores de informações seriam meros ensinadores; já os que veem na informática uma aliada ao ensino seriam os verdadeiros educadores. Essas expressões (meros ensinadores e verdadeiros educadores) foram criados nessa situação comunicativa específica, não poderiam substituir o referente professores em um outro evento de linguagem (outro texto).

Antunes (2005, p. 109) nos informa que os caracterizadores situacionais funcionam como uma descrição do referente, conforme o que é relevante focalizar na situação concreta da enunciação: “O termo caracterização situacional tem, exatamente, a pretensão de pôr em evidência seu aspecto de caracterizar o objeto em questão, porém, conforme as particularidades de cada situação.” Para o reconhecimento do significado dos caracterizadores situacionais ou para seu emprego nos textos, devemos ativar nosso conhecimento enciclopédico (ou conhecimento de mundo).

#### 2.2.2.4 Substituição por elipse<sup>7</sup>

A “elipse corresponde à estratégia de se omitir um termo, uma expressão ou até mesmo uma sequência maior (uma frase inteira, por exemplo) já introduzidos anteriormente em outro segmento do texto, mas recuperável por marcas do próprio contexto verbal em que ocorre” (ANTUNES, 2005, p. 119). Vejamos, a seguir, como o uso da elipse pode dar agilidade e leveza ao texto, sem comprometer sua eficácia comunicativa:

---

#### Versão 1

Professor emérito de história latino-americana da Universidade da Flórida, *Neill Macaulay* (1935-2007) foi dos poucos americanos que lutaram ao lado dos guerrilheiros na revolução cubana. *Neill Macaulay* chegou a tenente, *Neill Macaulay* cuidou de uma fazenda de tomates e seu primeiro filho nasceu em Cuba.

Anos depois *Neill Macaulay* voltou aos Estados Unidos.  
*Neill Macaulay* escreveu *Sandino Affair*, sobre o líder nicaraguense, e *A Rebel in Cuba*. [...]

(Revista da Semana, 12 nov. 2007, p. 20. Adaptado.)

---

<sup>7</sup> Halliday e Hasan (1976) chamam a elipse de “substituição por zero”.

**Versão 2**

Professor emérito de história latino-americana da Universidade da Flórida, *Neill Macaulay* (1935-2007) foi dos poucos americanos que lutaram ao lado dos guerrilheiros na Revolução Cubana. Ø Chegou a tenente, Ø cuidou de uma fazenda de tomates e seu primeiro filho nasceu em Cuba.

Anos depois Ø voltou aos Estados Unidos. Ø Escreveu *Sandino Affair*, sobre o líder nicaraguense, e *A Rebel in Cuba*. [...]

(*Revista da Semana*, 12 nov. 2007, p. 20.)

Na versão 2, redigida pelo jornalista, temos quatro substituições do referente Neill Macaulay por elipse<sup>8</sup>. Vejamos outro exemplo:

A Avanti viajou pelo mundo para você criar o seu Ø.

(*Anúncio publicitário de tapetes*)

Para finalizar, um último recado: na maioria dos textos, observa-se uma certa regularidade no emprego dos procedimentos de coesão por reiteração. O produtor pode repetir a palavra, substituí-la por um pronome, por uma expressão equivalente ou recorrer a uma elipse.

### Ampliando seus conhecimentos

#### **Princípios de construção textual do sentido**

(*KOCH, 2004, p. 35-39. Adaptado.*)

##### **Coesão textual**

Costumou-se designar por coesão a forma como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se interligam, se interconectam, por meio de recursos também linguísticos, de modo a formar um “tecido” (tessitura), uma unidade de nível superior à da frase, que dela difere qualitativamente.

Em sua obra *Cohesion in English*, que se tornou clássica, vindo a servir de fundamento para a maior parte dos estudos posteriores, Halliday e Hasan (1976) postulam a existência de cinco formas de coesão, a saber, a

referência, a substituição, a elipse, a conjunção e a coesão lexical. Como, porém, a distinção entre referência e substituição, tal como feita pelos autores, era bastante questionável [...], e a elipse era por eles definida como uma substituição por zero, a maioria dos pesquisadores passou a classificar os recursos coesivos em dois grandes grupos, responsáveis pelos dois grandes movimentos de construção do texto: a remissão/referência a elementos anteriores (coesão remissiva e/ou referencial) e a coesão sequencial, realizada de forma a garantir a continuidade do sentido. No primeiro grupo ficaram incluídas a referência, a substituição e a elipse de Halliday, bem como parcela significativa da coesão lexical; ao passo que o segundo passou a englobar a outra parcela da coesão lexical, bem como a conexão (conjunção hallidiana).

A necessidade de dividir a coesão lexical pelos dois grupos deve-se ao fato de Halliday haver postulado que ela envolve dois mecanismos: a reiteração e a colocação. Ora, conforme veremos mais adiante, a reiteração, que se realiza por meio de repetição de um referente textual pelo uso dos mesmos itens lexicais, sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos e expressões nominais, tem a mesma função dos demais recursos de remissão textual; enquanto a colocação, por sua vez, permite que se faça o texto progredir, garantindo, simultaneamente, a manutenção do tema.

Cabe lembrar que, nos momentos iniciais da Linguística Textual, a coesão referencial era vista como o mecanismo que permite ao produtor do texto remeter, por meio de um elemento linguístico a outros elementos textuais, anteriores (anáfora) ou subsequentes (catáfora).

Entre os recursos capazes de criar a coesão referencial, foram descritos elementos de ordem gramatical, como os pronomes de terceira pessoa (retos e oblíquos), os demais pronomes (possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos, relativos), os numerais, o artigo definido e alguns advérbios locativos, como lá, aí, ali. Importante é ressaltar, porém, que tais elementos podem ter, no texto, função coesiva, isto é, eles nem sempre atuam coesivamente. Vejamos alguns exemplos em que esses elementos operam como elementos de coesão:

- (1) Vá buscar as crianças. *Elas* saem às 17h.
- (2) Todos os livros estão na estante. *Os meus* são os de capa azul.

Também elementos de ordem lexical podem, como dissemos, ser responsáveis pela coesão referencial, quando empregados com a função de

reiterar referentes textuais: a repetição do mesmo item lexical (com ou sem mudança de determinante), sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos e formas nominais, inclusive nominalizações, como se pode verificar nos exemplos a seguir:

(3) E a música vinha de longe. A *música* era tranquilizante, doce, cheia de acordes suaves.

(4) A casinhola ficava no meio da floresta. No *casebre*, de chão batido e coberto de sapé, morava um velho lenhador.

Vê-se que, tanto nos exemplos de (1) e (2), em que a coesão se realiza por meio de recursos de ordem gramatical, como nos (3) e (4), em que se recorre a meios lexicais, opera-se a remissão a elementos textuais, que são retomados no segmento seguinte.

Há, ainda, uma outra forma de remissão a referentes textuais, nitidamente (embora não só) de cunho sintático: trata-se da elipse, como mostra o exemplo:

(5) Durante muito tempo, os escoteiros tentaram obter socorro. (Ø) Chamaram, (Ø) gritaram, (Ø) acenderam fogueiras, mas de nada adiantou.

Não tardou, porém, que se percebesse que nem sempre o referente de uma forma coesiva vem expresso no texto. Tratou-se, em primeiro lugar, das anáforas ditas associativas, semânticas ou profundas como foi o caso de autores como Isenberg e Vater, que já faziam referência às anáforas de tipo associativo, em exemplo aqui repetido como:

(6) Ontem houve um casamento. A *noiva* usava um longo vestido branco (ISENBERG).

Verificou-se, depois, que, em muitos outros casos, o referente da forma anafórica necessita ser extraído do conhecimento de mundo, via inferenciação, como acontece no exemplo (7), em que os antecedentes dos pronomes (I)o e isto não se encontram expressos no texto, mas necessitam ser inferidos:

(7) Quando encontrou Lúcia novamente, ela o tratou secamente, como se fosse um estranho. Ele devia tê-lo imaginado, ela jamais poderia conformar-se com aquilo.

São bastante variados os graus de inferência exigidos para recuperar o referente de uma forma anafórica. Por isso, vem-se fazendo diferenciação entre anáforas associativas (baseadas em relações léxico-estereotípicas, de

ingrediência, representadas na memória em forma de modelos cognitivos) e anáforas indiretas, que exigem um grau de inferenciação mais complexo.

### A coesão sequencial

A coesão sequencial diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e mesmo sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmático-discursivas, à medida que se faz o texto progredir. Essa interdependência é garantida, em parte, pelo uso dos diversos mecanismos de sequenciação existentes na língua e, em parte, pelo que se denomina *progressão tópica*.

## Atividades

1. Reescreva o texto a seguir, eliminando as repetições desnecessárias. Você deve empregar os procedimentos de substituição.

Ziraldo Alves Pinto teve seu primeiro desenho publicado em 1938, aos seis anos, no jornal *A Folha de Minas*. Ziraldo Alves Pinto aprendeu a ler com sua mãe antes de entrar para o grupo escolar. Sua mãe apresentou Ziraldo Alves Pinto às letras do alfabeto como se fossem personagens, transformando esse aprendizado numa grande aventura. Quando Ziraldo Alves Pinto foi para a escola, já em Caratinga, aos sete anos, Ziraldo Alves Pinto desenvolveu ainda mais o prazer pela leitura e Ziraldo Alves Pinto teve pela frente a arca cheia de livros do pai de Ziraldo Alves Pinto, com os quais Ziraldo Alves Pinto interagiu lendo, rabiscando, escrevendo e desenhando sem qualquer culpa.

Enquanto desenha, Ziraldo Alves Pinto canta, Ziraldo Alves Pinto assobia e Ziraldo Alves Pinto bate o pé. Em geral, Ziraldo Alves Pinto utiliza caneta Futura preta. Os traços que não agradam, Ziraldo Alves Pinto apaga com água sanitária. Quando o desenho é colorido, Ziraldo Alves Pinto usa o ecoline, pois Ziraldo Alves Pinto não trabalha mais com guache. Quase sempre Ziraldo Alves Pinto faz uso do lápis de cor para conseguir uma textura interessante.

(*Nova Escola*, nov. 2007, p. 78. Adaptado.)

2. Identifique quais os procedimentos de repetição foram empregados nos fragmentos a seguir:
  - a. Você pensa. Você imagina. A Samsung realiza. (*Anúncio publicitário*)
  - b. É preciso fazer algo. É possível fazer muito. E devemos fazer já. (*Anúncio publicitário*)

## 2

## Coesão textual: reiteração

- c. O desafio é: como produzir um texto diferenciado dos demais, que se destaque por ser mais qualificado? Em suma, como alcançar a originalidade? (*Revista Língua/Especial Redação*, set. 2007, p. 60)
3. Indique como se deu a reiteração do referente Mônica no trecho a seguir. Use o código: ( 1 ) substituição gramatical ou ( 2 ) substituição lexical.

"Apesar do jeitinho de menina, a Mônica já é quarentona. ( ) Ela surgiu há 44 anos no traço de Maurício de Sousa, que se inspirou em uma de suas filhas. Mas ( ) a personagem foi mudando com o tempo: quando nasceu no papel, tinha mais cara de invocada e comportamento mais agressivo – dava coelhadas a torto e a direito. Depois, ( ) a garota foi ganhando um formato mais rechonchudo e uma cara mais simpática. Em *As Tiras Clássicas da Turma da Mônica* – Vol.1 (Editora Panini, R\$19,80), você acompanha as primeiras aparições ( ) da garota dentuça. (*Folhinha, Folha de S.Paulo*, 10 nov. 2007, p. 7)

---

### Resolução

1. Apresentamos o texto original como sugestão de reescrita, mas outras opções são possíveis.

ØTeve seu primeiro desenho publicado em 1938, aos seis anos, no jornal *A Folha de Minas*. ØAprendeu a ler com sua mãe antes de entrar para o grupo escolar. Ela o apresentou às letras do alfabeto como se fossem personagens, transformando esse aprendizado numa grande aventura. Quando Ø foi para a escola, já em Caratinga, aos sete anos, Ø desenvolveu ainda mais o prazer pela leitura e Ø teve pela frente a arca cheia de livros do seu pai, com os quais Ø interagiu lendo, rabiscando, escrevendo e desenhando sem qualquer culpa. [...]

Enquanto desenha, Ziraldo canta, Øassobia e Øbate o pé. Em geral, Øutiliza caneta Futura preta. Os traços que não agradam, Øapaga com água sanitária. Quando o desenho é colorido, Øusa o ecoline, pois Ønão trabalha mais com guache. Quase sempre Øfaz uso do lápis de cor para conseguir uma textura interessante."

(*Nova Escola*, nov. 2007, p. 78.)

2.

- a. Repetição propriamente dita.
- b. Paralelismo.
- c. Paráfrase.

3. ( 1 )( 2 )( 2 )( 2 )

# 3

## Coesão textual: associação e conexão

Vamos começar nossa conversa trazendo a professora Ingedore Koch, importante pesquisadora das questões da linguagem.

---

### Língua Portuguesa – O que um professor pode fazer para reverter o quadro revelado pela Prova Brasil?

Ingedore Koch – Em primeiro lugar, não se deve ensinar a língua só com base na gramática. Segundo, é preciso expor os alunos a muita leitura. A gramática deve ser usada para mostrar como os textos funcionam. Para mostrar quais as pistas que um texto dá para que o leitor seja capaz de construir um sentido. Muito professor diz que baseia seu trabalho no texto, mas se limita a pedir ao aluno que destaque nos enunciados um dado número de substantivos ou de pronomes. Esquecem, por exemplo, que os elementos de coesão, importantíssimos num texto, são todos gramaticais.

[...]

### Língua Portuguesa – Um modelo calcado na gramática pela gramática fez o Brasil ter baixos índices de compreensão de texto?

Ingedore Koch – Ajudou. Faz com que o aluno decore listas de adjetivos, aumentativos, verbos, sem ver utilidade nelas. Seria diferente se ele fosse perguntado por que um período se liga a outro, que elemento permitiu isso, que função se estabelece entre um enunciado e outro. E só então informá-lo que se trata de conjunção, locução conjuntiva ou prepositiva, se é substantivo ou expressão nominal que retoma algo já apresentado, mas que abre caminho para informação nova. O texto é como um crochê. Você dá o primeiro ponto, pega a agulha, puxa e dá outro, e assim vai. Quais elementos ajudam a puxar o primeiro ponto? Quais costuram duas partes? Mostrando esse funcionamento, aprende-se gramática no texto.

(*Língua Portuguesa, maio 2007, p. 13-14.*)

---

Nesses fragmentos da entrevista da professora Ingedore, a relevância da coesão (“a costura do texto”) fica mais do que evidente. Para estabelecer a coesão, veremos as relações de *associação* e de *conexão*.

## 3.1 Associação

Vejamos o pequeno texto a seguir:

---

### A volta do hidroavião Jahú

#### Ícone da aviação brasileira é recuperado

O hidroavião *Jahú* foi a primeira aeronave a cruzar o Atlântico pilotada por um brasileiro, João Ribeiro Barros, em 1927, de Cabo Verde a Fernando de Noronha. Aos 80 anos de idade, o S55 da italiana Savoia Marchetti é um ícone da aviação brasileira. Abandonado, “estava coroado por cupim”, diz *O Estado de S. Paulo*. Uma reforma feita por uma empresa de serviços para helicópteros, a Helipark, deu vida nova ao *Jahú*. Pode voar ainda? “Não podemos garantir a resistência do material oito décadas depois”, diz Élson Sterque, diretor-técnico da empreitada.

(*Revista da Semana, 5 nov. 2007, p. 40.*)

---

O texto em questão é um bom texto, pois nele podemos identificar elementos coesivos responsáveis por sua tessitura. Especialmente, vamos enfatizar a relação de associação. A *associação* se dá quando são utilizadas palavras do mesmo campo semântico, no caso a *aviação*:

*hidroavião, aviação, aeronave, helicópteros, voar.* Mesmo podendo parecer redundante (é claro que um texto que trate de aviação contenha vocábulos dessa área do saber), esse é um recurso extremamente importante para o estabelecimento da coesão.

O procedimento responsável pela associação é a seleção lexical, que é a escolha de palavras que mantenham o tema do texto em questão. Ela ocorre por vários tipos de relações semânticas, mas as principais são *antônimos* e *diferentes modos de relações parte/todo*.

### 3.1.1 Antônimo

---

Pode haver discussões burras sobre inteligência? Sim. Elas são mais comuns do que discussões profanas sobre religião.

(*Veja, 14 nov. 2007, p. 124.*)

---

Alguns pensam árido.

Nós pensamos fértil.

(*Anúncio publicitário*)

---

Nos fragmentos apresentados, a coesão se estabelece por relações semânticas (de sentido); a manutenção do tema ocorre pela relação de antonímia (*burras X inteligência; profanas X religião; árido X fértil*).<sup>1</sup>

### 3.1.2 Diferentes modos de relações parte/todo

As relações parte/todo também podem ser chamadas de *partonímia* ou *meronímia*.<sup>2</sup> Elas compõem grande parte do texto e estão presentes em quase todos eles. Vejamos alguns exemplos possíveis das relações envolvendo esse tipo de associação:

- *Nomes de seres ou objetos que dividem o mesmo espaço físico* – “A energia é gerada por uma corda, como um ioiô. As teclas são de borracha. Assim é o *lap top* de baixo custo da fundação de Nicholas Negroponte, do MIT” (*Revista da Semana*, 19 de nov. 2007, p. 22).
- *Nomes de eventos* – “No Vale das Sombras é a primeira estreia sobre o Iraque a lembrar clássicos do Vietnã” (*Revista da Semana*, 19 nov. 2007, p. 32).
- *Nomes de grupos e de seus respectivos constituintes, largamente restritos a associações de seres humanos* – família (pai, mãe...), time (técnico, treinador, capitão).

<sup>1</sup> Antunes (2005, p. 133) fala da relação co-hiponímia, apresentando como exemplo as séries: animal, vegetal, mineral; casado, solteiro; inverno, primavera, verão, outono. Mas esses nomes podem funcionar como antônimos, por isso não incluímos a relação de co-hiponímia.

<sup>2</sup> Palavra que designa parte de outra (por exemplo, *copa* e *aba* são merônimos de chapéu).

### 3

## Coesão textual: associação e conexão

- *Nomes de coleções e seus constituintes* – biblioteca (livro), pinacoteca (quadros).
  - *Nomes de elementos que entram na composição de outros materiais* – “Vinhoterapia. O spa do vinho Caudalie Vinothérapie é o primeiro centro brasileiro de tratamento de saúde à base de uva, técnica desenvolvida na região de Bordeaux, na França” (*Revista da Semana*, 19 nov. de 2007, p. 26).
  - *Nomes de uma sequência:*
- 

### Política literária

O poeta *municipal*  
discute com o poeta *estadual*  
qual deles é capaz de bater o poeta *federal*.

Enquanto isso o poeta federal  
tira ouro do nariz

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia Poética*.  
Rio de Janeiro: Record, 2001, grifos nossos.)

---

A relação parte/todo pode ser estabelecida por substantivos, verbos ou adjetivos. Explorar esse mecanismo de coesão pode contribuir para a melhora da compreensão de textos por parte dos alunos. Observe a seguir, como Cecília Meireles construiu seu belo poema explorando tanto a sonoridade quanto a seleção lexical do campo semântico *chuva* – produzindo a coesão por associação.

---

### Enchente

Chama o Alexandre!  
Chama!

Olha a chuva que chega!  
É a enchente.  
Olha o chão que foge com a chuva...

Olha a chuva que encharca a gente.  
Põe a chave na fechadura.  
Fecha a porta por causa da chuva,  
olha a rua como se enche!

Enquanto chove, bota a chaleira  
no fogo: olha a chama! olha a chispa!  
Olha a chuva nos feixes de lenha!

Vamos tomar chá, pois a chuva  
é tanta que nem de galocha  
se pode andar na rua cheia!

Chama o Alexandre!  
Chama!

(MEIRELES, Cecília. *Ou Isto ou Aquilo*.  
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.)

---

---

## 3.2 Conexão

Observe atentamente o texto a seguir:

---

---

### Versão 1

Vamos falar de um tema importante: a formação do professor brasileiro. Esse tema é importante é responsável pelo progresso econômico também social de um país. Sem seja dada a devida atenção à formação dos profissionais de ensino, é impossível alcançar o patamar de desenvolvimento esperado. Se fala em desenvolvimento tecnológico, fala-se no ensino, esse desenvolvimento realmente ocorra, devemos valorizar o educador. Dados do MEC, faltam professores em todas as áreas; se valoriza o magistério essas vagas não serão preenchidas. É o se espera das medidas lançadas pelo governo reverter um quadro insiste em não melhorar. O pode ser feito para reverter essa situação? É consenso deve haver um piso mínimo (digno) incentivar a formação constante. Melhores salários atrairiam melhores profissionais estariam em constante aperfeiçoamento, garantindo uma educação de qualidade. Investir na formação do professor é investir na preservação do meio ambiente: indispensável para um país pretende deixar de ser “em desenvolvimento” e passar a ser “desenvolvido”. Valorizar a formação do educador é um dos principais (senão único) caminho para o desenvolvimento.

---

---

O texto está estranho, não? Vejamos agora a versão 2 do mesmo texto:

---

---

### Versão 2

Vamos falar de um tema importante: a formação do professor brasileiro. Esse tema é importante *porque* é responsável pelo progresso não só econômico, *mas* também social de um país. *Sem que* seja dada a devida

atenção à formação dos profissionais de ensino, é impossível alcançar o patamar de desenvolvimento esperado. *Todas as vezes que* se fala em desenvolvimento tecnológico, fala-se no ensino, mas *para que* esse desenvolvimento realmente ocorra, devemos valorizar o educador. Segundo dados do MEC, faltam professores em todas as áreas; portanto, *ou* se valoriza o magistério *ou* essas vagas não serão preenchidas. É o *que* se espera das medidas lançadas pelo governo para reverter um quadro *que* insiste em não melhorar. *Mas* o que pode ser feito para reverter essa situação? É consenso que deve haver um piso mínimo (digno) e incentivar a formação constante. *Isto é*, melhores salários atrairiam melhores profissionais que estariam em constante aperfeiçoamento, garantindo uma educação de qualidade. Investir na formação do professor é *como* investir na preservação do meio ambiente: indispensável para um país que pretende deixar de ser “em desenvolvimento” e passar a ser “desenvolvido”. Valorizar a formação do educador é, *portanto*, um dos principais (senão único) caminho para o desenvolvimento.

---

Da versão 1 para a versão 2, incluímos os conectores. Eles são responsáveis pelo estabelecimento das relações sintático-semânticas entre os segmentos do texto. Esses segmentos podem ser palavras, frases, parágrafos ou segmentos ainda maiores. Podem exercer a função de conectores, preposições e locuções prepositivas, advérbios (e locuções adverbiais) e conjunções (e locuções conjuntivas). Irandé Antunes (2005, p. 144), apresenta duas funções fundamentais para o estudo dos conectivos: entender a função dos conectores como elementos de ligação de subpartes do texto e entender esses conectores como elementos indicadores de relações de sentido e de orientação argumentativa.

Os conectores podem estabelecer uma série de relações. Vejamos algumas delas.

### 3.2.1 Relação de causalidade

Na relação de causalidade, temos dois segmentos (A e B), sendo que um expressa a causa da consequência indicada em outro: “Mamãe vai tomar” (consequência) “porque” (conectivo) “é saudável” (causa).

---

Mamãe vai tomar *porque* é saudável.

Você vai tomar porque é gostoso.

Papai vai tomar porque a mamãe mandou.

*(Anúncio de refrigerante)*

---

### 3.2.2 Relação de condicionalidade

A relação de condicionalidade se realiza quando um segmento expressa a condição para o conteúdo de um outro; existe uma relação de dependência entre esses segmentos: “Se fosse um sonho” (antecedente) e “você não ia querer acordar” (consequente).

---

Natal Cecília Dale.

Se fosse um sonho, você não ia querer acordar.

Como<sup>3</sup> é de verdade, você não vai querer dormir.

(Anúncio publicitário)

---

### 3.2.3 Relação de temporalidade

A relação de temporalidade expressa o tempo por intermédio do qual é possível recuperar eventos e ações apresentados.

---

*Quando* eu era pequena, meu programa preferido era passear no parque.

*Na adolescência*, era ir ao cinema.

*Mais tarde*, passou a ser jantar em um bom restaurante.

*Hoje*, é fazer tudo isso no mesmo dia.

(Anúncio publicitário)

---

Antunes (2005, p. 148) apresenta que a relação de temporalidade pode expressar dois tipos de ordem temporal: aquela que o enunciador percebeu para os acontecimentos, nomeada sequência temporal; e aquela em que as coisas vão aparecendo em um determinado texto, nomeada sequência textual (tópicos ou subtópicos que vão aparecendo no texto).

### 3.2.4 Relação de finalidade

A relação de finalidade, também chamada de mediação, ocorre quando um segmento explicita o objetivo (o fim) pretendido e expresso pelo outro segmento.

---

<sup>3</sup> Conector indicando relação de causalidade.

---

Crescer e mostrar saúde *para chegar ainda mais longe.*

(Anúncio publicitário)

---

### 3.2.5 Relação de alternância

A relação de alternância, também chamada de disjunção, pode ocorrer de duas maneiras:

- *ou exclusivo* (do latim *aut*) – não se admite que ambas as alternativas sejam verdadeiras.
  - *ou inclusivo* (do latim *vel*) – não há exclusão e sim soma.
- 

Gosto muito quando ouço um adolescente dizer que começou a gostar de ler com um livro meu. Ele *ou* [inclusivo] ela pode *ou* [exclusivo] não partir daí para leituras mais sérias [...].

(VERISSIMO, Luis Fernando. Revista Ler & Cia, nov. 2007, p. 24.)

---

### 3.2.6 Relação de conformidade

A relação de conformidade garante que algo foi realizado de acordo (conforme) com o que foi explicitado em outro segmento. Antunes (2005) apresenta que, na oralidade, é muito frequente o emprego do conectivo que nem, que estabelece essa relação, mas esse elemento não é aceito pela gramática normativa.

---

Os exercícios devem ser resolvidos *conforme* orientações presentes no edital.

---

### 3.2.7 Relação de complementação

Na relação de complementação, um segmento complementa o significado de um termo do outro segmento. Geralmente, esse segmento complementar é sujeito, complemento ou aposto (abrange as chamadas orações subordinadas substantivas).

---

Os exercícios devem ser resolvidos *conforme* orientações presentes no edital.

---

Não permita *que* estranhos mexam no medidor de luz.

*(Recomendação veiculada no envelope da fatura de energia elétrica)*

---

### 3.2.8 Relação de delimitação ou restrição

Na relação de delimitação, um segmento delimita ou restringe o conteúdo do outro segmento (são as chamadas orações subordinadas adjetivas restritivas).

---

#### **Campanha de Alfabetização**

Se você conhece alguém com mais de 15 anos *que* não saiba ler nem escrever, encaminhe-o a uma escola pública ou ligue para a Secretaria de Estado de Educação”.<sup>4</sup>

*(Envelope da fatura da conta de energia elétrica)*

---

### 3.2.9 Relação de adição

Na relação de adição, ou conjunção, ocorre a inclusão de mais um elemento (item ou argumento) ao conjunto ou a favor de uma determinada conclusão.

---

Nova loja em São Paulo. Entre *e* sinta-se em casa.

*(Anúncio publicitário)*

---

<sup>4</sup> Nesse período, temos, também, outros conetivos: *se*, que estabelece a relação de condição; *e*, de adição; e *ou*, que estabelece a relação de alternância.

### 3.2.10 Relação de oposição

A relação de oposição ou contrajunção, aqui apresentada, abarca as conjunções adversativas e concessivas. Temos uma relação em que um conteúdo expresso em um segmento se opõe a outro presente em outro segmento.

---

*Embora o resultado tenha sido um trabalho enxuto e com um ritmo acelerado, não acabou por descaracterizar completamente a obra do autor.*

*(Revista Ler & Cia, nov. 2007, p. 13.)*

---

### 3.2.11 Relação de justificação ou explicação

Na relação de justificação ou explicação, temos a explicação, justificação ou esclarecimento de um segmento anterior. Ela pode ser encontrada em abundância em textos explicativos ou expositivos.

---

*Lula já avisou a alguns interlocutores que nos próximos dias começa a negociar a indicação do nome com a bancada do PMDB no Senado – ou seja, José Sarney e Romero Jucá.*

*(Veja, 28 nov. 2007, p. 42.)*

---

### 3.2.12 Relação de conclusão

Na relação de conclusão, um segmento apresenta uma conclusão de algo a partir de proposições presentes em um segmento anterior.

---

*Em dezembro, completam-se 30 anos de morte da escritora Clarice Lispector. Para homenageá-la, portanto, fomos ouvir o escritor e crítico literário José Castello.*

*(Revista Ler & Cia, nov. 2007, p. 4.)*

---

### 3.2.13 Relação de comparação

Aqui temos uma relação de comparação (semelhanças ou diferenças) entre dois segmentos.

---

Família de Investimentos Recompensa Santander. *Como um bom vinho, quanto mais o tempo passa, melhor fica.*

*(Anúncio publicitário)*

---

Em algumas construções, o conector pode estar implícito, como em:

---

Resolveu isolar-se do mundo: não acreditava mais nos homens. (relação de causalidade)

Perde o vício de mentir. Acabarás desacreditado. (relação de condicionalidade)<sup>5</sup>

“Apague a luz, os pilotos sumiram.”

*(Veja, 28 nov. 2007, p. 39 – relação de causalidade)*

---

Você deve ter percebido uma aproximação com o conteúdo exposto pela gramática normativa no tópico de sintaxe. É isso mesmo, mas aqui, no contexto da coesão, temos um uso funcional, a serviço do texto, e não um elenco de termos que devem ser memorizados.

Para fechar, apresentaremos um quadro em que é possível localizar alguns conectivos que podem estabelecer as relações de conexão que acabamos de ver.

**Quadro 1 – Relações de conexão entre conectivos.**

Tipo de relação	Alguns conectivos
Causalidade	porque, uma vez que, visto que, já que, desde que, como
Condisionalidade	se, caso, desde que, contanto que, a menos que, sem que, salvo se, exceto se
Temporalidade	quando, enquanto, apenas, mal, antes que, depois que, logo que, assim que, sempre que, até que, desde que, todas as vezes que, cada vez que

<sup>5</sup> Exemplos coletados em: KOCH, I. G. V. Dificuldades na leitura/produção de textos: os conectores interfrásticos . In: KIRST, M.; CLEMENTE, E. (Orgs.). **Linguística Aplicada ao Ensino de Português**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 83-98.

Tipo de relação	Alguns conectivos
Finalidade	para que, a fim de que
Alternância	ou
Conformidade	de acordo, conforme, consoante, segundo, como
Complementação	que, se, como
Delimitação ou restrição	pronomes relativos
Adição	e, ainda, também, não só... mas também, além de, nem
Oposição	mas, porém, contudo, entretanto, no entanto, embora, se bem que, ainda que, apesar de
Justificação ou explicação	isto é, quer dizer, ou seja, pois
Conclusão	logo, portanto, pois, por conseguinte, então, assim como
Comparação	como, mais... do que, menos... do que, tanto... quanto

Fonte: Elaborado pela autora.

## Ampliando seus conhecimentos

### A escrita do hipertexto: produção textual no ciberespaço

(ARANTES, 2006)

#### Aspectos teóricos da escrita hipertextual

Na análise realizada sobre o processo de escrita hipertextual, que teve como corpus de estudo o site do Museu da Imagem e do Som (MIS), verificamos que tal escrita baseia-se em fatores de textualidade e que, quanto à organização textual, caracteriza-se pela apresentação das categorias de designação na condensação e de definição e individuação na expansão do texto, as quais ocorrem com base em operações e estratégias textuais, envolvidas todas elas na atividade de reescrita ou retextualização, na qual se parte de um texto base escrito para a sua chegada à versão hipertextualizada, possibilitando ao leitor/usuário não-linearidade, volatilidade, acessibilidade ilimitada, espaço topográfico, multissemiose, fragmentariedade e interatividade, características intrínsecas à natureza do hipertexto.

Por meio de fundamentos teóricos acerca da escrita, da textualidade e do hipertexto, que nos deram subsídios para a análise, constatamos que a escrita hipertextual apresenta estratégias e características que lhe são

peculiares. Entre tais fundamentos presentes na produção hipertextual, observamos:

- os traços particulares da escrita eletrônica: a flexibilidade, a interatividade e a presença de marcas de oralidade;
- a textualidade na produção e recepção de textos, tomando por base os fatores de textualidade, apontados por Beaugrande&Dressler (1981), entre os quais destacamos a coerência, a coesão e a intertextualidade, essenciais para a constituição de um texto; as categorias básicas de condensação e expansão do texto descritivo, circunscritas em regras de equivalência e hierarquização, postuladas por Marquesi (1990);
- os aspectos cognitivos no processamento de um texto, estudadas por Fávero (2002), em que se toma o frame como o modelo cognitivo mais global; às estratégias cognitivas (de coerência local, esquemáticas etc.) que se baseiam nas inferências e intenções do leitor, abordadas por Van Dijk (2002);
- ao modelo de operações textuais-discursivas na atividade de retextualização, proposto por Marcuschi (2000);
- as características do hipertexto que destacamos a noção de coerência global e local; a presença de links associados aos operadores de coesão hipertextual e a intertextualidade, considerando, também, os elementos da natureza do hipertexto presentes no seu acesso pelo leitor.

Em resumo, a verificação da textualidade na produção do hipertexto evidenciou os seguintes aspectos:

- atividade de retextualização, constituída pela passagem de um texto escrito-base para a sua forma final hipertextual;
- estratégias textuais de:
  - a. eliminação, na seleção dos assuntos a serem tratados;
  - b. inserção, na escrita das pequenas porções textuais, tendo em vista a informação relevante para cada frame designado;
  - c. reordenação, na expansão dos frames, propondo subdivisões;

- d. reformulação, na reordenação sintática da ordem dos frames e da produção textual dos blocos textuais, observada pela troca de papéis na relação entre hiperônimos e hipônimos;
- e. substituição, no tratamento estilístico de novas estruturas sintáticas, adequando a linguagem à comunicação on-line, apresentando marcas da oralidade;
- f. estruturação, na estruturação argumentativa do texto, possibilitando ao leitor/usuário uma coerência global. O escritor-produtor estrutura o texto baseando-se em suposições sobre os diversos interesses do leitor pela busca de informações e, consequentemente, pelas múltiplas possibilidades de leitura;
- g. condensação, no agrupamento de argumentos, a qual permite expandir o conteúdo por meio de aberturas, tendo em vista a relação com o argumento principal.

[...]

## Atividades

1. Identifique que tipo de relação foi estabelecida pelos conectores destacados no texto a seguir:

---

Uma grande bobagem. Clarice não nega *ou* abandona o real. Ela expande seus limites *e* mostra *que* a realidade é algo muito mais amplo, complexo e perturbador do que nossas vidinhas cotidianas e interesses imediatos.

*(Revista Ler & Cia, nov. 2007, p. 7.)*

---

2. Elabore um parágrafo (tema livre) em que você empregue os seguintes conectores: *como* (estabelecendo a relação de comparação), *conforme*, *mas*.
3. Encontre, em veículos de textos escritos, exemplos de segmentos em que se tenha empregado a coesão por associação. Caso não encontre, produza seus próprios exemplos.

- a. Por antônimos.
- b. Por diferentes modos de relações parte/todo.

---

Resolução

1. *Ou*: relação de alternância; *e*: relação de adição; *que*: relação de complementação.
2. Resposta pessoal.
3. Resposta pessoal.



# 4

## Seleção do vocabulário

O que é necessário para que uma prática de texto em língua portuguesa seja eficaz? Ou seja, que a compreensão e a produção de gêneros diversos ocorra com qualidade. Além do conhecimento sobre os gêneros de textos e tipos de sequências, é necessário dominar os mecanismos de coesão e coerência e, também, compreender as nuances do vocabulário de uma língua. Quanto à importância do vocabulário, segue um comentário muito elucidativo:

Sem muito exagero, pode-se dizer que o vocabulário coloca-se ao lado dos elementos identificadores do indivíduo (impressão digital, DNA, arcada dentária), com a diferença, óbvia, de que ele é produto de circunstâncias externas, de variada natureza, e dependente, em grande parte, do livre-arbítrio para ser assimilado. Transformações de natureza socioeconômica contribuem de forma decisiva para o crescimento do acervo lexical da língua, envolvendo necessariamente um número expressivo de “usuários” das novas palavras. Surgimento de novas profissões e campos do conhecimento, ao lado de novas acepções, incorporadas por determinados vocábulos, estão na base dessas mudanças. (MELO; PAGNAN, 1999, p. 24)

Como deve ter ficado claro, conhecer (e dominar o emprego de) um bom número de palavras é de vital importância para qualquer um que pretenda fazer uso da linguagem; para quem pretende ser um *profissional da linguagem* – como os futuros professores de língua e literatura – esse domínio torna-se imprescindível.

Na sequência, vamos tratar das características do vocabulário, de sua importância para a leitura e, finalmente, discutir estratégias para o enriquecimento vocabular.

## 4.1 Características do vocabulário

Liberato e Fulgêncio (2007, p. 103) apresentam que o vocabulário de uma língua é muito mais que as palavras e seus significados. Além desses elementos, o léxico<sup>1</sup> compreende outras informações, como *grupos de palavras* (barriga da perna, meio ambiente), *fórmulas fixas* (bom dia, de nada), *expressões idiomáticas*<sup>2</sup> (chutar o balde) e *frases feitas* (vai ver se eu estou na esquina).

Há, também, as *construções convencionais*, que guardam nossa preferência, mesmo que outras construções sejam possíveis. Como exemplo, vejamos as três redações a seguir:

---

Você quer vir a ser casada comigo?

Você quer casar comigo?

Nosso casamento é desejado por você?<sup>3</sup>

---

Qual das construções é majoritariamente empregada? Com certeza é a segunda, apesar de a primeira e a terceira serem possíveis.

Ainda para Liberato e Fulgêncio (2007, p. 104), o léxico possui outras informações internalizadas, como:

- morfemas da língua -ado (*cansado, casado*); -eiro (*roceiro, blogueiro*);
- noções morfológicas – número (singular e plural), gênero (masculino e feminino);
- informações sintáticas – classe gramatical da palavra;
- restrições de combinação de itens – tomar um comprimido/tomar uma pizza<sup>4</sup>;
- exigências no uso das preposições;

<sup>1</sup> “O vocabulário de uma língua. Todo falante de uma língua possui um determinado vocabulário, que compreende seu *vocabulário ativo*, ou seja, as palavras de que ele faz uso, e seu *vocabulário passivo*, ou seja, as palavras que ele comprehende, mas normalmente não usa. Em linguística, porém, geralmente não se fala do vocabulário de uma determinada língua, e sim de seu *léxico*, o inventário total de palavras disponíveis aos falantes” (TRASK, 2006, p. 155).

<sup>2</sup> “Uma expressão cujo significado não pode ser derivado pela análise das palavras que a constituem” (TRASK, 2006, p. 142).

<sup>3</sup> Exemplo citado por Liberato e Fulgêncio (2007, p. 103).

<sup>4</sup> Exemplo citado por Liberato e Fulgêncio (2007, p. 103).

- as aceitações do verbo em relação a seus complementos, entre outras características.

Garcia (2006), tratando das características do vocabulário, comenta que, para compreender o significado das palavras, é importante compreender as noções de *denotação* e *conotação*. Para Trask (2006, p. 63-64; 72-73), *conotação* é o “significado não central que uma palavra adquire por meio de associações frequentes.” Já *denotação* refere-se ao “significado central de uma forma linguística, encarado como o conjunto das coisas a que essa forma poderia fazer referência.” Ilari (2001, p. 41) assim define esses conceitos:

A conotação é o efeito de sentido pelo qual a escolha de uma determinada palavra ou expressão dá informações sobre o falante, sobre a maneira como ele representa o ouvinte, o assunto e os propósitos da fala em que ambos estão engajados etc. A conotação opõe-se à denotação, que é o efeito de sentido pelo qual as palavras falam “neutramente” do mundo.

Em um par de exemplos bem simples, teríamos:

---

---

I. José é um palito (conotação).

---

---

II. Pegue um palito da caixa de fósforos (denotação).

---

---

O conhecimento sobre o sentido das palavras (denotação ou conotação) é importante porque é o primeiro passo para decidirmos qual significado a palavra terá em determinado contexto linguístico.

Outra informação relevante para o reconhecimento e a ampliação do vocabulário é a relacionada às *famílias de palavras e tipos de vocabulário*. Garcia (2006, p. 196) conceitua as famílias etimológicas como aquelas formadas a partir de um radical comum, havendo ampliação com afixos e desinências. Garcia cita como exemplo de família etimológica a formada pelo radical latino *loqu* (e sua variante *loc*) – significando *falar* –, a partir do qual são formadas mais de 15 palavras novas: *locução, locutor, loquaz, loquacidade, locutório, loquela, alocução, elocução, elóquio, eloquência, circunlóquio, colóquio, colocutor, antelóquio, prolóquio, grandiloquente*. Recorrer, portanto, aos mecanismos de formação de palavras é uma forma eficaz de compreender vocábulos e ampliar o léxico.

Além das famílias etimológicas, Garcia trata das *famílias ideológicas campo associativo*, nos quais as palavras se agrupam segundo o significado (caracterizando a coesão por associação e a coerência – conhecimento de mundo). Um exemplo de família ideológica poderia ser criado a partir do vocábulo *agricultura*: *campo, arado, agricultor, boiadeiro, veterinário, agrônomo, tratador, pecuário, gado, rebanho, ração*.

Garcia apresenta, ainda, *quatro tipos de vocabulário*, que seriam: o da língua falada ou coloquial, o da linguagem escrita, o de leitura e o de simples contato.

O vocabulário da língua falada ou coloquial é relativamente pequeno e apresenta teor concreto. Sendo aprendido ao ouvir, é empregado, na maioria das vezes, na comunicação oral da vida diária.

O da linguagem escrita inclui palavras do primeiro tipo (língua falada ou coloquial) mais outras de uso ocasional.

Esses dois grupos – o da língua falada ou coloquial e o da linguagem escrita – compõem o *vocabulário ativo* e objetivam a expressão do nosso pensamento, por meio da produção de textos orais e escritos.

O de leitura comprehende palavras que não empregamos com frequência mas conhecemos, não sendo necessária a consulta ao dicionário.

Finalmente, o de simples contato comporta grande número de palavras (ouvidas ou lidas) cujo significado não dominamos.

Esse segundo grupo – composto pelas palavras que garantem a recepção de textos – é denominado *vocabulário passivo*.

## 4.2 Vocabulário e leitura

As características do léxico (ou do vocabulário) anteriormente esmiuçadas podem dinamizar ou não a leitura. Para Liberato e Fulgêncio (2007, p. 105):

O vocabulário desconhecido diminui a velocidade de leitura e interfere na fluência e no fluxo de obtenção de informação. Ao usar uma palavra ou expressão já conhecida, o autor está ativando na mente do leitor as informações relacionadas a esse estímulo, que são usadas para conectar as partes do texto, tanto do ponto de vista estrutural quanto semântico.

Liberato e Fulgêncio, ainda tratando da importância do vocabulário para a leitura, citam pesquisas que demonstram a “relação entre compreensão de texto e de vocabulário”, (p. 105); em outras palavras, quanto mais palavras conhecidas, maior a compreensão do texto. Segundo a pesquisa comentada pelas autoras, “para garantir a compreensão, um texto deve conter por volta de 98% de palavras conhecidas.” Se pensarmos nos baixos índices de leitura obtidos em provas de desempenho escolar, evidencia-se a importância desse tópico para o ensino-aprendizagem de língua portuguesa.

Isso pode significar, então, que, se queremos produzir um texto em colaboração com nosso interlocutor, temos que cuidar para que o emprego de vocábulos não se tornem um empecilho na tarefa do receptor de atribuir significado ao texto (leitura), ao mesmo tempo que devemos ampliar nosso vocabulário (ativo ou passivo) para compreendermos um número grande de gêneros textuais.

Para tanto, primeiro devemos lembrar que “[...] a percepção visual integral de cada palavra do texto não é imprescindível para se chegar ao significado” (LIBERATO; FULGÊNCIO, 2007, p. 105-106). Isso quer dizer que, na maioria das vezes, “adivinhamos” uma palavra pelo seu entorno. É o que chamamos de *procedimento top-down*. Esse procedimento faz um largo uso do contexto linguístico, em que ocorre o apoio no contexto e no conhecimento prévio para a identificação das palavras e para a obtenção da informação.

Liberato e Fulgêncio (2007, p. 108) lembram, ainda, que a compreensão dos itens lexicais é importante porque “o uso de vocabulário raro ou desconhecido pode ser prejudicial para o leitor, pois torna o processo de leitura mais lento, visto que a leitura deixa de empregar a estratégia *top-down*”. Também, “sem a compreensão do vocabulário, ou pelo menos de um número significativo de palavras que permita a elaboração do sentido, mesmo que delineado em linhas gerais, todo o processo de leitura se desmantela.”

Daí a necessidade de escolher o vocabulário mais adequado para aquele evento linguístico (situação + objetivo + interlocutores). Vamos ver alguns casos em que a escolha do vocabulário pode dificultar a leitura, segundo Liberato e Fulgêncio (2007, p. 107-121). Seriam eles:

- o entulhamento de itens desconhecidos;
- o uso eventual de léxico desconhecido;
- o uso de termos genéricos e vagos;
- o uso de vocabulário incorreto.

O *entulhamento* (acúmulo, amontoamento) de *itens desconhecidos* simplesmente impossibilita a depreensão do significado. Esse entulhamento ocorre, muitas vezes, em grupos profissionais específicos, como o jurídico, o econômico, o da medicina e o da informática.

Isso ocorre porque alguns profissionais dessas áreas acreditam que escrever bem é escrever difícil, empregando palavras e/ou construções raras em vez da simplicidade (mas sempre com conteúdo). Observe o exemplo a seguir.

---

### Tradução simultânea

Dois exemplos de textos jurídicos genuínos – na versão original, em juridiquês, e em seguida simplificados, o primeiro pela professora Hélide Santos Campos, da Unip-Sorocaba, o segundo pelo advogado Sabatini Giampietro Netto:

V. Ex.<sup>a</sup>, *data maxima venia*, não adentrou às entranhas meritórias doutrinárias e jurisprudenciais acopladas na inicial, que caracterizam, hialinamente, o dano sofrido.\*

\*Tradução: V. Ex.<sup>a</sup> não observou devidamente a doutrina e a jurisprudência citadas na inicial, que caracterizam, claramente, o dano sofrido.

Com espia no referido precedente, plenamente afincado, de modo consuetudinário, por entendimento turmário iterativo e remansoso, e com amplo supedânio na Carta Política, que não precitua garantia ao contencioso nem absoluta nem ilimitada, padecendo ao revés dos temperamentos contritores limados pela dicção do legislador infra-constitucional, resulta de meridiana clareza, tornando despicienda maior peroração, que o apelo a este Pretório se compadece no imperioso prequestionamento da matéria abojada na insurgência, tal entendido como expressamente abordada no Acórdão guerreado, sem o que

## 4

### Seleção do vocabulário

estéril se mostrará a irresignação, inviabilizada *ab ovo* por carecer de pressuposto essencial ao desabrochar da operação cognitiva.\*\*

\*\**Tradução: Um recurso, para ser recebido pelos tribunais superiores, deve abordar matéria explicitamente tocada pelo tribunal inferior ao julgar a causa. Isso não ocorrendo, será pura e simplesmente rejeitado, sem exame do mérito da questão.*

(Revista Língua Portuguesa, out./nov. 2005, p. 20.)

---

Em alguns casos, no entanto, o uso de itens desconhecidos ou vagos é uma escolha, para transmitir uma falsa impressão de elegância e erudição. Assim, quem escreve pretende demonstrar conhecimento e ao mesmo tempo descharacterizar o interlocutor – se não entendo não posso opinar, criticar, opor-me ao texto dado.

Tratando do *uso eventual de léxico desconhecido*, a dificuldade diminui – se compararmos o uso eventual com o uso excessivo de léxico desconhecido. Mas os problemas ainda persistem, principalmente se o termo desconhecido for um item-chave, que guarda informações relevantes para a compreensão daquele evento linguístico. O uso eventual de item desconhecido pode ocorrer de três formas: conceito conhecido, mas forma desconhecida; forma e conceito desconhecidos e forma conhecida; e conceito desconhecido.

O emprego de *termos genéricos e vagos* compromete a leitura porque não ajuda o leitor a identificar exatamente do que se está tratando, como no exemplo a seguir:

---

O procedimento é muito simples. Primeiro você separa as coisas em grupos diferentes. É claro que uma pilha pode ser suficiente, dependendo de quanto há por fazer. Se você preferir ir a outro lugar por falta de equipamento, então esse será o segundo passo. Se não precisar pode começar.

É importante não exagerar. Isto é, é melhor fazer umas poucas coisas de cada vez do que muitas. Isto pode parecer importante imediatamente, mas as complicações podem começar a surgir. Um erro pode custar caro.

No início o procedimento poderá parecer complicado. Logo, porém, ele será simplesmente mais um fato da vida. É difícil prever algum fim para a necessidade desta tarefa no futuro imediato, mas nunca se sabe.

Depois de o procedimento ter sido completado, você deverá agrupar os materiais em diferentes pilhas novamente. Em seguida, eles podem ser guardados nos lugares apropriados. Um dia eles serão usados mais uma vez e o ciclo então terá que ser repetido. Contudo, isso faz parte da vida

(BRANSFORD; MCCARRELL apud KLEIMAN, 2007).

Fica difícil saber do que se está tratando! Palavras e expressões como *procedimento, coisas, equipamentos, tarefa, materiais, lugares apropriados* podem ser empregadas em muitas situações. Ao atribuirmos um título a esse texto – *Como lavar roupas* – no entanto, o texto torna-se coerente e os vocábulos passam a ter significado.

Finalmente, outro caso em que o vocabulário pode dificultar a leitura é aquele em que é utilizado vocabulário incorreto. Isso ocorre, muitas vezes, pela tentativa de dar ao texto uma roupagem mais atraente.

### 4.3 Como ampliar o vocabulário

Deve ter ficado claro como o desconhecimento do vocabulário pode prejudicar o processo de leitura. Como o texto não precisa e nem pode ser formado apenas por palavras conhecidas, é importante ampliar o vocabulário, já que ele é responsável pela leitura. Essa ampliação deve ocorrer de forma progressiva e constante, visto que nem sempre o uso do dicionário é suficiente, já que interrompe a leitura. Vejamos, a seguir, algumas estratégias que podem favorecer essa ampliação, segundo Liberato e Fulgêncio (2007, p. 121).

O léxico deve, na medida do possível, ser ampliado pelo próprio texto, “de forma a possibilitar a dedução do significado dessa nova palavra a partir de explicações ou de pistas relevantes fornecidas pelo contexto linguístico” (LIBERATO, FULGÊNCIO, 2007, p. 121). A principal estratégia é o contexto, por meio do qual o leitor consegue encontrar meios para realizar inferências; para tanto, são empregadas:

- estratégias metacognitivas;
- estratégias cognitivas;
- contexto sintático; e
- exemplificação.

As *estratégias metacognitivas* são aquelas realizadas conscientemente, em um processo no qual o leitor para a leitura a fim de encontrar em outro ponto do texto informações suficientes para atribuir significação a um vocábulo. Esse processo é útil pois possibilita a aprendizagem de palavras novas, mas diminui o ritmo de leitura.

Quando a compreensão da palavra é feita de forma inconsciente, sem comprometer o ritmo da leitura, dizemos que foi empregada a *estratégia cognitiva*, em que o significado da palavra foi compreendido por meio do paralelismo, do tópico e do gênero discursivo.

No *contexto sintático*, a classe a que a palavra pertence pode ser depreendida por marcas morfológicas, além dos vocábulos antecedentes ou subsequentes.

Finalmente, a *exemplificação*, se colocada em posição adequada no material linguístico, também pode favorecer a compreensão de itens lexicais (cf. LIBERATO; FULGÊNCIO, 2007, p. 121-122).

O tópico anterior tratou, principalmente, da compreensão do vocabulário no processamento de leitura. Tratando-se especificamente do uso de vocábulos na produção de textos, Garcia (2006) sugere alguns procedimentos para enriquecê-lo, como a paráfrase, a amplificação e alguns outros exercícios.

A *paráfrase* consiste na reescrita de um texto A em um texto B, substituindo palavras e/ou expressões por outras equivalentes.

A *ampliação* – tentativa de dizer a mesma coisa de maneiras diferentes – pode contribuir para o enriquecimento do seu vocabulário.

É possível, ainda, propor a adaptação de textos com interpolação de sinônimos para escolha, listas de coisas ou seres de forma ou aparência inconfundível para caracterização concreta (adjetivação), ruptura de clichês, derivação e cognatismo, entre outros.

Como mais um recurso para o domínio e ampliação do vocabulário, Garcia indica recorrer ao dicionário. Apesar de parar momentaneamente a leitura, não é um recurso que deva ser negligenciado. É importante lembrar que há vários tipos de dicionários, como os analógicos ou de ideias afins, os de sinônimos e os de etimologia.

Recado final: quando for escolher os vocábulos que vão compor seu texto, cuidado com os clichês! Os clichês (ou chavões ou ideias prontas) “são ideias cristalizadas, não necessariamente ideológicas, lugares-comuns que denunciam a estreiteza do repertório de quem os usa.” Alguns exemplos: um artista agradecer a essa “plateia maravilhosa”, iniciar uma redação escolar por “hoje em dia”, ou preparar a conclusão de um texto (principalmente quando tratando de questões sociais) com “precisamos nos conscientizar” (MELO; PAGNAN, 1999, p. 30-31).

## Ampliando seus conhecimentos

### O léxico

(ILARI; BASSO, 2006, p. 134-140. Adaptado.)

O português do Brasil tem um léxico de uso corrente de cerca de 60 mil palavras. É claro que esse número se refere aos usuários de português brasileiro em seu conjunto. O vocabulário que cada falante domina passivamente (isto é, que lê e sabe interpretar, se for o caso) é apenas uma parte do léxico da língua, e o vocabulário que cada um utiliza,ativamente, em seus próprios enunciados é ainda mais reduzido do que esse vocabulário passivo. Os estudos de natureza estatística vêm mostrando já há algum tempo que há grande variação na frequência de uso dos vários itens de vocabulário.

Analisando do ponto de vista histórico, o léxico do português brasileiro aparece como resultado de um longo processo, no qual muitas palavras antigas se perdem ou só sobrevivem com novas funções e novos valores, ao mesmo tempo que novas palavras vão sendo constantemente criadas. Para entender melhor esse processo, podemos distinguir no léxico do português do Brasil quatro grandes conjuntos de palavras e expressões: a) *as que remontam ao latim vulgar*, como resultado de seu desenvolvimento fonético; b) *os empréstimos* recebidos das línguas com que o português teve contato; c) *palavras eruditas* tiradas diretamente do latim e do grego clássicos; d) *as criações vernáculas*, isto é, palavras criadas no interior da própria língua com base em palavras preexistente.

[...]

## Os empréstimos

O enriquecimento do vocabulário através de empréstimos é atestado desde as épocas mais antigas. O próprio latim vulgar já havia assimilado e difundido palavras de outras línguas (por exemplo, o grego *parabolé*, que deu origem a *palavra*, ou o germânico *saipo*, antepassado de *sabão*).

Bem antes que o português se constituísse como uma língua, entre os séculos V e VII, os falares românicos usados ao norte do Rio Douro receberam das línguas germânicas faladas pelos suevos e pelos visigodos as palavras *escaramuça*, *dardo*, *elmo*, *espora*. A partir do século VII, do árabe, vieram, entre outras, *acelga*, *açoite*, *alfaiate*.

Os vários dialetos do *espanhol* foram uma fonte importante de empréstimos desde o português antigo, e a influência castelhana marcou profundamente o português entre 1580 e 1640, quando Portugal esteve sob o domínio espanhol. Entre as palavras que devem ser atribuídas a essas influências milenares estão *quadrilha*, *baunilha*, *cordilheira*.

Passando às línguas românicas faladas fora da Ibéria, a influência do *provençal* foi importante no período do trovadorismo e muitas vozes do *italiano* foram incorporadas ao português durante a Renascença e nos séculos seguintes (*gazeta*, *partitura*, *solfear*), mas a língua românica que mais influenciou o léxico português foi o *francês*, que, em diferentes momentos, transferiu para o português termos ligados à guerra (*pistola*), à cultura filosófica e literária (*romantismo*) e à tecnologia (*compasso*).

[...]

## 4

## Seleção do vocabulário

### Atividades

1. Construa uma família etimológica a partir do radical latino *centri-* ("centro") e uma família ideológica acerca do vocábulo *literatura*.
2. Preencha as lacunas com uma das opções entre parênteses, aquela que julgar mais adequada ao contexto<sup>5</sup>:
  - a. As atividades deveriam ser \_\_\_\_\_ no prazo estipulado em edital.  
(realizadas – feitas)
  - b. \_\_\_\_\_ esse cargo desde o ano passado, quando fui aprovado em concurso público.  
(exerço – desempenho – ocupo)
  - c. Algumas questões provocam \_\_\_\_\_, como aquelas relacionadas à pena de morte e ao aborto, por exemplo.  
(polêmicas – dúvidas – controvérsias)
  - d. Quando o presidente foi \_\_\_\_\_ as novas medidas, pediu atenção de todo o ministério.  
(comunicar – dizer – declarar)
  - e. A atendente \_\_\_\_\_ os documentos para poder preencher a ficha cadastral.  
(pediu – solicitou – requisitou)
3. Construa frases com os seguintes vocábulos:
  - a. expressão – cara – rosto – aparência
  - b. elaborar – criar – bolar
4. Reescreva o trecho a seguir, substituindo os vocábulos e/ou expressões vagas por outras mais específicas. Imagine, para tanto, tratar-se de *lavar roupas*. Faça as adaptações necessárias:

O procedimento é muito simples. Primeiro você separa as coisas em grupos diferentes. É claro que uma pilha pode ser suficiente, dependendo de quanto há por fazer. Se você preferir ir a outro lugar por falta de equipamento, então esse será o segundo passo. Se não precisar pode começar. É importante não exagerar. Isto é, é melhor fazer umas poucas coisas de cada vez do que muitas. Isto pode parecer importante imediatamente, mas as complicações podem começar a surgir. Um erro pode custar caro.

No início o procedimento poderá parecer complicado. Logo, porém, ele será simplesmente mais um fato da vida. É difícil prever algum fim para a necessidade desta tarefa no futuro imediato, mas nunca se sabe.

Depois de o procedimento ter sido completado, você deverá agrupar os materiais em diferentes pilhas novamente. Em seguida, eles podem ser

<sup>5</sup> Exercício adaptado de Carneiro (1993, p. 122).

guardados nos lugares apropriados. Um dia eles serão usados mais uma vez e o ciclo então terá que ser repetido. Contudo, isso faz parte da vida.

(BRANSFORD; MCCARRELL *apud* KLEIMAN, 2007).

---

---

## Resolução

1. Família etimológica: centro, centrípeto, centrossomo, centro, centrosfera, centroavante, centrífuga, centralidade, centralismo, centralizar.  
Família ideológica: poesia, prosa, verso, gêneros, romance, crônica, conto, teatro, drama, escritor.
2. a) realizadas; b) ocupo; c) polêmicas; d) comunicar; e) solicitou.
3. Observe que, na elaboração das frases, apesar de os vocábulos apresentarem significados semelhantes, seu emprego adequado deve considerar o contexto.
4. Lavar roupas é muito simples. Primeiro você separa as roupas em grupos diferentes. É claro que uma pilha pode ser suficiente, dependendo de quanto há por lavar. Se você preferir lavar em outro lugar por falta de sabão ou de uma máquina de lavar, então esse será o segundo passo. Se não precisa disso, pode começar. É importante não exagerar, isto é, é melhor lavar aos poucos, pela característica das roupas, do que misturar tudo. Isso pode não parecer importante imediatamente, mas você pode estragar as roupas, manchando-as. Um erro pode custar caro. No início, a lavagem poderá parecer complicada. Logo, porém, ela será simplesmente mais um fato da vida. É difícil prever algum fim para a necessidade de lavar roupas no futuro imediato, mas nunca se sabe. Depois de o procedimento ter sido completado, você deverá agrupar as roupas por tipo em diferentes pilhas novamente. Em seguida, elas podem ser guardadas em gavetas e armários apropriados. Um dia elas serão usadas mais uma vez (e sujarão) e a lavagem então terá que ser repetida. Contudo, isso faz parte da vida.



# 5

# Parágrafo

Para iniciar a discussão desse capítulo, vamos refletir sobre a seguinte pergunta: qual das duas versões a seguir é mais legível (no sentido de poder ser interpretada de forma correta e mais rapidamente)?

---

## Versão 1

### As palmeiras de Dom João VI

Nunca dei palpite sobre a recorrente (e redundante) polêmica a respeito da rivalidade entre Rio e São Paulo. Isso não me impede de estranhar certas matérias e artigos da imprensa paulista considerando as comemorações da chegada da corte de Dom João VI ao Brasil como um pretexto para colocar a azeitona de praxe na empada do carioca. O Rio tem misérias mil, da mesma forma que tem os “encantos mil do coração do meu Brasil” – segundo a letra do nosso hino oficial. Encantos e misérias que formam a sua biografia – e o Rio não tem culpa de possuir uma succulenta biografia para todos os gostos. Desde o Cristo Redentor, maravilha de um mundo sem maravilhas, até as chacinas que formam o nosso dia a dia nada maravilhoso. Quando tivemos a Rio-92, a imprensa paulista preferiu a expressão Eco-92. As duas versões estavam corretas. Foi uma questão de escolha – ou critério – editorial. No resto do mundo e nos documentos oficiais, ficou a primeira expressão, como a do Tratado de Madri, a Dieta de Worms (nem sei o que é isso, só

lembro o nome), o Édito de Nantes, o Congresso de Viena etc. O grau de importância não conta. Nenhum carioca ousou reclamar do “Ouviram do Ipiranga” nem contestar o horário do trem de Jaçanã. Cada macaco tem o direito a seu galho, ou cada galho tem o direito a ter um macaco. O fato é que o Rio, aldeia infecta e cidade suja até hoje, durante algum tempo foi sede de um império europeu que tinha colônias em vários continentes. A chegada da corte portuguesa é considerada por muitos estudiosos o pontapé inicial de nossa partida na história. Penso sempre em Dom João VI quando vejo as palmeiras imperiais que ele plantou e que se refletem na Lagoa, em frente à minha varanda.

*(CONY, 2007. Adaptado.)*

## Versão 2

### As palmeiras de Dom João VI

Nunca dei palpite sobre a recorrente (e redundante) polêmica a respeito da rivalidade entre Rio e São Paulo. Isso não me impede de estranhar certas matérias e artigos da imprensa paulista considerando as comemorações da chegada da corte de Dom João VI ao Brasil como um pretexto para colocar a azeitona de praxe na empada do carioca.

O Rio tem misérias mil, da mesma forma que tem os “encantos mil do coração do meu Brasil” – segundo a letra do nosso hino oficial. Encantos e misérias que formam a sua biografia – e o Rio não tem culpa de possuir uma suculenta biografia para todos os gostos. Desde o Cristo Redentor, maravilha de um mundo sem maravilhas, até as chacinas que formam o nosso dia a dia nada maravilhoso.

Quando tivemos a Rio-92, a imprensa paulista preferiu a expressão Eco-92. As duas versões estavam corretas. Foi uma questão de escolha – ou critério – editorial. No resto do mundo e nos documentos oficiais, ficou a primeira expressão, como a do Tratado de Madri, a Dieta de Worms (nem sei o que é isso, só lembro o nome), o Édito de Nantes, o Congresso de Viena etc. O grau de importância não conta.

Nenhum carioca ousou reclamar do “Ouviram do Ipiranga” nem contestar o horário do trem de Jaçanã. Cada macaco tem o direito a seu galho, ou cada galho tem o direito a ter um macaco.

O fato é que o Rio, aldeia infecta e cidade suja até hoje, durante algum tempo foi sede de um império europeu que tinha colônias em vários continentes. A chegada da corte portuguesa é considerada por muitos estudiosos o pontapé inicial de nossa partida na história.

Penso sempre em Dom João VI quando vejo as palmeiras imperiais que ele plantou e que se refletem na Lagoa, em frente à minha varanda.

*(CONY, 2007)*

Evidentemente a versão 2 é a mais legível e isso se dá essencialmente por sua apresentação visual: por vir distribuída em parágrafos, essa versão auxilia a tarefa da leitura. Na sequência, veremos a importância dos parágrafos para a leitura e alguns tipos de parágrafos.

## 5.1 Definição de parágrafo

Mas o que é um parágrafo? Para Abreu (2006, p. 73), “parágrafo é uma estrutura superior à frase, que desenvolve, eficazmente, uma única ideia-núcleo.”

Para Faraco e Tezza (2003, p. 210) “o parágrafo é uma subunidade de significado na unidade maior do texto, em geral destacada graficamente do conjunto pela entrada da primeira linha.”

Bakhtin (*apud* FARACO; TEZZA, 1992, p. 168-169) comenta que:

A composição sintática dos parágrafos é extremamente variada. Eles podem conter desde uma única palavra até um grande número de orações complexas. Dizer que um parágrafo deve conter a expressão de um pensamento completo não leva a nada. O que é preciso, afinal, é uma definição do ponto de vista da linguagem, e em nenhuma circunstância pode a noção de “pensamento completo” ser considerada como uma definição linguística. [...]

Penetrando mais fundo na essência linguística dos parágrafos, convencer-nos-e-mos de que, em certos aspectos essenciais, eles são análogos às réplicas de um diálogo. [...] Na base da divisão do discurso em partes, denominadas parágrafos na sua forma escrita, encontra-se o *ajustamento às reações previstas do ouvinte e do leitor*. Quanto mais fraco o ajustamento ao ouvinte e a consideração de suas reações, menos organizado, no que diz respeito aos parágrafos, será o discurso.

Das definições anteriores depreende-se que um parágrafo consiste na organização linguística de uma informação (ou parte dela). A extensão desse parágrafo e a quantidade de informação que ele suporta vão depender da intenção do produtor. Deve-se ter em mente que a mudança de parágrafo indica ao leitor o fechamento de um conjunto de informações, que deve ser completo em si mesmo. Como salienta Bakhtin, ao organizar o texto em parágrafos, o produtor deve pensar em seu possível interlocutor e tentar antecipar-se a ele, apresentando o texto de modo a *orquestrar* sua compreensão leitora. Assim, incluir ou não uma informação em um parágrafo deve depender dessa intenção.

### 5.1.1 Importância do parágrafo

A organização das informações em parágrafos, além de sua importância visual, é vital para a leitura; portanto, se queremos que nossos textos sejam lidos com prazer e compreendidos adequadamente, temos que ser colaborativos com nossos interlocutores e produzir textos compostos por parágrafos bem organizados.

Liberato e Fulgêncio (2007) ao discutirem a importância do parágrafo como facilitador da leitura, resenham a dissertação de mestrado de Maria Bernadete Rehfeld<sup>1</sup>, a qual afirma que

[...] a paragrafação constitui um dos aspectos importantes da estruturação dos textos e, nesse sentido, relaciona-se com o problema da compreensão em leitura: o parágrafo pode servir de pista para montagem da “paisagem mental” que o leitor constrói do texto. Um leitor pode desenvolver estratégias que o levem a esperar nos limites de parágrafo a ocorrência de certas transições de traços [...] relevantes para a compreensão do texto.

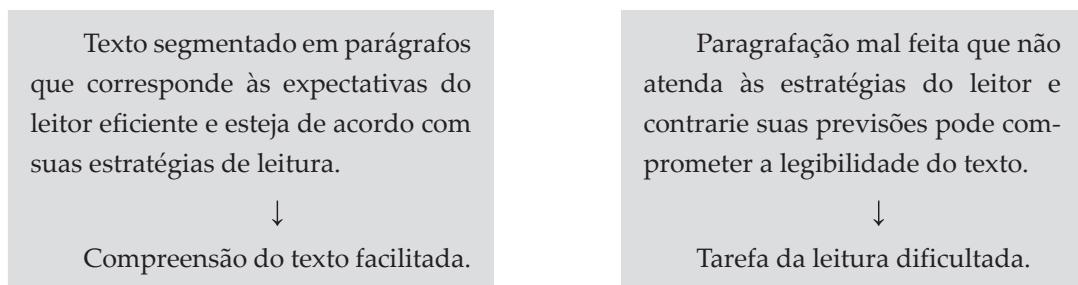
Rehfeld apresenta que o parágrafo é uma unidade psicologicamente real e, sendo assim, a mudança de parágrafo é condicionada por mudança de parâmetro, grau de detalhamento das informações em relação ao tópico geral do texto e tamanho do próprio parágrafo.

Em relação à *unidade psicologicamente real* do parágrafo, Rehfeld acredita que o leitor não comprehende o parágrafo apenas esteticamente, marcado aleatoriamente, mas também como organizador das informações veiculadas pelo texto.

Já a mudança de parâmetro<sup>2</sup> ocorre quando há mudança nas características do texto, tendo em vista sua constituição enquanto gênero. Destaca-se, também, a importância da manutenção do tópico, pois “uma mudança de tópico discursivo deve ser sinalizada com a abertura de um novo parágrafo no texto” (LIBERATO; FULGÊNCIO, 2007, p. 72).

O *grau de detalhamento* tem a ver com a tendência a aproximar informações da mesma natureza e, quanto ao *tamanho*, não deve ser nem muito longo nem muito curto, pensando tanto na função estética como na facilitação de processamento da informação, como pode ser observado na Figura 1.

**Figura 1 – Relação entre parágrafo e leitura.**



Fonte: Elaborada pela autora.

Resumindo, Liberato e Fulgêncio (2007, p. 70) afirmam que “para facilitar a leitura, a criação de um limite de parágrafo deve corresponder à estratégia de paragrafação internalizada pelo leitor, ou seja, deve funcionar como um elemento que denuncia a estruturação semântica, formal e discursiva do texto, e que evidencia as unidades em torno das quais um texto se organiza.”

<sup>1</sup> REHFELD, Maria Bernadete. Para uma Teoria do Parágrafo. Belo Horizonte, 1984. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>2</sup> Determinadas unidades de traços semânticos que podem variar conforme o gênero de texto.

Liberato e Fulgêncio, afirmam, ainda, que *paragrafação ineficiente* pode ser produzida quando ocorre marcação desnecessária de parágrafo, quando há ausência de marcação de parágrafo em local adequado ou, ainda, quando a composição interna do parágrafo é inadequada. Esses casos podem ser percebidos claramente em textos de alunos iniciantes. Mas, conforme apresentam as autoras, podem ser encontrados, também, em textos didáticos voltados para as Séries Iniciais.

Na redação escolar, segundo apresentam Faraco e Tezza (1992, p.169), podemos encontrar com facilidade dois tipos de problemas com a paragrafação: ou *ausência completa* (o aluno inicia seu texto com um recuo de parágrafo – ou nem isso – e vai até o ponto final, ao término da página) ou *presença total* (cada período representa um parágrafo gráfico sem nenhuma necessidade).

A teorização sobre parágrafos – e sua relação com a leitura – feita até aqui funciona para leitores proficientes, que já aprenderam a ver no parágrafo pistas para a organização do texto. Os que ainda não são leitores proficientes devem ser orientados para identificar na paragrafação pistas para a compreensão do sentido veiculado pelo texto.

### 5.1.2 Frase-guia: importância

Uma característica da organização dos parágrafos que pode auxiliar tanto sua produção quanto sua leitura é a frase-guia (denominada, também, por outros autores, como *frase-núcleo*, *tópico frasal*, *primeira sentença* ou *ideia-núcleo*). A primeira frase anuncia o tema do parágrafo e as frases seguintes demonstram o que se disse.

Para Garcia (2006, p. 222), o tópico frasal contém de modo geral e conciso a ideia-núcleo do parágrafo e, geralmente, é uma generalização (opinião pessoal, juízo, definição, declaração).

Outras vezes, no entanto, a ideia-núcleo está diluída no parágrafo e deve ser depreendida pelo leitor. Garcia acredita que essa estrutura de parágrafo decorra de um processo de raciocínio dedutivo (método dedutivo, ou seja, do geral para o particular).

A frase-guia pode ser identificada em muitos dos parágrafos expostos aqui. Voltando ao texto As palmeiras de Dom João VI, apresentaremos a frase-guia de cada parágrafo:

Primeiro parágrafo: Nunca dei palpite sobre a recorrente (e redundante) polêmica a respeito da rivalidade entre Rio e São Paulo.

Segundo parágrafo: O Rio tem misérias mil, da mesma forma que tem os ‘encantos mil do coração do meu Brasil’ – segundo a letra do nosso hino oficial.

Terceiro parágrafo: Quando tivemos a Rio-92, a imprensa paulista preferiu a expressão Eco-92.

Quarto parágrafo: Nenhum carioca ousou reclamar do ‘Ouviram do Ipiranga’ nem contestar o horário do trem de Jaçanã.

Quinto parágrafo: O fato é que o Rio, aldeia infecta e cidade suja até hoje, durante algum tempo foi sede de um império europeu que tinha colônias em vários continentes.

Sexto parágrafo: Penso sempre em Dom João VI quando vejo as palmeiras imperiais que ele plantou e que se refletem na Lagoa, em frente à minha varanda.

Observe que, no sexto parágrafo, a frase-guia e o parágrafo são a mesma coisa. Na continuidade de cada parágrafo, ocorre o desdobramento da frase-guia por intermédio de comentários e explicações.

### 5.1.3 Tipos de parágrafos

Os parágrafos não são todos iguais: sua organização depende do gênero textual de que estejamos tratando, o que decorre da *intenção* do texto e das *estratégias* empregadas por seu produtor para alcançar seus objetivos. Vejamos alguns tipos de parágrafos.

---

Fora o português – o único idioma oficial – há aproximadamente 180 outras línguas no Brasil. E olha que esse número não considera as comunidades de imigrantes nem as pessoas que aprendem uma língua estrangeira. São só os idiomas indígenas, falados por cerca de 160 mil pessoas.

A situação não está nada bonita para essa gente: segundo o linguista Aryon Rodrigues, da UnB, 87% das línguas indígenas estão ameaçadas de “morte” – encaixam-se nessa categoria as línguas com 10 mil falantes ou menos. Se um idioma tem só um falante, ele já é considerado morto, pois essa pessoa não tem mais ninguém para conversar em sua língua.

Ao contrário das pessoas, línguas podem ressuscitar, desde que o conhecimento seja preservado (num dicionário, por exemplo) e passado adiante.[...]

(*Superinteressante*, ago. 2007, p. 42.)

---

Os parágrafos acima exemplificam um texto informativo, voltado para o público leigo. No segmento que destacamos, podemos identificar a ideia central de cada parágrafo (conferir a seção “Frase-guia”). No primeiro parágrafo, a informação principal é que no Brasil há 180 línguas indígenas; no segundo, que essas línguas estão em vias de extinção; e, no terceiro, que línguas podem ressuscitar.

---

### Belo Horizonte sai na frente mais uma vez

#### É a primeira cidade do país a iniciar obras do PAC

Belo Horizonte saiu na frente quando a Prefeitura lançou o Vila Viva, um programa pioneiro no Brasil que está transformando vilas, favelas e aglomerados em bairros de verdade.

Agora, a Prefeitura de Belo Horizonte deu um novo e audacioso passo: é o primeiro município do país a aprovar projeto, licitar e dar início a novas obras com recursos do PAC, o Programa de Aceleração do Crescimento do governo federal. Vão ser investidos R\$ 141,7 milhões para estender o Vila Viva para a Vila São José e o Taquari, dois dos maiores aglomerados da cidade.

Mais famílias serão retiradas das áreas de risco e vão receber moradias dignas. A prefeitura vai transformar becos em ruas, construir escolas, postos de saúde, levar saneamento básico a todas as casas. E uma nova história vai acontecer na vida de milhares de pessoas.

---

---

O texto anterior faz parte do gênero propaganda. Nesse gênero, a paragrafação é mais livre: geralmente, o número de parágrafos é maior e sua extensão, menor.

---

---

### Banhistas dizem sentir insegurança

A falta de policiamento ostensivo nas praias da Baixada Santista incomodou as famílias que buscavam as praias da região na última semana.

Na tarde da quarta-feira, a enfermeira Vilma Coura, 27, foi pela primeira vez à Praia do Sonho, em Itanhaém. Ela tentava aproveitar os últimos dias das férias dela descansando na companhia das filhas Bianca, de quatro anos, e Camila, de dois.

Ela reclamou da facilidade com que se cometem delitos.

“É necessário ter mais policiais nas praias. Além dos assaltantes, há muitos usuários de drogas nos balneários”, relata a enfermeira.

Muitos banhistas dizem que não conseguem se divertir plenamente, por medo de se distrair demais e virar vítima.

A dona de casa Lígia Spicciati, 80 anos, passeava com a família no calçadão da praia de Pitangueiras, no Guarujá, na tarde de terça-feira.

Ela estava alerta principalmente para um tipo específico de assaltante que começou a aparecer após a implantação das ciclovias.

“No Guarujá, a maioria dos roubos acontece por bandidos que estão em bicicletas”, diz. “Muitas vezes, eles chegam em bandos e atacam principalmente quem usa correntes”, afirma a dona de casa.

(*Folha de S.Paulo*, 2 dez. 2007.)

---

---

Por se tratar de uma *notícia*, a organização dos parágrafos do texto *Banhistas dizem sentir insegurança* obedece a uma estrutura muito comum no meio jornalístico: as informações

principais (o quê, quem, onde, quando, por quê) estão nos parágrafos iniciais. Na sequência, os outros parágrafos complementam essas informações.

Há, certamente, muitos outros tipos de parágrafos. Na seção seguinte, vamos nos deter nos de introdução.

## 5.2 Parágrafos de introdução

O parágrafo inicial de um texto é muito importante para prender o interesse do leitor. Ele pode ser construído de diferentes maneiras. Vejamos algumas dessas formas.

### 5.2.1 Declaração inicial

---

*O sentimento de solidariedade, que habita na alma das pessoas de bem, se redobra nesta época do ano. Convém canalizá-lo para que produza o efeito desejado – e não o seu oposto, como costuma acontecer quando nos rendemos ao impulso imediatista de dar esmola à criança que nos aborda na esquina, no cruzamento, na calçada. Quem dá a esmola, nessa hora, quer ajudar. Na verdade, não ajuda, só contribui com a multiplicação dessa forma disfarçada de exploração do trabalho infantil.*

*(Folha de S.Paulo, 25 nov. 2007.)*

---

A declaração é uma das formas mais comuns de parágrafo de introdução. Garcia (2006, p. 224) apresenta que na definição “o autor afirma ou nega alguma coisa logo de saída para, em seguida, justificar ou fundamentar a asserção, apresentando argumentos sob a forma de exemplos, confrontos, analogias, razões, restrições.”

### 5.2.2 Alusão histórica

---

Há 2 milhões de anos, eles viviam na África e eram poucos. Eram seres quase humanos, embora tendessem a ser menores que seus descendentes que hoje povoam o planeta. Andavam eretos e subiam montanhas com enorme habilidade.

Alimentavam-se principalmente de frutas, nozes, sementes e outras plantas comestíveis, mas começavam a consumir carne. Seus implementos eram primitivos. Se eram bem-sucedidos em dar forma a uma pedra, não iam muito longe com a modelagem. É provável que usassem um pedaço de pau para defesa ou ataque, ou até mesmo para escavar, caso surpresessem um roedor escondendo-se em um buraco. Não se sabe se construíam abrigos feitos de arbustos e de pedaços de pau para se protegerem

do vento frio no inverno. Não há dúvida de que alguns moravam em cavernas – quando podiam ser encontradas –, mas uma residência permanente teria restringido bastante a necessária mobilidade para encontrar alimento suficiente. Para viver do que a terra oferecia, precisavam fazer longas caminhadas a lugares onde sementes e grutas pudessem ser encontradas. Sua dieta era resultado de uma série de descobertas, feitas ao longo de centenas de milhares de anos. Uma das mais importantes estava em saber se uma planta, aparentemente comestível, não era venenosa; explorando novos lugares à procura de novos alimentos em tempos de seca e carestia, alguns devem ter morrido por envenenamento.

(BLAINY, Geoffrey. *Uma Breve História do Mundo*. São Paulo: Fundamentos, 2007, p. 7.)

---

Na alusão histórica, mesmo havendo uma declaração, o que importa é que estamos tratando do mundo narrado, em oposição ao mundo comentado – mais comum em textos expositivos e/ou argumentativos.

### 5.2.3 Interrogação

---

O que significa trabalhar? O conceito de trabalho mudou muito ao longo da História. Trabalho já foi pecado, escravidão, venda do tempo, atividade nobre, meio de subsistência. O modo como encaramos o trabalho – tema central para qualquer um que viva em sociedade – diz muito sobre nós mesmos e sobre o mundo em que vivemos.

(Época, 19 nov. 2007, p. 8.)

---

Na interrogação, o parágrafo se organiza na resposta da pergunta inicial.

### 5.2.4 Omissão de dados identificadores

---

O primeiro garoto imagina uma sala fechada com um monte de cadeiras grandes. Para outros, deve haver uma imensa TV grudada na parede. O terceiro compara com espetáculos de magia circense. O último não sabe definir e só diz: “deve ser um lugar bom”.

Eles têm entre 13 e 15 anos e nunca foram ao cinema. Também não conhecem museus. [...]

(Folha de S. Paulo, 2 dez. 2007, C20.)

---

Abreu (2006, p. 74) apresenta que “esse tópico [a omissão de dados identificadores] visa criar um certo suspense no leitor, por intermédio da ocultação de elementos que somente vão aparecer no desenvolvimento do parágrafo”.

### 5.2.5 Citação

Também podemos iniciar um parágrafo fazendo uma citação.

---

Bertolt Brecht disse que “há homens que lutam um dia e são bons. Há homens que lutam por um ano e são melhores. Há homens que lutam por vários anos e são muito bons. Há outros que lutam durante toda a vida: esses são os imprescindíveis”. De acordo com essa e várias outras definições, o senador Cristovam Buarque é um homem imprescindível à nossa República. Sua luta diuturna pela causa da educação em um país tão ignorante o torna merecedor de nosso respeito e nossa admiração.

(*Folha de S.Paulo, 24 nov. 2007.*)

---

## 5.3 Desenvolvimento do parágrafo

Iniciado o parágrafo por meio da frase-guia, é chegada a hora de desenvolvê-lo. A forma como o parágrafo será desenvolvido deve estar relacionada ao gênero de texto e ao tema. Vejamos como podemos desenvolver os parágrafos. Pensem em uma frase-guia dada:

---

As crianças que têm oportunidade de ingressar na escola aos seis anos de idade terão uma formação acadêmica mais consistente.

---

### 5.3.1 Desenvolvimento por detalhe

---

As crianças que têm oportunidade de ingressar na escola aos seis anos de idade terão uma formação acadêmica mais consistente. A oportunidade de conviver com outras crianças em atividades de troca, o acesso a bens culturais – como visitas guiadas – e o desenvolvimento precoce de atividades de leitura podem fazer com que as crianças desenvolvam antecipadamente habilidades importantes para seu sucesso acadêmico.

---

### 5.3.2 Desenvolvimento por definição

---

As crianças que têm oportunidade de ingressar na escola aos seis anos de idade terão uma formação acadêmica mais consistente. Como formação acadêmica podemos compreender o conjunto de atividades regulares que comporão a vida escolar de uma pessoa, das Séries Iniciais até a graduação.

---

### 5.3.3 Desenvolvimento por exemplo específico

---

As crianças que têm oportunidade de ingressar na escola aos seis anos de idade terão uma formação acadêmica mais consistente. Camila é uma dessas crianças: matriculada na Educação Infantil aos seis anos, desenvolve atividades em grupo com os colegas, já foi apresentada à literatura infantil e teve oportunidade de visitar um museu muito antes da média da população.

---

### 5.3.4 Desenvolvimento por fundamentação da proposição

---

As crianças que têm oportunidade de ingressar na escola aos seis anos de idade terão uma formação acadêmica mais consistente. É o que demonstram os dados organizados pelo Inep, a partir de informações coletadas no último Enade. Os alunos que obtiveram as melhores pontuações nesse teste foram aqueles que tiveram a chance de ingressar na chamada Educação Infantil.

---

O desenvolvimento pode ocorrer, ainda, por comparação e por confronto, entre outras modalidades.

## + Ampliando seus conhecimentos

Vamos apresentar algumas dicas para que você possa escrever um bom parágrafo!

### Dicas para escrever um parágrafo

(FARACO; TEZZA, 1992, p. 178)

- Comece *familiarizando* o leitor com o assunto de que você vai tratar. Lembre-se de que o leitor não pode adivinhar as informações que temos em mente antes de escrevermos o texto. Assim, a introdução deve *situar com clareza* as coordenadas do texto (o assunto, a intenção, o aspecto que se pretende abordar).
- Evite começar o seu texto com um parágrafo que se resume a uma frase avulsa. Exceto em alguns casos especiais (linguagem publicitária, por exemplo), esse recurso simplesmente indica má estruturação do texto e dificuldade de separar as informações em grupos organizados.
- Descubra as vantagens da frase curta! Lembre-se de que períodos complexos e prolixos, logo no primeiro parágrafo, podem espantar o leitor!

### Mais dicas para escrever um parágrafo

(VIANA, 1998, p. 66)

- O parágrafo é formado por um conjunto de enunciados. Todos eles devem convergir para a produção de um sentido.
- A primeira frase de cada parágrafo, que se denomina *tópico frasal*, é sempre muito importante. Ela deve ter uma palavra de peso que possa ser explorada.
- Fica difícil desenvolver bem um parágrafo se o tópico frasal for muito vago. Evite abstrações.
- Todo parágrafo deve ter sempre uma palavra que o norteie.
- Cada parágrafo deve explorar uma só ideia. Explorar várias ideias ao mesmo tempo torna o texto confuso, sem nenhuma coerência.

 Atividades

1. Ordene os parágrafos do texto a seguir.

## Outro dia, há 40 anos

(CASTRO, 2007a)

- ( ) Assim, nos dias seguintes, fiquei sabendo tudo de Rosa pelos olhos de Vilma. Fui à posse e, por acaso, me vi postado ao lado do púlpito de onde Rosa, emocionado, lia seus papéis. Findo o ato, ele saiu cumprimentando todo mundo, sem enxergar ninguém. Quando me apertou a mão pela segunda vez, falei-lhe da cópia autografada, mas ele nem me ouviu.
- ( ) Era novembro de 1967, uma segunda-feira. Na quinta-feira daquela semana, Guimarães Rosa tomaria posse na Academia Brasileira de Letras. Justino Martins, editor da *Manchete*, chamou o quase foca, que era eu, e me mandou entrevistar o escritor. Alguém me passou um número, telefonei e Rosa, em pessoa, atendeu.
- ( ) Tudo bem. Das conversas com Vilma, eu iria compor um retrato íntimo de seu pai. Mas Rosa, coração castigado pela cerimônia, sofreu um infarto fatal três dias depois, no domingo. Justino cancelou meu perfil e pediu a Magalhães Junior, redator da revista e amigo de Rosa, uma impressão mais pessoal. Pelo menos, saí na foto da posse.
- ( ) Mas Rosa me despertou: a posse estava às portas e ele não terminara de escrever seu discurso. Gentilíssimo, pedia desculpas, mas não podia atender ninguém. Insisti, ele ficou firme e sugeriu que eu procurasse sua filha Vilma: “Ela sabe tudo sobre mim”. Instou-me a ir à posse – que dúvida! – e me prometeu uma cópia autografada do discurso.
- ( ) Apresentei-me e disse o que queria: uma entrevista “definitiva”, um pingue-pongue em profundidade, uma conversa de horas ou, quem sabe, dias. Na onipotência dos 19 anos, eu me julgava à altura – meses antes, ganhara um prêmio literário patrocinado pela Esso com um pernóstico ensaio sobre ele. E, delirante, já me via em seu apartamento no Posto 6, entre livros e gatos, com Rosa me explicando a gênese do vaqueiro Riobaldo.

## 5

## Parágrafo

2. Identifique a frase-guia de cada um dos parágrafos a seguir. Em seguida, produza um resumo:
- 
- 

### Neossurdos

Outro dia, os fãs do guitarrista Eric Clapton lamentaram quando ele confessou que estava ficando surdo por excesso de exposição à própria música – 40 anos tocando diante de caixas de som impróprias para o ouvido humano. Houve também quem achasse benfeito: por que um homem tão sensível, como ele parece ser, precisa tocar tão alto?

Soube-se depois que Clapton não é o único de sua geração a estar ouvindo sons imaginários – assobios, sinos, gongos, campainhas, serra elétrica. Outros roqueiros em idade provecta, como Pete Townshend e Ian Anderson, estariam sofrendo do mesmo mal. Sem falar na população inglesa quase em massa, que há 50 anos não escuta uma valsa ou uma *berceuse*, só música pesada.

Também há pouco, os otorrinos alertaram que os *iPods* e *MP3 players* estão ensurdecendo os usuários – porque estes não se limitam a usar “socialmente” a tecnologia, mas passam o dia plugados aos aparelhos e com os fones enfiados no canal auditivo. Ou seja, o planeta está produzindo uma multidão de neossurdos, o que fará com que os não surdos tenham de falar alto para se fazer ouvir e, com isso, logo estaremos aos brados uns com os outros até para sussurrar declarações de amor.

Certa vez, fui entrevistar o cartunista Nássara para um livro sobre Nelson Rodrigues. Ele me recebeu no seu apartamento em Laranjeiras, mas, aos 82 anos, já estava para lá de surdo. Passou-me um grande bloco de papel e uma caneta Pilot e me pediu que escrevesse nele as perguntas, em letra de imprensa.

Gostei da ideia e mandei a primeira pergunta. Nássara a leu e me respondeu – aos berros, como todo surdo. No começo, estranhei. Depois, achei ótimo. Vindas dele, que tinha tanto a contar, aquelas declarações aos gritos eram ainda mais fascinantes e definitivas.

(CASTRO, 2007)

---

3. Desenvolva a frase-guia dada, empregando as técnicas da definição e da fundamentação da proposição.

Frase-guia: O acesso ao Ensino Superior pode tornar o Brasil um país competitivo.

Desenvolvimento por definição:

Desenvolvimento por fundamentação da proposição:

Resolução

1. (4)(1)(5)(3)(2)
2. Primeiro parágrafo: Os fãs do guitarrista Eric Clapton lamentaram quando ele confessou que estava ficando surdo por excesso de exposição à própria música.

Segundo parágrafo: Clapton não é o único de sua geração a estar ouvindo sons imaginários.

Terceiro parágrafo: Os otorrinos alertaram que os *iPods* e *MP3 players* estão ensurdecendo os usuários.

Quarto parágrafo: Entrevista com o cartunista Nássara para um livro sobre Nelson Rodrigues.

Quinto parágrafo: No começo, estranhamento por suas respostas aos berros. Depois, aprovação.

Resumo: Ruy Castro, em seu texto Neossurdos, apresenta que uma notícia alarmou os fãs do guitarrista Eric Clapton: o fato de ele ter assumido estar ficando surdo. Segundo Clapton, essa surdez se deve à exposição à sua própria música (muito alta e por muito tempo). Além de Clapton, outros músicos e apreciadores de música sofrem ou virão a sofrer do mesmo problema. Além disso, as próximas gerações enfrentarão os mesmos incômodos, como alertam os médicos otorrinolaringologistas, pelo uso indevido de *iPods* e *MP3*. Finalmente, Castro nos conta um episódio vivido por ele junto ao cartunista Nássara, em que, em uma entrevista, recebia aos berros as respostas do entrevistado.

3. Desenvolvimento de parágrafo por definição:

Por ensino superior compreendemos a etapa da escolarização após o ensino médio, e que possibilitaria o desenvolvimento de, entre outras, habilidades de pesquisa. Se o país investir na ampliação do número dessas vagas – públicas e de qualidade –, será formado um contingente de jovens instruídos e aptos a colaborar para o desenvolvimento interno.

Desenvolvimento de parágrafo por fundamentação da proposição:

Segundo dados da ONU, os países que investiram na ampliação do ensino superior – principalmente nas carreiras tecnológicas – constataram um aumento de sua atuação na economia mundial.



# 6

## Estrutura das frases

Lembrando sempre do nosso objetivo maior – o texto –, podemos segmentá-lo, para efeito de análise e aprofundamento, em diferentes níveis. Além da divisão em parágrafos, podemos esmiuçar mais ainda essa segmentação e chegar ao nível da frase. Vejamos uma citação que corrobora nosso ponto de vista:

É sabido que todo texto tem uma macroestrutura construída por parâmetros como coesão, coerência, progressividade. Mas um texto tem, também, sua microestrutura, cujo eixo é a sintaxe. Quando a compreendemos melhor, ganhamos condições de, como “leitores internos” dos nossos próprios textos, ter maior segurança e controle sobre aquilo que escrevemos, aumentando, assim, nossa versatilidade e criatividade. (ABREU, 2003, p. 73)

Essa citação nos leva a identificar a importância do estudo da frase. Aqui vamos adotar indistintamente *frase* ou *oração*. Trask (2006, p. 212) define *oração* como “a maior unidade grammatical depois do *período grammatical (sentence)*. A oração é uma unidade fundamental e tradicional da estrutura do período, embora o termo não seja usado por todos os gramáticos exatamente do mesmo modo”.

Mandryk e Faraco (1995, p. 255), apresentam *oração* como “um conjunto organizado de palavras, com o qual transmitimos uma ou mais informações. No processo de comunicação linguística é isto que ocorre: transmitimos informações por meio de conjuntos organizados de palavras”.

Não nos deteremos em conceitos da gramática normativa, apesar de compreendermos sua necessidade: aqui trataremos da construção de períodos e de sua relevância para a leitura, pois, como pudemos observar por meio da citação de Abreu, a frase (ou a oração) é muito importante para a leitura e a produção de textos.

## 6.1 Estrutura das frases e leitura

Liberato e Fulgêncio (2007, p. 127) alertam para a relação entre leitura e estrutura sintática. Para as autoras, para sermos lidos com facilidade, devemos escrever observando alguns princípios. O mais importante deles situa-se na dicotomia entre estilo escrito e estilo falado. Nessa distinção, devem ser observados os meios utilizados para produção, as diferenças dialetais e as diferenças de estilo. Essas observações são sintetizadas, pelas autoras, com um princípio básico: “Para o leitor inexperiente, os pontos em que os textos escritos diferem dos orais são pontos críticos em que pode haver problemas de compreensão” (LIBERATO; FULGÊNCIO, 2007, p. 129).

Entre as características sintáticas que podem interferir na capacidade de leitura, encontram-se o *comprimento das sentenças*, as *negativas duplas* e o *par passivas X ativas*. Em relação ao *comprimento das sentenças*, Liberato e Fulgêncio (2007, p. 136) afirmam que “sentenças muito compridas constituem fator de dificuldade de leitura” – daí a necessidade de não se apresentarem sentenças muito longas para leitores iniciantes.

Sobre as *negativas duplas*, as autoras recomendam que essas estruturas sejam evitadas, como nos pares a seguir, em que a segunda redação é preferível à primeira:

---

---

Os consumidores *não rejeitam* as novidades presentes nas gôndolas.

Os consumidores *aceitam* as novidades presentes nas gôndolas.

Os policiais *não impediram* os saques.

Os policiais *permitiram* os saques.

---

---

Os acadêmicos *não deixaram de fazer* as atividades.

Os acadêmicos *fizeram* as atividades.

---

---

Sobre a relação entre as *sentenças passivas e ativas*, Liberato e Fulgêncio (2007, p. 144) afirmam que as sentenças construídas na ativa facilitam a leitura e por isso devem ser preferidas quando se escreve para leitores pouco proficientes.

Faraco e Tezza (1992, p. 267-268) partilham da mesma opinião de Liberato e Fulgêncio (2007), em relação às dificuldades trazidas pelas diferenças entre oralidade e escrita, ao apontarem que muitos problemas encontrados em textos escritos – em um plano microestrutural – se devem à incursão de características da oralidade na escrita: dessa forma, os possíveis erros não seriam considerados erros se o texto fosse verbalizado. Mas se a intenção é produzir material escrito, algumas condições devem ser observadas. A primeira delas refere-se às características das frases e/ou orações.

## 6.2 Características das frases e/ou orações

As principais características das frases são a organização, a flexibilidade e a variedade estrutural – ainda segundo Faraco e Tezza (1992, p. 267-268). O princípio da *organização* estabelece que a comunicação se efetiva pela organização de palavras e ou grupos de palavras que seguem regras internalizadas. Apresentaremos, como exemplo, uma frase retirada de uma revista e em seguida algumas adaptações:

---

Pela primeira vez uma mulher e um negro têm chances reais de ser o próximo presidente dos Estados Unidos (*Revista da Semana*, 14 jan. 2008, p. 1).

O próximo presidente dos Estados Unidos, pela primeira vez, têm chances reais de ser uma mulher e um negro.

O próximo presidente dos Estados Unidos têm chances reais de ser uma mulher e um negro, pela primeira vez.

Pela próxima vez chances reais o presidente dos Estados Unidos têm de ser um negro uma mulher e.

---

Intuitivamente, todos sabemos quais das opções acima são frases boas: as três primeiras. Já a quarta, é inaceitável.

A *flexibilidade* refere-se à propriedade de dizermos a mesma coisa de formas diferentes. Na realidade, apesar de semelhanças estruturais, não dissemos a mesma coisa. A alteração na ordem dos vocábulos ou a escolha lexical pode veicular, além das informações, a *apreciação* que temos sobre essa informação. Além das três primeiras construções apontadas acima, vejamos outro exemplo de como veiculamos tanto *informação* quanto *opinião*:

Deve chegar ao Brasil a TV Digital, que promete melhorar a qualidade das imagens veiculadas pelas televisões.

*Felizmente*, deve chegar ao Brasil a TV Digital, que promete melhorar a qualidade das imagens veiculadas pelas televisões.

*Com anos de atraso*, deve chegar ao Brasil a TV Digital, que promete melhorar a qualidade das imagens veiculadas pelas televisões.

---

As expressões inseridas no início do período (*felizmente, com anos de atraso*) sinalizam a opinião do produtor sobre a informação.

Finalmente, a *variedade estrutural* pode ser observada, entre outras construções, no par voz ativa X voz passiva:

---

A garota realizou as atividades.

As atividades foram realizadas pela garota.

---

Vejamos outros exemplos:

---

Jovens de classe média espancaram a doméstica Sirlei Dias de Carvalho.<sup>1</sup>

A doméstica Sirlei Dias de Carvalho foi espancada por jovens de classe média.

---

Jovens de classe média confundiram a doméstica Sirlei Dias de Carvalho com uma prostituta.

A doméstica Sirlei Dias de Carvalho foi confundida com uma prostituta por jovens de classe média.

---

### 6.3 Constituição básica das sentenças

Para veicular informações precisamos, basicamente, *ter algo a dizer sobre alguma coisa*. Vejamos:

---

<sup>1</sup> Construções adaptadas de *Revista da Semana*, 14 jan. 2008, p. 07.

---

O terceiro setor apresenta uma possibilidade de emprego para milhares de pessoas.

---

No período acima, dizemos *algo* (apresenta uma possibilidade de emprego para milhares de pessoas) *sobre algo ou alguém* (o terceiro setor).

A esse par chamamos de *informações básicas*. A gramática tradicional nomeia essas partes da oração de *sujeito* (sobre o que falamos) e *predicado* (o que dizemos a respeito disso). Uma oração bem escrita deve contar, no mínimo, com essas duas partes constituintes. As informações básicas (tanto o sujeito quanto o predicado) podem ser formadas por uma ou por muitas palavras. Exemplos:

---

Ela chegou.

Ela → sobre o que falamos

Chegou → o que falamos

---

A garota loira e estrangeira chegou repentinamente, de ônibus, no fim da tarde.

A garota loira e estrangeira → sobre o que falamos

Chegou repentinamente, de ônibus, no fim da tarde → o que falamos

---

No entanto, se o período contiver apenas uma dessas informações, a oração não se sustenta:

---

O terceiro setor, que vem empregando milhares de pessoas no país.

São uma forma de empregar-se e contribuir para ações sociais.

---

No primeiro exemplo, falta a informação referente ao predicado. No segundo, a informação referente ao sujeito. O leitor deve ter observado que as orações acima não foram bem estruturadas, pois lhe faltam informações básicas. Apresentaremos, novamente, os períodos com sugestão de informações básicas possíveis de lhes completarem o sentido:

---

O terceiro setor, que vem empregando milhares de pessoas no país, é responsável pela melhoria das instituições sociais.

As vagas oferecidas pelo terceiro setor são uma forma de empregar-se e contribuir para ações sociais.

---

A seguir, a fim de concluir esse tópico, é apresentado um parágrafo e suas informações básicas:

---

Três mortes possivelmente provocadas por febre amarela puseram as autoridades sanitárias em alerta no país. Teme-se a reurbanização da doença, erradicada das cidades desde 1942. Transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti*, o mesmo da dengue, a febre amarela pode ter matado um homem em Goiânia e outros dois em Brasília, nas últimas semanas.

(Revista da Semana, 14 jan. 2008, p. 8.)

---

## 6.4 Informações complementares

*Informações complementares* são aquelas que gravitam sintaticamente em torno da informação básica; ou seja, elas não têm autonomia. Apesar disso, toda informação complementar transforma o significado original da informação básica. Observem as informações complementares inseridas na oração a seguir:

---

O Quênia era uma exceção na África.<sup>2</sup>

O Quênia, que se tornou notícia nos últimos dias, era uma exceção na África.

Conhecido como um país com cultura vibrante, o Quênia era uma exceção na África.

Apesar de o Quênia ser uma exceção na África, o país entrou para o clube das nações africanas cujos líderes usam a fraude e a violência para permanecer no poder.

---

2 Construções adaptadas de Revista da Semana, 14 jan. 2008, p. 15.

As informações complementares podem ser formadas por *particípio*. Exemplos:

---

*Produzido com parcos recursos*, o filme XXX representa as mazelas das nações africanas.

---

*Construída em tempo recorde*, a nova ponte suspensa pretende reduzir os engarrafamentos em São Paulo.

---

Também podem ser formadas por *orações adjetivas*. Exemplos:

---

O filme XXX, *que representa as mazelas das nações africanas*, foi produzido com parcos recursos.

---

A nova ponte suspensa, *que pretende reduzir os engarrafamentos em São Paulo*, foi construída em tempo recorde.

---

E por uma série de *complementações lógicas* – aqui temos uma transformação semântica marcada por relatores<sup>3</sup> que podem expressar relações diversas. Vejamos algumas possibilidades:

- Como o setor agropecuário apresentou resultados animadores, tornou-se responsável pelo crescimento das exportações.
- Apesar de o setor agropecuário ter apresentado resultados animadores, não se tornou responsável pelo crescimento das exportações.
- O setor agropecuário apresentou resultados animadores porque se tornou responsável pelo crescimento das exportações.
- O setor agropecuário apresentou resultados animadores, mas não se tornou responsável pelo crescimento das exportações.

Na primeira e na terceira, temos uma relação de causa e efeito; já na segunda e na quarta, a relação estabelecida é de oposição.

As informações complementares também podem vir em forma de adjuntos adverbiais diversos, como aqueles que dão ideia de *tempo* e *espaço*. Exemplo:

---

Até o ano passado, o Quênia era uma exceção na África.

---

<sup>3</sup> Os relatores correspondem, na gramática normativa, às conjunções.

## 6.5 Constituição de sentenças complexas

Podemos produzir textos com frases curtas, compostas com informações básicas, como o exemplo a seguir:

---

---

Enquanto a orquestra se esfalfa, ele está lá no fundo, impassível. A música segue. Os violinistas suam. Os clarinetistas ficam de rosto afogueado. Mas o pratista continua em seu repouso. De repente ele se levanta, ajeita o fraque, endireita as costas e toca os pratos uma vez. Isso é tudo.

(Veja, 30 jan. 2008, p. 110.)

---

---

Mas, na escrita, é mais comum encontrarmos períodos complexos, formados por informações básicas e complementares.

---

---

Infelizmente, a maioria das pessoas nem sequer admite quando erra, ou então não aprendeu a técnica na faculdade. Mas o verdadeiro idiota não é aquele que comete erros, e sim aquele que não aprende com os erros cometidos. Portanto, gaste sempre um tempinho analisando os seus erros de uma forma estruturada.

(Veja, 30 jan. 2008, p. 20.)

---

---

Vejamos como podemos organizar várias informações básicas em um período complexo:

---

---

O cancelamento das manifestações na capital queniana até segunda ordem foi uma demonstração de boa vontade.

O líder da oposição cancelou manifestações na capital queniana até segunda ordem.

Odinga é o líder da oposição.

Odinga se recusou a encontrar o presidente.

---

---

Há uma infinidade de opções para agrupar essas informações. A seguir, apresentaremos a estrutura original:

---

Em uma demonstração de boa vontade, o líder da oposição, Odinga, cancelou manifestações na capital queniana até segunda ordem, mas se recusou a encontrar o presidente.

(Revista da Semana, 14 jan. 2008, p. 15.)

---

Pensem em outro grupo de informações:

---

A vitória suspeita do presidente Kibaki acabou se voltando contra sua própria tribo.

A tribo do presidente Kibaki é os quicuius.

Os quicuius foram apedrejados nas ruas.

Os quicuius tiveram suas lojas saqueadas.

As mulheres dos quicuius foram estupradas.

---

Uma das possibilidades de agrupamento:

---

A vitória suspeita do presidente Kibaki acabou se voltando contra sua própria tribo, os quicuius, que foram apedrejados nas ruas, tiveram suas lojas saqueadas e suas mulheres, estupradas.

(Revista da Semana, 14 jan. 2008, p. 15.)

---

Um último exemplo:

---

Depois do assassinato da ex-premiê Benazir Bhutto, o Paquistão mergulhou na violência sectária.

O assassinato da ex-premiê Benazir Bhutto foi em dezembro.

A violência sectária está ocorrendo principalmente na província do Baluchistão e nas zonas tribais.

A província do Baluchistão localiza-se no sudoeste do Paquistão.

As zonas tribais ficam na fronteira com o Afeganistão.

---

## 6

## Estrutura das frases

Uma das possibilidades de organização:

---

Depois do assassinato da ex-premiê Benazir Bhutto, em dezembro, o Paquistão mergulhou na violência sectária, principalmente na província do Baluchistão, no sudoeste do país, e nas zonas tribais na fronteira com o Afeganistão.

(Revista da Semana, 14 jan. 2008, p. 16.)

---

Não se esqueça: as informações complementares devem ser separadas das informações básicas pela vírgula.

Finalmente, Viana (1998, p. 103-106) apresenta algumas sugestões para melhorar a construção de frases e, assim, consecutivamente, melhorar o texto como um todo. Entre essas sugestões está a relacionada à *extensão* da frase, que não deve ser muito longa – a preferência deve cair sobre as frases curtas (mas não curtas em excesso): em uma frase longa é maior o risco de se perder na apresentação das ideias.

Outro problema que deve ser evitado é o da *fragmentação*, situação em que a frase é cortada (por meio dos sinais de pontuação) antes de pronomes relativos, gerúndios e conjunções. Exemplos:

**Quadro 1 – Fragmentação da frase.**

Errado	Certo
As matrículas devem ser efetivadas na secretaria. Que estará aberta pela manhã.	As matrículas devem ser efetivadas na secretaria, <i>que</i> estará aberta pela manhã.
Os aprovados no último vestibular podem confirmar a aprovação. Consultando os editais.	Os aprovados no último vestibular podem confirmar a aprovação, <i>consultando</i> os editais.
A segunda chamada será publicada em breve. Mas somente via internet.	A segunda chamada será publicada em breve, <i>mas</i> somente via internet.

Fonte: Elaborado pela autora.

Atenção, também, à *sonoridade*: ecos, aliterações e assonâncias comprometem um período bem escrito. Exemplo:

---

Não se realizará mais amanhã a caminhada divulgada nos jornais.

Não se realizará mais amanhã a caminhada que os jornais divulgaram.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Exemplo citado por Viana (1998, p. 104).

Tratando especificamente de elementos gramaticais, deve-se estar atento ao *pronomе relativo e conjunção integrante que* (que não deve ser empregado em excesso), à *conjunção pois* (que não deve ser empregada no início de um texto) e ao uso adequado do *pronomе relativo onde*.

A *poluição gráfica* relaciona-se com o excesso de sinais gráficos, como travessões, aspas, exclamações, interrogações; isso pode cansar o olhar. Exemplo:

---

O que fazer frente à violência? Calar-nos? Lutarmos  
de que forma? Ou existira outra solução...

---

O último aviso trata da *ponderação*, que nada mais é do que evitar generalizações. Exemplo:

---

Todas as mães são amorosas e devotadas a seus filhos.

---

## Ampliando seus conhecimentos

### A frase

(ABREU, 2003, p. 73-75, grifos do autor)

Sintaxe é o estudo da maneira como as palavras se combinam em estruturas chamadas frases. *Frase é a menor unidade do discurso capaz de transmitir uma mensagem*. Na escrita, a frase é delimitada, à esquerda, por uma letra maiúscula iniciando a primeira palavra e, à direita, por um ponto final, de interrogação, de exclamação, reticências, ou ainda por mais de um desses sinais, simultaneamente. Se dissermos a alguém uma sequência como: “Viajaremos na sexta-feira”, essa sequência será capaz de transmitir uma mensagem e, por isso, será uma frase. O mesmo acontece com uma outra mais longa e mais complexa do que a anterior, como: “Viajaremos na segunda-feira, quando sua mãe chegar, se não estiver chovendo”.

Às vezes, a frase pode ser construída por uma só palavra, como em: “Chove”.

Nem sempre, contudo, as frases são autossuficientes para transmitir uma mensagem de maneira completa. Tanto na língua oral como na escrita, seu significado pode depender de alguma coisa dita ou escrita anteriormente, ou pode ainda depender (na fala) de dados exteriores, presentes na situação de comunicação. Vejamos o seguinte exemplo:

“Exige, portanto, que seja um mestre na sua arte”.

Será que temos aí uma frase, uma unidade do discurso transmitindo uma mensagem? Quem exige? Quem deverá ser um mestre em sua arte e que arte será essa? Bem, chegamos à conclusão de que, para que sua mensagem seja de fato transmitida, a frase deve estar sempre contextualizada. Acrescentemos, então, um contexto:

“O mundo não exige que você seja médico, advogado, usineiro ou comerciante; exige, isto sim, que faça de maneira bem feita sua atividade, e que a realize com todo o poder e habilidade que tiver. *Exige, portanto, que seja um mestre na sua arte*” (Revista T&D, São Paulo, nov. 1999, p. 23).

Agora, podemos entender o sentido completo da frase em questão. Quem exige é o mundo, quem deverá ser mestre é você e a arte é qualquer atividade profissional. Podemos dizer, então, que, embora uma frase seja a menor unidade do discurso capaz de transmitir uma mensagem, o sentido global dessa mensagem pode, muitas vezes, estar “plugado” em outras frases, ou até mesmo, como dissemos, no ambiente em que se desenrola a comunicação, como em uma situação em que alguém aponta para um pássaro numa árvore e diz: “– Está cantando”.

Nesse caso, o sentido da mensagem é completado por um elemento presente no ambiente da comunicação.

## Atividades

1. Transforme as orações simples a seguir em uma oração complexa.
  - a. O governo anunciou novas regras para obtenção do crédito consignado.  
O crédito consignado é um tipo de empréstimo.  
O crédito consignado é descontado em folha de pagamento.  
O crédito consignado é atrativo para aposentados e pensionistas do INSS.
  - b. Trata-se de um cartão especial para aposentados.  
Esse cartão cobra juros de 3,7% ao mês.  
Os juros cobrados estão bem abaixo da média de mercado.
  - c. O bicho parecia vencido.  
O bicho voltou a mostrar os dentes no final do ano passado.  
O bicho já ameaça a economia de vários países no começo deste 2008.  
É a inflação.

2. Nas orações a seguir, falta uma informação básica. Complete-as para que fiquem inteligíveis.
  - a. Estudantes do curso noturno, que viajam longas horas até chegarem à escola, na última sexta-feira.
  - b. A indústria do lazer, no Brasil, segundo especialistas, no último ano.
  - c. Esperando serem reconhecidos por seus feitos, estudantes indígenas de universidades federais.
3. Reescreva os períodos a seguir empregando o que se pede e faça as alterações necessárias.

Uma das responsáveis pelo crescimento da economia no ano anterior, a construção civil brasileira vem empregando trabalhadores mais qualificados e bem remunerados.

- a. Insira uma oração adjetiva para *a construção civil brasileira*.
- b. Estabeleça uma relação lógica de oposição.
- c. Estabeleça uma relação lógica de causa.
- d. Estabeleça uma relação lógica de conclusão.

---

## Resolução

1.
  - a. (Sugestão) O governo anunciou novas regras para obtenção do crédito consignado, aquele tipo de empréstimo que é descontado em folha de pagamento, atraente para aposentados e pensionistas do INSS (*Revista da Semana*, 14 jan. 2008, p. 35).
  - b. (Sugestão) Trata-se de um cartão especial para aposentados, que cobra juros de 3,7% ao mês, bem abaixo da média de mercado (*Revista da Semana*, 14 jan. 2008, p. 35).
  - c. (Sugestão) O bicho parecia vencido, mas voltou a mostrar os dentes no final do ano passado e já ameaça a economia de vários países no começo deste 2008. É a inflação (*Revista da Semana*, 14 jan. 2008, p. 35).
2.
  - a. Não tiveram como se locomover até a escola por falta de ônibus.
  - b. Obteve um desempenho excelente, superando até as previsões mais otimistas.
  - c. Dedicam-se aos estudos para, em um futuro próximo, retornarem para suas tribos e contribuírem para o desenvolvimento destas.

## 3. (Sugestões)

- a. Uma das responsáveis pelo crescimento da economia no ano anterior, a construção civil brasileira, *que* é uma das mais desenvolvidas do mundo, vem empregando trabalhadores mais qualificados e bem remunerados.
- b. A construção civil brasileira vem empregando trabalhadores mais qualificados e bem remunerados, *no entanto*, não foi uma das responsáveis pelo crescimento da economia no ano anterior.
- c. A construção civil brasileira vem empregando trabalhadores mais qualificados e bem remunerados *porque* foi uma das responsáveis pelo crescimento da economia no ano anterior.
- d. A construção civil brasileira foi uma das responsáveis pelo crescimento da economia no ano anterior, *por isso* empregou trabalhadores mais qualificados e bem remunerados.

# 7

## Referenciação e progressão referencial

Quando produzimos um texto, seja de qual gênero for, escolhemos um tema ou pessoa (ou personagem) sobre o qual iremos discorrer. Muito provavelmente nos deteremos nesse tema e/ou pessoa no transcorrer do texto, apresentando informações diversas sobre ele. Vejamos o trecho a seguir, para melhor elucidar o que dissemos:

---

Valério Galeazzi, o Vô Valério como o chamam os familiares, completou 86 anos. Morador da cidade gaúcha de Canoas, ele tem cinco filhos, 12 netos e nove bisnetos. Na semana passada, diante da família e de mais 1,5 mil pessoas, recebeu o diploma de bacharel em Direito [...], no Rio Grande do Sul.

“Minha felicidade é tanta que nem posso descrever”, resumiu, modesto.

Em 2002, incentivado pela família, que o via triste com a viudez, Galeazzi prestou vestibular. Aprovado, foi à luta. No site do *Zero Hora*, Vinicius, neto do formando, fez o comentário definitivo. “Parabéns, vô. Que o senhor continue dando exemplos como este e, se Deus quiser – e ele quer –, possamos acompanhar sua pós-graduação e sua aprovação na prova da OAB!”

(*Revista da Semana*, 14 jan. 2008, p. 40.)

---

No texto que acabamos de ler, o assunto é *Valério Galeazzi* e sobre ele são apresentadas várias informações (completou 86 anos, é morador da cidade gaúcha de Canoas, tem cinco filhos, 12 netos e nove bisnetos, recebeu o diploma de bacharel em direito); além dessa expressão ser retomada de várias formas (*Valério Galeazzi*, o Vô Valério, ele, *Galeazzi*, formando). Ao nome *Valério Galeazzi* e às várias retomadas a ele feitas chamamos de *referenciação* e *progressão referencial*. Koch e Elias (2006, p. 123) assim apresentam esses conceitos: “Denomina-se *referenciação* as diversas formas de introdução, no texto, de novas entidades ou referentes. Quando tais referentes são retomados mais adiante ou servem de base para a introdução de novos referentes, tem-se o que se denomina *progressão referencial*”.

No nosso primeiro exemplo, ocorre a introdução do referente *Valério Galeazzi* que depois é retomado por *ele*, *Galeazzi*, *formando*, constituindo uma progressão referencial. Vejamos outro exemplo:

---

O carneiro Royana, de 15 meses, virou símbolo da pesquisa científica no Irã, a terra dos aiatolás. O nascimento do animal clonado, revelado na semana passada, é parte de um esforço do país para se tornar potência tecnológica na região até 2025, informa a agência *AFP*. “O nascimento de Royana é uma façanha”, disse Mohammad Hossein Nasr, diretor do Instituto Royan, que engendrou o bicho. [...]

(*Revista da Semana*, 14 jan. 2008, p. 40.)

---

No segmento anterior, o referente *o carneiro Royana*, depois de introduzido (referenciação) é retomado por *animal clonado*, *Royana*, *o bicho* (progressão referencial).

## 7.1 Estratégias de referenciação

O processo de referenciação no texto ocorre por intermédio do que as pesquisas linguísticas chamam de *estratégias de referenciação*, que são a introdução, a retomada e a desfocalização. Observemos o texto a seguir:

---

A exploração turística sem regras, os conflitos bélicos e o descaso com o meio ambiente ameaçam maravilhas da Terra, informa a agência *Reuters*. É urgente visitá-las antes que desapareçam do mapa. São lugares que constam de um levantamento mais amplo – com 100 destinos – divulgado pela World Monument Watch, entidade que visa a cuidar do patrimônio mundial.

(*Revista da Semana*, 28 jan. 2008, p. 26.)

---

No trecho dado, ocorre a *introdução* do referente *maravilhas da Terra* que, posteriormente, é retomado por *as* e *lugares*. Na sequência, ocorre a introdução de outro referente, *World Monument Watch*, por um processo de *desfocalização*. Vejamos cada uma dessas estratégias:

- Introdução – também chamada de *construção* ou *ativação*, a introdução é definida por Koch (2002, p. 83) como o princípio “pelo qual um referente textual até então não mencionado é introduzido, passando a preencher um nódulo (‘endereço’ cognitivo, locação) na rede conceptual do modelo de mundo textual”. É o que ocorre, no exemplo a seguir, com o vocábulo *cobras*:

---

*Serpentes a bordo.* Mais de 1 tonelada de *cobras* foram encontradas a bordo de uma aeronave da Vietnam Airlines que saía de Bangcoc. Os animais estavam em 60 caixas.

(*Revista da Semana*, 28 jan. 2008, p. 15.)

---

- Retomada – nessa estratégia “um nódulo já presente na memória discursiva é reintroduzido na memória operacional, por meio de uma forma referencial, de modo que o objeto de discurso permanece saliente (o nódulo continua em foco)” (KOCH, 2004, p. 62). A retomada também é nomeada como *manutenção*, *reconstrução* ou *reativação*. A expressão *os animais*, no exemplo anterior, exemplifica uma retomada. No exemplo a seguir, *os ratos* e *os cães* são retomados:

---

De noite os ratos e os cães são os donos do lugar. As pilhas de lixo ganham vida na escuridão. Sacos de plástico vibram, emitindo sons de coisas sendo rasgadas, devoradas. De dia *os ratos* desaparecem, *os cães* se aquietam e homens, mulheres e crianças voltam à cena.

(*Revista da Semana*, 28 jan. 2008, p. 16.)

---

- Desfocalização – para Koch (2006, p. 126) ocorre desfocalização (desativação ou de-ativação) “quando um novo objeto de discurso é introduzido, passando a ocupar a posição focal. O objeto retirado de foco, contudo, permanece em estado de ativação parcial [...].” Veja nos exemplos:

---

O fogo começou no terceiro dos 21 andares do edifício Andraus, no centro de São Paulo, em fevereiro de 1972. A rota de fuga das vítimas levava ao heliponto, então uma novidade nos prédios da cidade. Dezesseis pessoas morreram. *O piloto de helicóptero Olendino Francisco de Souza* pousou ali 32 vezes e salvou pessoalmente 307 pessoas.

(*Revista da Semana*, 28 jan. 2008, p. 19.)

---

As grávidas que adotam a dieta mediterrânea (rica em peixes, legumes, frutas e azeite) estão beneficiando seus futuros filhos. Como? A alimentação reduz em 78% o risco de a criança ter asma e outras alergias mais tarde. O estudo foi conduzido por pesquisadores da Universidade de Creta, na Grécia, com 468 mulheres e seus filhos até a idade de seis anos e meio. *Legumes e verduras* são ricos em vitaminas e antioxidantes que ajudam a manter saudáveis vários tecidos, como os pulmonares.

(Revista da Semana, 28 jan. 2008, p. 22.)

No primeiro exemplo, a desfocalização ocorre com a expressão *o piloto de helicóptero Olendino Francisco de Souza*, que toma o lugar de *o fogo*. No segundo, *legumes e verduras* desativa o primeiro referente introduzido (dieta mediterrânea) e passa a ser o referente em foco. A seguir veremos as formas de introdução dos referentes e, na sequência, as de retomada.

## 7.2 Formas de introdução de referentes

Koch e Elias (2006, p. 127) e Koch (2004, p. 64) apontam que há duas formas de *introdução de referentes*: a ativação não ancorada e a ativação ancorada. Observe nos exemplos:

*Contatos imediatos. Três círculos* que apareceram em um canavial intrigam a população de Riolândia (SP). São três marcas, uma de 60 metros de diâmetro e duas de 8 metros cada. Moradores e ufólogos falam em pouso de disco voador. *Um homem* garantiu ter visto pela janela um objeto oval pairando sobre a região, relatou o *G1*.

(Revista da Semana, 28 jan. 2008, p. 7.)

O referente *três círculos* foi introduzido por *ativação não ancorada*, pois se trata de um objeto de discurso totalmente novo; já a expressão *um homem* foi introduzida pela *ativação ancorada*; no caso, a âncora se encontra em *moradores*. A ativação ancorada ocorre quando é possível associar o novo referente a algum elemento já presente no texto.

A introdução ancorada de referentes pode ocorrer por anáfora indireta, por anáfora associativa ou por nominalizações.

- Anáfora indireta – para Koch (2002, p. 107) “anáforas indiretas caracterizam-se pelo fato de não existir no cotexto um antecedente explícito, mas sim um elemento de relação (por vezes uma estrutura complexa), que se pode denominar âncora [...].” Observe a anáfora indireta no exemplo a seguir, em que *o país* ancora-se em *cultura Indiana*:

---

O cinema tem um papel forte na *cultura india* desde a década de 1940. O país se tornava independente da Inglaterra e a telona ajudou a criar uma identidade nacional em uma nação cheia de culturas e religiões diferentes.

(*Revista da Semana*, 14 jan. 2008, p. 38.)

---

Outro exemplo:

---

Durante debate em uma universidade, nos Estados Unidos, o ex-governador do Distrito Federal, Cristovam Buarque, do PT, foi questionado sobre o que pensava da internacionalização da Amazônia. *O jovem* introduziu sua pergunta dizendo que esperava resposta de um humanista e não de um brasileiro.

(*O Globo*, 23 out. 2001.)

---

- Anáfora associativa – a anáfora associativa “introduz um referente novo no texto, por meio de relações em que um dos elementos pode ser considerado, de alguma forma, *ingrediente do outro*” (KOCH, 2006, p. 128). No exemplo seguinte, *motor* faz parte de carro:

---

Quando enfim realizou o sonho de comprar um carro novo, o veterinário Wagner Magalhães Melo teve uma desagradável surpresa. Logo após a compra, Melo notou que o *motor* estava um pouco estranho.<sup>2</sup>

(*O Estado de S.Paulo*, 18 set. 2000.)

---

As anáforas indiretas e as anáforas associativas apresentam semelhanças, mas enquanto a associativa ocorre pela relação de pertencimento dos elementos, a indireta exige uma interpretação mais sofisticada, pois a relação estabelecida não é explícita.

- Nominalizações – também chamadas de *rotulações*, são “uma operação discursiva que consiste em referir, por meio de um sintagma nominal, um processo ou estado significado por uma proposição que, anteriormente, não tinha o estatuto de entidade” (KOCH, 2004, p. 66). Observe o exemplo a seguir:

---

1 Exemplo citado por Koch (2004, p. 39).

2 Exemplo citado por Koch (2004, p. 39).

Nisso emergiu uma classe média com novos hábitos de consumo e valores individualistas, avessos às tradições indianas. E o conflito de gerações foi inevitável. Não demorou para o cinema reproduzir esse dilema e criar uma nova fórmula de sucesso: os filmes de jovens lindos e ricos que se apaixonam, mas se dividem entre o desejo individual e o casamento arranjado pela família. Funcionou.

(Revista da Semana, 14 jan. 2008, p. 38.)

A expressão *esse dilema* rotula todo um segmento anterior.

As nominalizações podem ser *prospectivas* ou *retrospectivas*. No exemplo a seguir, temos uma nominalização prospectiva:

Agora vai dar pra realizar o sonho do seu filho: *chegar na loja e comprar todos os brinquedos*.

(Anúncio publicitário)

## 7.3 Formas de retomada dos referentes

Já a *retomada* ou *manutenção dos referentes* pode ser definida como “a operação responsável pela manutenção em foco, no modelo de discurso, de objetos previamente introduzidos, dando origem às cadeias referenciais ou coesivas, responsáveis pela progressão referencial do texto” (KOCH, 2004, p. 67). A retomada pode ocorrer por recursos de ordem gramatical (pronomes ou outras formas de valor pronominal) ou recursos de ordem lexical (expressões nominais definidas e expressões nominais indefinidas).

### 7.3.1 Pronomes ou outras formas de valor pronominal

Autoridades alemãs, exasperadas com o comportamento antisocial de *um adolescente*, enviaram-no para a Sibéria para uma “experiência educacional intensiva”, disse o *Guardian*. O garoto de 16 anos recebeu o castigo depois de brigar na escola e bater na própria mãe. *Ele* ficará nove meses em um acampamento, sem televisão ou internet.

(Revista da Semana, 28 jan. 2008, p. 15.)

O referente *um adolescente* é retomado pelos pronomes *o* e *Ele*.

### 7.3.2 Expressões nominais definidas

---

Estamos em Bombaim, o coração econômico e cinematográfico da Índia. *A cidade* foi rebatizada como Mumbai em 1995, mas o B de Bombaim ainda serve para marcar a Hollywood deles.

(*Revista da Semana*, 14 jan. 2008, p. 38.)

---

O referente *Bombaim* é retomado pela expressão nominal definida *a cidade*.

### 7.3.3 Expressões nominais indefinidas

---

Estranho? Se pensarmos que a linguagem é sempre *uma construção cultural*, mesmo em seus aspectos mais “naturais”, nem tanto.

(*Revista da Semana*, 14 jan. 2008, p. 41.)

---

O referente *a linguagem* é retomado pela expressão nominal indefinida *uma construção cultural*.

Expressões nominais definidas são formadas por um determinante definido (artigo definido ou pronome demonstrativo) que acompanham um nome; já as expressões nominais indefinidas são formadas por um determinante indefinido e um nome. As expressões nominais (definidas ou indefinidas) podem desempenhar *funções cognitivo-discursivas* importantes.

## 7.4 Funções das expressões nominais

Na construção dos textos, quando escolhemos uma determinada expressão nominal para retomar um referente, não estamos simplesmente substituindo um nome ou expressão por outra para evitar a repetição. Essas escolhas, intencionais ou não, veiculam opinião, posicionamento ideológico. Aqui, vamos apresentar um detalhamento dessas funções a partir do exposto por Koch (2004, p. 70-79) e por Koch e Elias (2006, p. 137-149). As principais funções seriam as que seguem:

- Ativação/reativação na memória – nessa função, as expressões referenciais objetivam manter o referente em foco, ou seja, lembrar aos interlocutores do que se está tratando, por intermédio da (re)ativação na memória do interlocutor. Ao mesmo tempo, processa uma recategorização ou refocalização do referente. São, portanto, formas *referenciadoras* e *predicativas*.

Com o ouro que extraíam, os mocambeiros compravam armas dos holandeses da vizinha Guiana – que, por sua vez, consumiam as ervas medicinais dos *negros*. *Os ex-escravos* também vendiam tabaco e mandioca para as populações ribeirinhas e praticavam a pirataria.

(*Aventuras na História*, jun. 2006, p. 8.)

---

As expressões *os negros* e *os ex-escravos*, ao retomar *os mocambeiros*, reativam na memória do interlocutor o tema em questão.

- Encapsulamento (sumarização) e rotulação – essa função é preenchida apenas pelas nominalizações. Geralmente aparece em início de parágrafo.
- 

Festas eram comuns no mocambo. E elas duravam dias e noites, com muita música e dança. Ao som de marimbas e de um instrumento chamado *pungo*, contadores de histórias empolgavam os ouvintes. As festas, porém, não eram sempre religiosas – embora os mocambeiros o fossem. Eles adoravam ídolos com feições humanas e animais e faziam sacrifícios com bichos. A *cerimônia* era realizada por um feiticeiro, que também era curandeiro.

(*Aventuras na História*, jun. 2006, p. 8.)

---

A expressão *a cerimônia* encapsula todo um segmento que trata das festas religiosas.

- Organização macroestrutural – nessa função ocorre uma sinalização para o leitor das várias partes do texto, como introdução, tópicos e conclusão. Ocorre, então, a marcação de parágrafos. As expressões referenciais com essa função são responsáveis, portanto, pela organização estrutural dos textos. Observe no exemplo a seguir:
- 

O sucesso do ex-metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva em sua quarta tentativa de chegar à Presidência da República representa mais do que o triunfo da persistência – é a vitória do improvável. [...]

*Sua primeira tentativa eleitoral*, para o governo de São Paulo, se deu em 1982 e foi um jato de água fria no entusiasmo do político iniciante. [...]

*A ressaca*, curtida em exílio doméstico na companhia de alguns poucos amigos e muita cachaça de cambuci, só passou três meses depois. [...]

Em 1989, a situação era diferente. Lula tinha chances reais de vencer Fernando Collor, mas, como se sabe, de novo perdeu. [...]

O terceiro fracasso ocorreu em 1994, em sua segunda tentativa de chegar à Presidência. [...]

(*Isto É*, 30 out. 2002, p. 37-383.)

- 
- Atualização de conhecimentos por meio de retomadas realizadas pelo uso de um hiperônimo – aqui ocorre uma retomada com o objetivo de explicar um termo pouco usual. Exemplos:

---

A expressão, que indica quem fez papel de bobo, já recebeu tantas versões para a sua origem que muitos *linguistas* parecem “ter jogado a toalha”. *O estudioso de línguagem* João Ribeiro foi um deles. [...]

(*Revista Língua Portuguesa*, jan. 2008, p. 8.)

Segundo alguns linguistas e antropólogos, línguas de *povos primitivos* – isto é, de *sociedades tribais* – não permitiriam abstrações.

(*Revista Língua Portuguesa*, jan. 2008, p. 60.)

---

- Especificação por meio da sequência hiperônimo/hipônimo – ocorre uma especificação de um termo mais geral (o hiperônimo) para um termo mais específico (o hipônimo), contrariando a ordem mais comum – do particular para o geral. Geralmente é introduzido por um artigo indefinido.

---

*Uma ameaça* ronda o início do ano dos brasileiros.  
*Um surto de febre amarela* que com certa regularidade – de cinco a oito anos – insiste em nos visitar.

---

- Construção de paráfrases anafóricas definidoras e didáticas – nessa função, é possível ao interlocutor aprender um léxico novo por intermédio da paráfrase construída pela expressão referencial. É muito comum em gêneros didáticos e de divulgação científica. Acompanhe no Quadro 1 a diferença entre anáforas definidoras e anáforas didáticas:

---

3 Exemplo citado por Koch (2004, p. 72).

Quadro 1 – Diferença entre anáforas definidoras e anáforas didáticas.

Anáforas definidoras	Anáforas didáticas
<p><i>definiendum</i> → <i>definiens</i>            (termo técnico → definição)</p>	<p><i>definiens</i> → <i>definiendum</i>            (definição → termo técnico)</p>
<p>O <i>Aedes aegypti</i> traz a doença de volta às cidades, onde os casos podem multiplicar-se devido à enorme população desse mosquito.             (Veja, 23 jan. 2008, p. 72.)</p>	<p>O ano de 1968 foi tão marcante que em francês se cunhou uma palavra para nomear <i>as pessoas típicas desse ano, marcadas para toda a vida pelas ideias e experiências do período</i> – são os “soixante-huitards”.             (Veja, 23 jan. 2008, p. 102.)</p>

Fonte: Elaborada pela autora.

- Introdução de informações novas – as novas informações introduzidas pelas expressões referenciais caracterizam os referentes de determinada maneira. Essa introdução pode ocorrer por *recurso a relações de para-sinonímia* (sinonímia mais ou menos aproximada) e por *novas caracterizações do referente*.

No primeiro caso, temos como exemplo o enunciado a seguir:

---

O discurso de Fidel demorou, como de praxe, mais de cinco horas. A *enxurrada de impropérios* não perdoou nem mesmo o presidente Lula.

---

- No segundo caso, vemos:

---

No Pará, boi e soja eram desimportantes, explicou Marina Silva, *a ministra que fala baixo, tem saúde, frágil e uma biografia admirável*.

---

*(Veja, 30 jan. 2008, p. 63. Adaptado.)*

---

- Orientação argumentativa – essa função é muito presente em gêneros opinativos. Vejamos alguns exemplos:

---

Já Dirceu está longe de aposentar o *Alain Delon dos pobres* que abriga dentro de si.

---

*(Veja, 30 jan. 2008, p. 114.)*

Na ampla reportagem a ele dedicada pela revista *Piauí – uma das melhores peças jornalísticas dos últimos tempos* –, ele é flagrado pela repórter Daniela Pinheiro em sua quarta encarnação, a de “consultor”.

(*Veja*, 23 jan. 2008, p. 102.)

- Categorização metaenunciativa de um ato de enunciação – as expressões referenciais, ao contrário de apresentar informação e/ou opinião sobre o conteúdo dos enunciados, refere-se ao próprio ato discursivo (por isso o prefixo *meta*).

Como se pôde ver, as expressões referenciais exercem um papel muito importante na leitura e produção de textos ao desempenharem uma série de funções, como as relacionadas ao posicionamento do enunciador frente ao enunciado.

## Ampliando seus conhecimentos

### Progressão referencial: uma análise das estratégias de referenciação mobilizadas em artigos de opinião

(OLIVEIRA, 2017, p. 3-4)

#### Principais estratégias de referenciação

A referenciação é tida por Koch (2009a, p. 53) como uma atividade discursiva, visto que “implica uma visão não-referencial da língua e da linguagem”, e interativa, pois fabrica os referentes não enquanto “objetos do mundo”, mas enquanto “objetos do discurso”. Assim, a referenciação não implica, propriamente, uma relação entre a língua e as coisas existentes no mundo real, mas a construção coletiva de um modo de se referir a elas.

Em outras palavras, é dentro das operações de referenciação que surgem os objetos do discurso, definidos por Mondada (2001) como entidades produzidas no curso da enunciação. Por não pré-existirem ao texto e, sim, emergirem na dinâmica discursiva, o uso do objeto do discurso é subjetivo, visto sua construção está atrelada à forma com a qual os sujeitos interagem socioculturalmente. Desse modo, no processo de construção de um modo de se referir, ou modo de dizer, a um objeto que já existe no mundo, os sujeitos, de forma conjunta, o reelaboram.

Assim, pode-se dizer que nem sempre há uma correspondência unívoca entre o objeto reelaborado e objeto existente no mundo, sendo que a

relaboração deve obedecer “às restrições impostas pelas condições culturais, sociais, históricas e, finalmente, pelas condições de processamento decorrentes do uso da língua (MARCUSCHI e KOCH, 1998, p. 5 citado por KOCH, 2009b, p. 80), e não obedecer às restrições impostas pelo mundo material. Ou seja, na atividade de referenciação, o que está em jogo são as formas pelas quais os sujeitos sóciohistóricos constroem, na interação e de forma colaborativa, os seus discursos. Os objetos presentes nesses discursos não refletem o mundo real, mas os pontos de vistas dos sujeitos, condicionados pelas práticas sociais, sobre esses objetos – dado que faz com que sejam tidos como objetos do discurso.

Esses objetos são caracterizados por sua natureza dinâmica, visto que, para mantê-los em foco no fio discursivo, os sujeitos acionam estratégias de referenciação que podem fazer com que sejam “modificados, desativados, reativados, transformados, recategorizados [...]” (KOCH, 2009a, p.80).

Segundo Koch e Elias (2006), as estratégias de construção dos objetos do discurso são as seguintes: introdução, quando um objeto ainda não mencionado no texto é introduzido e, portanto, colocado em foco; retomada, reativação de um objeto já presente no texto por meio de uma forma referencial; e desfocalização, introdução de um novo objeto, promovendo uma mudança de foco dos objetos já introduzidos no texto.

Já as estratégias que colaboram para a progressão referencial/retomada de referentes - estratégias estas responsáveis por construírem as cadeias referenciais que, por sua vez, permitem a categorização e recategorização discursiva dos objetos do discurso, são as seguintes, de acordo com Koch (2009b):

- uso de pronomes ou elipses: a referenciação dá-se por meio de formas gramaticais com a “função pronome” ou por elipses;
- usos de expressões nominais definidas: a referenciação ocorre pelo uso de formas ou expressões definidas que, dentre outras formas linguísticas, ainda incluem as descrições definidas e as nominalizações;
- uso de expressões nominais indefinidas: a referenciação dá-se pela mobilização de expressões ou formas nominais introduzidas por artigo indefinido.

A análise das sequências de expressões, ou seja, das cadeias referenciais, na produção de um texto, auxilia na observação de como as imagens dos referentes vão sendo construídas ao longo do discurso e, no caso do artigo

de opinião, qual é a direção argumentativa adotada pelo locutor. Vale salientar que as cadeias referências são de natureza remissiva, uma vez que retomam o que foi dito para abrir precedentes para a introdução de informação nova e preditiva, pois antecipam informações sobre o referente, de modo a garantir, inclusive, a progressão tópica.

[...]

## Atividades

1. Indique que estratégias de referenciação foram empregadas no segmento a seguir.

(1) introdução      (2) retomada      (3) desfocalização

---

Há quem diga que D. João ( ) gostou tanto do Brasil que foi ficando. Mesmo depois que os franceses foram expulsos de Portugal, o príncipe português ( ) preferiu continuar nos trópicos. Na nova capital do império ( ), sediada no Rio de Janeiro, o príncipe regente ( ) reproduziu a pesada estrutura portuguesa, criou instituições, fundou jornais e o Banco do Brasil.”

*(Schwarcz, Lilia M.; Spacca. D. João Carioca: a corte portuguesa chega ao Brasil (1808-1821), Companhia da Letras, 2007)*

---

2. Reescreva o texto a seguir, estabelecendo a retomada dos referentes de acordo com as orientações dadas.

---

O enxadrista búlgaro Ivan Cheparinov perdeu uma partida porque não quis cumprimentar o adversário, o inglês Nigel Short, antes do jogo. Alertado pelo árbitro, \_\_\_\_\_ (*pronome ou outra forma de valor pronominal*) até tentou estender a mão a Short. Mas aí foi a vez de o inglês recusar: alegou que a falta já havia sido cometida e que \_\_\_\_\_ (*expressão nominal definida*) devia ser punido. O juiz concordou. \_\_\_\_\_ que fica. (*expressão nominal indefinida*).

*(Revista da Semana, 28 jan. 2008, p. 7. Adaptado.)*

---

3. Indique qual a principal função exercida pelas expressões referenciais assinaladas nos enunciados dados.
- ( 1 ) orientação argumentativa  
( 2 ) categorização metaenunciativa  
( 3 ) construção de paráphrase didática  
( 4 ) especificação por meio da sequência hiperônimo/hipônimo  
( 5 ) encapsulamento e rotulação
- ( ) Na década da grande virada que foi a de 1960, o jovem tomou espetacularmente o lugar do velho. Três grandes fatos mundiais estão na origem do *fenômeno* (*Veja*, 30 jan. 2008, p. 114).  
( ) Participou de *uma das épicas batalhas da época*, a luta entre os estudantes da USP e do Mackenzie, na Rua Maria Antônia (*Veja*, 23 jan. 2008, p. 102).  
( ) “Expressão cujo significado não pode ser derivado pela análise das palavras que a constituem”, assim pode ser definido o termo *idiomatismo*.  
( ) Você é feliz? *A essa pergunta*, tão curta e aparentemente tão simples, ninguém responde rápido, nem que sim nem que não.<sup>4</sup>  
( ) Uma grande patacoada marcou o início dos trabalhos no Congresso. *Uma falha no sistema de votação* impediu que os deputados votassem os projetos agendados para a volta do ano legislativo.

---

Resolução

1. ( 1 )( 2 )( 3 )( 2 )
2. Sugestão: ele, o búlgaro/ o enxadrista, uma lição.
3. ( 5 )( 1 )( 3 )( 2 )( 4 )

---

<sup>4</sup> Exemplo citado por Koch (2006, p. 149).

# 8

# Coerência: princípios gerais

## 8.1 Textualidade e coerência

Leia com atenção o texto a seguir:

---

Era uma vez uma menininha do sul do Brasil. Bem cedo, quando a névoa ainda cobria os caminhos, lá ia a menina para a escola: de um lado, levava os cadernos; de outro, a merenda.

Havia estudado a noite inteira para se sair bem nas provas daquela manhã. Mas nem precisaria tanto, era uma das melhores alunas da turma e sempre estava com a matéria em dia.

Os testes começaram logo, a garota resolveu todos eles e estava ansiosa à espera dos resultados.

No final da manhã, a professora afixou as respostas no quadro: nossa menininha acertara apenas uma das 20 questões.

---

Você deve ter percebido que alguma coisa no texto não combina direito. Se a garota era tão inteligente e estudara tanto, por que não conseguiu se sair bem? Apesar de ser bem organizado coesivamente e não apresentar problemas de norma padrão, o exemplo acima não é um bom texto.

Isso porque no segmento apresentado não há *coerência*. Mas o que é mesmo *coerência*? Vejamos, a seguir, uma breve definição:

A palavra coerência, da mesma família de *aderência* e *aderente*, provém do latim *cohaerentia* (formada do prefixo *co* = junto com + o verbo *haerere* = estar preso). Significa, pois, conexão, união estreita entre várias partes, relação entre ideias que se harmonizam, ausência de contradição. É a coerência que distingue um texto de um aglomerado de frases. (PLATÃO; FIORIN, 1996, p. 393)

A coerência é um dos fatores para a legibilidade de um texto.

## 8.2 Tipos de coerência

Van Dijk e Kintsch (*apud* KOCH; TRAVAGLIA, 2001, p. 37) defendem a existência de quatro tipos de coerência: *semântica, sintática, estilística e pragmática*.

### 8.2.1 Coerência semântica

A coerência semântica está relacionada ao significado dos elementos do texto, tanto de forma local quanto global.

### 8.2.2 Coerência sintática

A coerência (ou incoerência) sintática é percebida quando os elementos linguísticos que formam o texto – como conectivos, pronomes etc. – não estão em harmonia.

---

### Rainha é absolvido em Vitória

O líder sem-terra José Rainha Júnior foi absolvido ontem pelo Tribunal do Júri de Vitória (ES) da acusação de coautoria das mortes do fazendeiro José Machado Neto e do policial militar Sérgio Narciso da Silva. Quatro dos três jurados consideraram Rainha inocente dos crimes, ocorridos em 1989.

(Folha de Londrina)

---

No exemplo anterior a expressão quatro dos três jurados produz uma incoerência sintática. É possível que tenha ocorrido um erro de revisão do jornal. De qualquer forma, o que foi publicado constitui-se como um exemplo de *incoerência sintática*.

### 8.2.3 Coerência estilística

Para Koch e Travaglia (2001, p. 38), para existir coerência estilística “um usuário deveria usar em seu texto elementos linguísticos (léxico, tipos de estruturas, frases etc.) pertencentes ou constituintes do mesmo estilo ou registro linguístico.”

### 8.2.4 Coerência pragmática

Finalmente, a coerência pragmática se refere ao atendimento das mesmas condições presentes em uma dada situação comunicativa; ou seja, os participantes do ato comunicativo devem “cooperar” para que ambos tenham em vista a mesma intenção.

Mas quais seriam os fatores responsáveis pela coerência de um texto?

## 8.3 Fatores de coerência

Beaugrande e Dressler (*apud* KOCH, 2004) formularam um grupo de condições responsáveis pela coerência. Para esses autores, os fatores seriam situacionalidade, informatividade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade. Koch e Travaglia (2001) apresentam ainda alguns outros fatores, como contextualização, conhecimento linguístico (ou elementos linguísticos), conhecimento de mundo, conhecimento partilhado, inferências, focalização, consistência e relevância.

É com esse conjunto de fatores que iremos trabalhar.

### 8.3.1 Conhecimento linguístico (ou elementos linguísticos)

O conhecimento linguístico trata do conjunto de informações relacionadas à linguagem: léxico, ligações sintáticas, entre outras. É necessário dominarmos a linguagem de um certo texto para atribuir-lhe coerência.

Como acontece com os outros fatores que veremos a seguir, o *conhecimento linguístico* não pode ser considerado isoladamente: ele tem que ser analisado em conjunto com os outros fatores.

### 8.3.2 Conhecimento de mundo

A coerência não está no texto, mas se constrói na interlocução. Por isso, um texto pode ser mais ou menos coerente – mais ou menos inteligível – de acordo com o conhecimento de mundo de cada interlocutor.

O conhecimento de mundo pode ser de dois tipos: aquele adquirido pela experiência do dia a dia e o chamado *conhecimento científico*, que é desenvolvido por aqueles que tiveram oportunidade de passar pelos bancos escolares.

Segundo Koch e Travaglia (1995), nosso conhecimento de mundo fica organizado em *blocos*, que se denominam *modelos cognitivos*. Vejamos a seguir alguns deles:

- *Frames* – conjuntos de conhecimentos armazenados na memória debaixo de um certo rótulo, sem que haja qualquer ordenação entre eles.  
Exemplo: *Carnaval* – confete, serpentina, desfile, escola de samba, fantasia, baile, mulatas etc.
- *Esquemas* – conjuntos de conhecimentos armazenados em sequência temporal ou causal.  
Exemplo: como pôr um aparelho em funcionamento ou um dia na vida de um cidadão comum.
- *Planos* – conjunto de conhecimentos sobre como agir para atingir determinado objetivo.  
Exemplo: como vencer uma partida de xadrez.
- *Scripts* – conjuntos de conhecimentos sobre modos de agir altamente estereotipados em dada cultura, inclusive em termos de linguagem.  
Exemplo: os rituais religiosos (batismo, casamento, missa), as fórmulas de cortesia ou as praxes jurídicas.
- *Superestruturas ou esquemas textuais* – conjunto de conhecimentos sobre os diversos tipos de textos, que vão sendo adquiridos à proporção que temos contato com esses tipos e fazemos comparações entre eles.

Esses *modelos cognitivos* vão sendo criados/construídos de acordo com nossas vivências e por isso não são idênticos para todos. Uma pessoa religiosa pode incluir no *frame* Natal o tópico *nascimento de Cristo* enquanto para outro interlocutor essa expressão pode não aparecer.

### 8.3.3 Conhecimento partilhado

Chamamos de *conhecimento partilhado* as informações comuns a produtor e receptor: só assim haverá compreensão – e, portanto, coerência.

Podemos exemplificar esse fator com a ilustração a seguir:

**Figura 1 – Conhecimento partilhado.**



Fonte: IESDE BRASIL S/A.

### 8.3.4 Situacionalidade

Koch e Travaglia (1995, p. 76) afirmam que a *situacionalidade* é o “conjunto de fatores que tornam um texto relevante para dada situação de comunicação corrente ou passível de ser reconstituída”. Ela pode acontecer da situação para o texto – em que medida a situação comunicativa interfere na produção/recepção do texto – e do texto para a situação.

Imagine o seguinte diálogo:

---

— Já tá no ponto?

— Já passou um pouquinho.

---

O que esse diálogo pode querer significar? Se ele for travado entre duas pessoas dentro do ônibus, pode se referir ao local exato em que se deve descer. Se esses interlocutores estiverem em uma cozinha, pode ser atribuído ao ponto de cozimento de um alimento, e poderíamos continuar com muitas especulações. Sem conhecer a situação, fica difícil estabelecer a coerência pretendida pelo produtor. Veja a seguir o texto em sua completude (os elementos não verbais são responsáveis pela situação):

Figura 2 – Exemplo de charge.



Fonte: IESDE BRASIL S/A.

### 8.3.5 Informatividade

A informatividade refere-se à distribuição da informação no texto, com o grau de previsibilidade/redundância com que a informação é veiculada. Para que a informatividade

se transforme em fator de coerência, deve haver um equilíbrio entre informações dadas e novas. Um texto com muita informação dada é ineficiente, pois não acrescenta nada ao receptor; um texto com muita informação nova teria sua compreensão muita dificultada. Quanto ao grau de previsibilidade, pode ser baixo, médio ou máximo. Veja o texto a seguir, que circula pela internet, e avalie seu grau de informatividade:

---

### Doutorado

O dissacarídeo de fórmula C<sub>12</sub>H<sub>22</sub>O<sub>11</sub>, obtido através da fervura e da evaporação de H<sub>2</sub>O do líquido resultante da prensagem do caule da ramínea *Saccharus officinarum* Linneu, 1758, isento de qualquer outro tipo de processamento suplementar que elimine suas impurezas, quando apresentado sob a forma geométrica de sólidos de reduzidas dimensões e arestas retilíneas, configurando pirâmides truncadas de base oblonga e pequena altura, uma vez submetido a um toque no órgão do paladar de quem se disponha a um teste organoléptico, impressiona favoravelmente as papilas gustativas, sugerindo impressão sensorial equivalente provocada pelo mesmo dissacarídeo em estado bruto, que ocorre no líquido nutritivo da alta viscosidade, produzindo nos órgãos especiais existentes na *Apis mellifera*, Linneu, 1758. No entanto, é possível comprovar experimentalmente que esse dissacarídeo, no estado físico-químico descrito e apresentado sob aquela forma geométrica, apresenta considerável resistência a modificar apreciavelmente suas dimensões quando submetido a tensões mecânicas de compressão ao longo do seu eixo em consequência da pequena capacidade de deformação que lhe é peculiar.

### Mestrado

A sacarose extraída da cana de açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.

### Graduação

O açúcar, quando ainda não submetido à refinação e, apresentando-se em blocos sólidos de pequenas dimensões e forma tronco-piramidal, tem sabor deleitável da secreção alimentar das abelhas; todavia não muda suas proporções quando sujeito à compressão.

### Ensino Médio

Açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.

### Ensino Fundamental

Açúcar mascavo em tijolinhos tem o sabor adoçicado, mas não é macio ou flexível.

### Sabedoria popular

Rapadura é doce, mas não é mole, não!

(Autor desconhecido.)

---

## 8.3.6 Intertextualidade

Para Koch (2004, p. 42), a intertextualidade “compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores, ou seja, dos diversos tipos de relações que um texto mantém com outros textos.”

Para muitos estudiosos, esse é um dos fatores de coerência mais relevantes para a legibilidade de um texto.

## 8.3.7 Fatores de contextualização (ou fatores pragmáticos)

Marcuschi (*apud* KOCH, 2004) sugere que se incluem, entre os demais, os *fatores de contextualização*, responsáveis, segundo ele, pela ancoragem do texto em dada situação comunicativa. Esses fatores seriam:

- contextualizadores propriamente ditos – data, local, assinatura, diagramação, localização na página ou no caderno, recursos gráficos em geral;
- prospectivos (que permitem avançar expectativas sobre o texto) – título, nome do autor, início do texto.

## 8.3.8 Intencionalidade e aceitabilidade

Intencionalidade e aceitabilidade são as duas faces de uma moeda. De um lado, a intenção do produtor, que pretende alcançar alguns objetivos ao produzir um certo texto. E, de outro lado, para que essa intenção se cumpra, é imprescindível a contrapartida do receptor, sua aceitação. Nesse jogo, o produtor intenciona produzir um texto coerente para que o receptor o aceite.

### 8.3.9 Inferências

Segundo Koch e Travaglia (2001, p. 65), a “inferência é a operação pela qual, utilizando seu conhecimento de mundo, o receptor (leitor/ouvinte) de um texto estabelece uma relação não explícita entre dois elementos (normalmente frases ou trechos) desse texto que ele busca compreender e interpretar.”

Se não fossem as inferências, os textos deveriam ser muito extensos. Koch e Travaglia (1995), exemplificam bem essa situação com a metáfora do *iceberg*: o material linguístico é apenas uma pequena parte da informação a ser depreendida do texto, a maior parte vai ser recuperada pelos receptores por meio das *inferências*.

### 8.3.10 Focalização

A Bíblia pode ser lida de modos diferentes tendo em vista os leitores e seus objetivos: um teólogo observará aspectos relacionados à fé, um literato analisará os gêneros literários que a compõem e um historiador tentará recuperar informações sobre povos antigos.

É a isso que chamamos de *focalização*: uma lente que escolhemos para esmiuçar um texto levando em conta nosso conhecimento de mundo e nossos objetivos.

O produtor deve deixar no texto marcas que indiquem que foco o receptor deve acionar para atribuir coerência ao texto. Veja o texto a seguir:

---

---

Tormento não tem idade

– Meu filho, aquele seu amigo, o Jorge, telefonou.

– O que é que ele queria?

– Convidou você para dormir na casa dele, amanhã.

– E o que é que você disse?

– Disse que não sabia, mas achava que você iria aceitar o convite.

– Fez mal, mamãe. Você sabe que odeio dormir fora de casa.

– Mas, meu filho, o Jorge gosta tanto de você...

– Eu sei que ele gosta de mim. Mas eu não sou obrigado a dormir na casa dele por causa disso, sou?

– Claro que não. Mas...

– Mas o que, mamãe?

– Bem, quem decide é você. Mas, que seria bom você dormir lá, seria.

—Ah, é? E por quê?

— Bem, em primeiro lugar, o Jorge tem um quarto novo de hóspedes e queria estrear com você. Ele disse que é um quarto muito lindo. Tem até tevê a cabo.

— Eu não gosto de tevê.

— O Jorge também disse que queria lhe mostrar uns desenhos que ele fez...

— Não estou interessado nos desenhos do Jorge.

— Bom. Mas tem mais uma coisa...

— O que é, mamãe?

— O Jorge tem uma irmã, você sabe. E a irmã do Jorge gosta muito de você. Ela mandou dizer que espera você lá.

— Não quero nada com a irmã do Jorge. É uma chata.

— Você vai fazer uma desfeita para a coitada....

— Não me importa. Assim ela aprende a não ser metida. De mais a mais você sabe que eu gosto da minha cama, do meu quarto. E, depois, teria de fazer uma mala com pijama, essas coisas...

— Eu faço a mala para você, meu filho. Eu arrumo suas coisas direitinho, você vai ver.

— Não, mamãe. Não insista, por favor. Você está me atormentando com isso. Bem, deixe eu lhe lembrar uma coisa para terminar com essa discussão: amanhã eu não vou a lugar nenhum. Sabe por que, mamãe? Amanhã é o meu aniversário. Você esqueceu?

— Esqueci mesmo. Desculpe, filho.

---

O texto vai sendo produzido de forma a levar o leitor a identificar o filho como uma criança – a recusa em dormir fora de casa, o fato de sua mãe se prontificar a fazer sua mala, os desenhos feitos por seu amigo –, é esse o *foco* que o autor deseja que adotemos. Mas temos nessa narrativa uma quebra de expectativa, pois o segmento a seguir nos obriga a mudar a focalização e reconhecer o filho como um senhor e não mais como um menino.

---

— Pois é. Amanhã estou fazendo 50 anos. E acho que quem faz 50 anos tem o direito de passar a noite em casa com sua mãe, não é verdade?

(SCLiar, Moacyr. Folha de S.Paulo. 3 set. 2001.)

---

### 8.3.11 Consistência e relevância

Finalmente, vamos tratar dos dois últimos fatores de coerência: a consistência e a relevância. Em um texto, todos os enunciados devem ser consistentes entre si, ou seja, os segmentos não podem ser contraditórios. Já a relevância garante que os enunciados tratem do mesmo tópico (ou tema).

*Observação final:* a (in)coerência só é percebida quando não está presente em um texto. Ninguém produz intencionalmente um texto incoerente. As incoerências acontecem por um descuido do produtor ou em casos específicos – discurso das crianças e dos loucos.

---

A coerência não está *no texto*, não nos é possível apontá-la, destacá-la, sublinhá-la ou coisa que o valha, mas somos nós leitores, em um efetivo processo de *interação com o autor e o texto*, baseados nas pistas que nos são dadas e os conhecimentos que possuímos, que construímos a coerência.

(KOCH; ELIAS, 2006, p. 184.)

---

#### ⊕ Ampliando seus conhecimentos

##### A coesão e a coerência

(ANTUNES, 2005, p. 174-176)

*Subi a porta e fechei a escada.*

*Tirei minhas orações e recitei meus sapatos.*

*Desliguei a cama e deitei-me na luz*

*Tudo porque*

*Ele me deu um beijo de boa noite...*

(Anônimo)

Seria esse texto incoerente? É possível descobrir nele alguma ponta de sentido? Melhor dizendo, é possível recuperar alguma unidade de sentido ou de intenção? Serve para “dizer” alguma coisa? Se serve, como encarar o fato de as palavras estarem numa arrumação linear que resulta sem sentido? A porta sobe? A gente fecha a escada? A gente tira as orações e recita os sapatos? A gente desliga a cama e se deita na luz?

Ou o que se pretendeu dizer consta exatamente nessa desarrumação das palavras? No caso, a desordem das palavras teria sido proposital, e é ela que funciona como o signo, como a instrução visível do que se quer dizer. No caso, ainda, o “sentido” do poema não está nos “sentidos” do que está explicitado. Está na forma como as coisas foram ditas; melhor dizendo, está na desorganização da forma como as coisas foram ditas. Tudo isso, para que se conseguisse dizer, de um jeito bem particular, que os amantes veem para além das aparências das coisas; que os amantes perdem o sentido unívoco das coisas; veem numa outra ordem; enxergam os significados mais obtusos; subvertem a ordem natural das coisas.

Mas, trazendo esse texto para o âmbito do linguístico, da composição do texto propriamente, como fica a questão de sua coesão e de sua coerência?

Evidentemente, sabemos tratar-se de um texto poético; um gênero de texto em que podemos exercitar à exaustão nossa capacidade de transcender os limites impostos pela realidade, pelas lógicas todas e, consequentemente, fugir às determinações das gramáticas e dos valores semânticos das palavras, sem fugir, no entanto, à determinação de *ser coerente*, de *fazer sentido*.

Ou seja, o texto em análise é coerente, faz sentido. Não pela linearidade de sua composição nem pela padronização de sua sequência. Mas, exatamente, porque quebra essa linearidade; porque viola essa padronização com uma função comunicativa definida, buscando um efeito comunicativo particular.

Vale acrescentar, no entanto, que esse texto é coerente não porque, simplesmente, é um texto poético. Ele é coerente porque se pode, por uma via qualquer, recuperar uma unidade de sentido, uma unidade de intenção. Poderia não ser um texto poético; ainda assim, seria um texto coerente, embora requisitasse uma leitura especializada, uma leitura que ultrapasse a mera recuperação dos sentidos isolados de cada palavra.

A coerência não é, portanto, uma propriedade estritamente linguística nem se prende, apenas, às determinações meramente gramaticais da língua. Ela supõe tais determinações linguísticas; mas as ultrapassa. E, então, o limite é a funcionalidade do que é dito, os efeitos pretendidos, em função dos quais escolhemos esse ou aquele jeito de dizer as coisas.

Em síntese: a coerência é uma propriedade que tem a ver com as possibilidades de o texto funcionar como uma *peça comunicativa*, como um meio

de interação verbal. Por isso, ela é, em primeira mão, linguística. Não se pode avaliar a coerência de um texto sem se ter em conta a forma como as palavras aparecem, ou a ordem de aparição dos segmentos que o constituem. O texto supõe uma forma material, e essa forma material supõe uma organização padronizada, definida.

## Atividades

1. Tendo em vista o fator *conhecimento de mundo*, desenvolva os *modelos cognitivos* pedidos.
  - a. *Frame* “universidade”
  - b. Plano “realizar um trabalho acadêmico”
2. Observe a notícia a seguir. Nela foi inserido um segmento que a torna incoerente, considerando a consistência e a relevância. Identifique qual é esse segmento:

---

## Alfabetismo funcional

(1) O índice de alfabetização no Brasil vem crescendo continuadamente nos últimos 100 anos. No fim do século XIX, cerca de 95% da população era analfabeta. Hoje, esse número é inferior a 10%. (2) É um grande avanço, sem dúvida. Mas são números que não levam em conta o chamado *alfabetismo funcional*. Os números relativos ao tema foram divulgados com o resultado do 5.º Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (Inaf). (3) Outro fator importante sobre as famílias brasileiras é aquele referente à chefia dos lares. Nos últimos anos, cresceu o número de lares chefiados por mulheres. (4) A pesquisa, realizada a cada dois anos, é uma iniciativa do Instituto Paulo Montenegro e da ONG Ação Educativa. Ela apontou que 30% da população entre 15 e 64 anos, embora alfabetizada, consegue ler apenas manchetes e títulos. Outros 38% leem textos curtos dos quais extraem informações explícitas e conclusões simples. (5) O resultado é que somente 25% dos brasileiros dominam satisfatoriamente a leitura e a escrita.

*(Discutindo Língua Portuguesa, ano 1, n. 1)*

3. O texto a seguir explora um fator de coerência para provocar o humor. Qual é esse fator?

---

### Nossa língua lusitana (com tradução)

José Roberto Torero

Um desaire, pá!, assim se pode qualificar o malogro lusitano na peleja da jornada matutina de ontem. É verdade que a equipa empenhou-se na busca da viragem, mas os estadunidenses, fechadinhos na carapaça, deram um figo ao Figo e triunfaram incontestavelmente. O guarda-redes teve lá suas fíffias, o Rui Costa foi pouco intervintivo como municiador, e o João Pinto e o avançado Pauleta andaram em profunda crise anímica. Nem o Sérgio Conceição teve muita gênica. A sonhadora falange de apoio esperava túneis, cabritas, golos de encher a vista, mas o que se viu, isto sim, foi a tradicional camisola verde-rubra desonrada. A massa adepta pensava que o selecionado estaria na posição cimeira, mas divide o rabo da bicha com os polônios. É gira isto ou não é?

A maior decepção, meu! Não tem outro jeito de falar da derrota de Portugal. É verdade que eles tentaram a virada, mas os americanos, retrancadinhos lá atrás, não tomaram conhecimento do Figo e venceram mole, mole. O goleiro andou bobeando, o Rui Costa fez poucos lançamentos, e o João Pinto e o atacante Pauleta estavam desligadões. Nem o Sérgio Conceição mostrou a energia de sempre. O pessoal das padarias esperava bolas por debaixo das pernas, chapéus e gols, mas nada, o time não honrou a camisa. A torcida achava que a seleção estaria em primeiro lugar na tabela, mas agora divide a lanterninha com a Polônia. Coisa de louco!

---

4. Assinale a alternativa correta, tendo em vista os fatores de coerência.

- a. O *conhecimento partilhado* é responsável pela recuperação de informações armazenadas pelos interlocutores.
- b. Para não sobrecarregar um texto de material linguístico, são empregadas as *inferências*; em que o receptor “lê” o que não está explícito, acionando seu conhecimento de mundo.
- c. Quando em um texto dialogam outros textos, temos a presença dos *fatores de contextualização*.
- d. A *situacionalidade* é um fator irrelevante para a coerência de um texto.
- e. Ao elaborar um texto, o produtor não precisa considerar seu receptor ao “calibrar” o grau de informação veiculado pelo texto: o grau de *informatividade* não é um fator importante para a atribuição da coerência.

Resolução

1.

- a. Dentro do *frame* “universidade” podem ser mencionados: professores, acadêmicos, biblioteca, trabalhos, artigos científicos, livros, entre outros possíveis.
  - b. Uma sugestão para o plano “realizar um trabalho acadêmico” seria: escolher/receber o tema do trabalho, buscar material teórico na biblioteca ou na internet, selecionar as informações necessárias, redigir a primeira versão do trabalho, revisar o material produzido, elaborar a versão final, entregar o trabalho ao professor ou apresentá-lo.
2. O segmento incoerente, considerando a consistência e a relevância, é o (3).
3. Conhecimento linguístico.
4. B

# 9

# Intertextualidade

## 9.1 Conceito de intertextualidade

A intertextualidade é um dos principais fatores de coerência: por intermédio desse mecanismo é possível recepcionar e produzir textos de forma mais completa e significativa – ou seja, ela é um fator extremamente importante para a interpretabilidade de um texto. A intertextualidade pode se manifestar de várias maneiras: de forma ou de conteúdo, explícita ou implícita, das semelhanças ou das diferenças.

### 9.1.1 Intertextualidade de conteúdo x de forma e de conteúdo

Para Koch (1997), não existe intertextualidade apenas de forma, pois essa faria parte do conteúdo. Tratando-se do conteúdo, podemos perceber a intertextualidade quando comparamos textos da mesma área de conhecimento (revistas de divulgação científica e artigos acadêmicos que tratam do mesmo tema, por exemplo), em materiais produzidos pela mídia em geral sobre o mesmo assunto (no mesmo dia ou por vários veículos). No caso da literatura, os diversos textos produzidos em uma mesma escola literária (Romantismo, por exemplo) também apresentam intertextualidade de conteúdo. Um bom exemplo de intertextualidade de forma/conteúdo pode ser encontrado no texto produzido por Paulo Leminski (*apud KOCH; TRAVAGLIA, 1995, p. 89*), por ocasião do lançamento da minissérie *Grande Sertão: Veredas*, em que o autor procura imitar o estilo de Guimarães Rosa.

#### **Grande ser, tão veredas**

A pois. E não foi, num vupt-vapt, que as altas histórias gerais da jagunçagem deram de ostentar suas prosápias e bizarrias no tal horário nobre da caixinha de surpresas, pro bem e pro mal, Rede Globo chamada?

Compadre mano velho, mire e veja as voltas que o mundo dá.  
Quem haverá de dizer que toda essa aprazível gente cidadã ia  
botar em saber das fabulanças daqueles tempos, quando o des-  
mando e a contra-lei atropelavam os descampados do uru-  
cuia, lá praquelas bandas brabas, onde tanto boi berra? [...]

*(LEMINSKI apud KOCH; TRAVAGLIA, 1995, p. 89)*

Para atribuir a devida significação ao fragmento acima, é necessário conhecer a linguagem criada por Guimarães Rosa (repleta de neologismos, regionalismos e inversões): só assim é possível compreender que o artigo sobre o lançamento da minissérie também é uma homenagem ao grande escritor mineiro<sup>1</sup>.

1 Observe, no trecho a seguir, a linguagem de Guimarães Rosa: “Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. O senhor ri certas risadas... Olhe: quando é tiro de verdade, primeiro a cachorrada pega a latir, instantaneamente - depois, então, se vai ver se deu mortos. O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Uruacaiá. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde um criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade. O Uruacuaí vem dos montões oestes. O gerais corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O sertão está em toda parte.” (ROSA, 1972, p. 9).

### 9.1.2 Intertextualidade explícita x intertextualidade implícita

Observe os dois segmentos a seguir.

---

Parafraseando a canção de Vinicius de Moraes

“Que me perdoem os demais, mas a localização é fundamental”

(Anúncio publicitário de Condomínio residencial.)

---

#### A fada verde

“Depois do primeiro copo você vê as coisas como gostaria que elas fossem. Depois do segundo, você vê as coisas como elas não são. Finalmente, você passa a ver as coisas como elas realmente são, e esse é o problema.” Frases como a do escritor Oscar Wilde (1854-1900) ajudaram a construir a má fama do absinto, a *fada verde*, bebida proibida no início do século XX por seus poderes alucinógenos. [...]

(Revista da Semana, 8 out. 2007, p. 27.)

---

O anúncio publicitário apresentado dialoga com o poema *Receita de mulher*<sup>2</sup>, de Vinicius de Moraes. Essa retomada fica explícita no texto logo no primeiro período.

O mesmo fenômeno ocorre no texto *A fada verde*: o primeiro período é uma citação de Oscar Wilde.

Nesses dois exemplos, temos a intertextualidade explícita. Para Koch (2004, p. 146) “a intertextualidade será explícita quando, no próprio texto, é feita menção à fonte do intertexto.” Há várias formas de intertextualidade explícita. Mencionamos algumas delas: a citação, a epígrafe, os resumos, a referência e a alusão.

Já a intertextualidade implícita “ocorre sem citação expressa da fonte, cabendo ao interlocutor recuperá-la na memória para construir o sentido do texto” (KOCH, 1997). A intertextualidade implícita ocorre em alusões, paródias, paráfrases e plágios.

2 “As muito feias que me perdoem  
Mas beleza é fundamental. É preciso  
Que haja qualquer coisa de flor em tudo isso  
Qualquer coisa de dança,  
qualquer coisa de *haute couture*  
Em tudo isso (ou então  
Que a mulher se socialize  
elegantemente em azul,  
como na República Popular Chinesa).”

### 9.1.3 Intertextualidade das semelhanças x intertextualidade das diferenças

Na intertextualidade das semelhanças, temos uma captação sem que se altere a orientação argumentativa; o uso do intertexto serve, muitas vezes, para apoiar a argumentação. É o caso das paráfrases e das citações. Ao contrário, na intertextualidade das diferenças ocorre a subversão da orientação argumentativa, o intertexto é tomado para ser questionado, ridicularizado. Ocorre mais frequentemente em paródias.

#### A raposa e as uvas

(Esopo, séc. V a.C.)

Morta de fome, uma raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra havia sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beiços. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo:

– Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas eu não comeria.

*Moral: desprezar o que não se consegue conquistar é fácil.*

(HIGTON; ASH, 1994)

#### A raposa e as uvas

(La Fontaine, 1621- 1695)

Contam que certa raposa,  
Andando muito esfaimada,  
Viu roxos, maduros cachos  
Pendentes de alta latada.

De bom grado os trincaria,  
Mas, sem lhes poder chegar,  
Disse: – estão verdes, não prestam,  
Só os cães podem tragar!

Eis que cai uma parra, quando  
Prosseguia seu caminho,  
E, crendo que era algum bago,  
Volta depressa o focinho.

(Fábulas de La Fontaine, 1999.)

---

### A raposa e as uvas

(Monteiro Lobato, 1882-1948)

Certa raposa esfaimada encontrou uma parreira carregadinha de lindos cachos maduros, coisa de fazer vir água à boca. Mas tão lindos que nem pulando.

O matreiro bicho torceu o focinho.

– Estão verdes – murmurou. – Uvas verdes, só para cachorro.

E foi-se.

Nisto deu o vento e uma folha caiu.

A raposa ouvindo o barulhinho voltou depressa e pôs-se a farejar...

*Quem desdenha quer comprar.*

(Monteiro Lobato, s./d.)

---

Nesses três textos, temos um considerado fundador (*A raposa e as uvas*, Esopo, séc. V a.C., Grécia) e duas releituras (La Fontaine e Monteiro Lobato). As duas releituras não apresentam alterações significativas da fábula original: mesmo a segunda estando em versos, não há mudança da orientação argumentativa. Os textos acima exemplificam adequadamente a intertextualidade das semelhanças.

---

### Chapeuzinho vermelho de raiva

(Mário Prata, 1990)

– Senta aqui mais perto, Chapeuzinho. Fica aqui mais pertinho da vovó, fica.

– Mas vovó, que olho vermelho... E grandão... Que que houve?

– Ah, minha netinha, estes olhos estão assim de tanto olhar para você. Aliás, está queimada, hein?

– Guarujá, vovó. Passei o fim de semana lá. A senhora não me leva a mal, não, mas a senhora está com um nariz tão grande, mas tão grande! Tá tão esquisito, vovó.

– Ora, Chapéu, é a poluição. Desde que começou a industrialização do bosque que é um Deus nos acuda. Fico o dia todo respirando este ar horrível. Chegue mais perto, minha netinha, chegue.

– Mas em compensação, antes eu levava mais de duas horas para vir de casa até aqui e agora, com a estrada asfaltada, em menos de quinze minutos chego aqui com a minha moto.

– Pois é, minha filha. E o que tem aí nesta cesta enorme?

– Puxa, já ia me esquecendo: a mamãe mandou umas coisas para a senhora. Olha aí: margarina, Helmanns, Danone de frutas e até uns pacotinhos de Knorr, mas é para a senhora comer um só por dia, viu? Lembra da indigestão do carnaval?

– Se lembro, se lembro...

– Vovó, sem querer ser chata.

– Ora, diga.

– As orelhas. A orelha da senhora está tão grande. E ainda por cima, peluda. Credo, vovó!

– Ah, mas a culpada é você. São estes discos malucos que você me deu. Onde já se viu fazer música deste tipo? Um horror! Você me desculpe porque foi você que me deu, mas estas guitarras, é guitarra que diz, não é? Pois é; estas guitarras são muito barulhentas. Não há ouvido que aguente, minha filha. Música é a do meu tempo. Aquilo sim, eu e seu finado avô, dançando valsas... Ah, esta juventude está perdida mesmo.

– Por falar em juventude o cabelo da senhora está um barato, hein? Todo desfiado, pra cima, encaracolado. Que qué isso?

– Também tenho que entrar na moda, não é, minha filha? Ou você queria que eu fosse domingo ao programa do Chacrinha de coque e com vestido preto com bolinhas brancas?

Chapeuzinho pula para trás:

– E esta boca imensa??!!

A avó pula da cama e coloca as mãos na cintura, brava:

– Escuta aqui, queridinha: você veio aqui hoje para me criticar é?!

(PRATA, 1990, p. 160-161)

Já o texto de Mário Prata funciona muito bem como exemplo de intertextualidade das diferenças, visto que subverte a história *Chapeuzinho Vermelho* conhecida por todos nós.

Quanto à fonte, o texto pode dialogar com intertexto alheio, próprio ou atribuído a um enunciador genérico. A intertextualidade com intertexto próprio também pode ser chamada de autotextualidade ou intratextualidade. Os romances *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*, de Machado de Assis, são bons exemplos desse tipo de intertextualidade, visto que o autor busca no primeiro um personagem (Quincas Borba) para protagonizar o segundo.

A intertextualidade atribuída a um enunciador genérico refere-se à retomada de provérbios e ditos populares. É o caso da música *Bom Conselho*, de Chico Buarque, e dos *Provérbios do Planalto*, de Jô Soares.

### Provérbios do Planalto

A comissão faz o ladrão.

Mais vale um Passarinho na mão do que dois tucanos.

Pior o Emendão que o soneto.

A cargo dado não se olha o dente.

Quem vê cara não vê coalizão.

Devagar se vai ao lago.

Deus ajuda lobista que madruga.

Quem tem boca vai e arruma.

De grão em grão o café enche o bolso.

Quem tem PC não morre pagão.

Os cães ladram e a Malta passa.

Quem canta seus Mellos espanta.

Quando a esmola é muita o *lobby* desconfia.

Quem rouba um tostão é ladrão, quem rouba um milhão está defasado.

Depois da impunidade vem a bonança.

Quem semeia ventos faz a maior importação de grãos da história.

Llicitação e água benta, cada um usa a que quer.

Aqui se faz aqui se pega.

Há malas que vêm para o bem.

A corrupção tem razões que a própria razão desconhece.

Quem emenda sempre alcança.

Uma aliança só não faz verão.

Quando não Malta, esfola.

(SOARES, Jô. *Provérbios do Planalto*. Veja, 2 out. 1991.)

A seguir veremos as principais formas de intertextualidade.

## 9.2 Principais formas de intertextualidade

### 9.2.1 Citação

Paulino, Waltly e Cury (2005, p. 28) apresentam a citação como “a retomada explícita de um fragmento de texto no corpo de outro texto” [...]. “Trata-se, tradicionalmente, de um modo convencionado de marcar com aspas ou com outros recursos gráficos a presença do texto do outro para o leitor. Tal prática é muito comum no meio acadêmico, onde as fontes de pesquisa devem ficar evidentes”.

No parágrafo anterior, temos um exemplo de citação; observe que há a menção explícita da fonte<sup>3</sup>.

### 9.2.2 Epígrafe

Ainda para Paulino, Waltly e Cury (2005, p. 25-26), a epígrafe constitui uma escrita introdutória de outra (do grego *epi* = em posição superior + *graphé* = escrita). A epígrafe é muito presente na área acadêmica, abrindo um capítulo ou seção de ensaio, monografia ou tese. Na literatura, a epígrafe pode ser encontrada encabeçando capítulos de livros ou poemas, como no exemplo a seguir:

---

#### Festa do Juvenal<sup>4</sup>

O castelo pegou fogo,

O sino deu o sinal;

Acuda, gente, acuda

A bandeira nacional!

(folclore brasileiro)

A festa foi inventada

Por um tal de Juvenal,

Doido, genioso, um santo

A pelejar contra o mal.

<sup>3</sup> O texto *A fada verde* também é um exemplo de citação.

<sup>4</sup> Santos, Luiz Carlos dos; Galas, Maria; Tavares, Ulisses (org. e apres.). Antologia da Poesia Negra Brasileira: o negro em versos. São Paulo: Moderna, 2005.

Juvenal ria de um nada,

Até do espanto

De um negro sonhando cal,

Para pôr branco na cara,

Xingando seu original.

Por isso é que a festa

O santo do Juvenal.

(CAMARGO, 2005)

---

### 9.2.3 Resumo

Quando se realiza um resumo, temos a manutenção das ideias do texto original, mas de forma condensada. Além de um importante instrumento de aprendizagem, muito utilizado na vida escolar, o resumo também é uma fonte de pesquisa em vários meios, eletrônicos ou não.

### 9.2.4 Paródia

---

#### Canção do exílio

Kennst du das Land, wo die Citronen blühn,

Im dunkeln Laub die Gold-Orangen glühn,

Kennst du s wohl? – Dahin, dahin!

Möcht' ich...Ziehn.<sup>5</sup>

Goethe

Minha terra tem palmeiras,

Onde canta o Sabiá;

As aves, que aqui gorjeiam,

Não gorjeiam como lá.

5 Conheces a região onde florescem os limoeiros?  
laranjas ouro ardem no verde escuro da folhagem;  
Conheces bem? Nesse lugar, eu desejava estar  
(*Mignon*, de Goethe)

Nosso céu tem mais estrelas,

Nossas várzeas têm mais flores,

Nossos bosques têm mais vida,

Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,

Mais prazer eu encontro lá;

Minha terra tem palmeiras,

Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,

Que tais não encontro eu cá;

Em cismar – sozinho, à noite –

Mais prazer eu encontro lá;

Minha terra tem palmeiras,

Onde canta o Sabiá.

*(Gonçalves Dias)*

---

### Canção do exílio às avessas

Minha Dinda tem cascatas

Onde canta o Curió

Não permita Deus que eu tenha

De voltar pra Maceió.

Minha Dinda tem coqueiros

Da Ilha de Marajó

As aves, aqui, gorjeiam

Não fazem cocoricó.

O meu céu tem mais estrelas

Minha várzea tem mais cores.

Este bosque reduzido

deve ter custado horrores.

E depois de tanta planta,

Orquídea, fruta e cipó,  
Não permita Deus que eu tenha  
De voltar pra Maceió.  
  
Minha Dinda tem piscina,  
Heliporto e tem jardim  
feito pela Brasil's Garden:  
Não foram pagos por mim.  
  
Em cismar sozinho à noite  
sem gravata e paletó  
  
Olho aquelas cachoeiras  
Onde canta o Curió.  
  
Pelo PC, com xodó,  
Não permita Deus que eu tenha  
De acabar no xilindró.

(SOARES, Jô. *Veja*, set. 1992)

O texto *Canção do Exílio* é um dos poemas em língua portuguesa mais retomados, tanto por paródias como por paráfrases. O segundo texto, *Canção do Exílio às Avessas*, exemplifica um caso de paródia. A paródia é “uma forma de apropriação que, em lugar de endossar o modelo retomado, rompe com ele, sutil ou abertamente” (PAULINO; WALTY; CURY, 2005, p. 36).

Jô Soares, por ocasião do escândalo do Governo Collor (em setembro de 1992), buscou no conhecimento coletivo um texto que desse suporte às críticas que ele queria produzir sobre o governo. Encontrou na conhecidíssima *Canção do Exílio* a inspiração adequada para seu texto.

### 9.2.5 Paráfrase

Ao contrário da paródia, a paráfrase, ao apropriar-se de um outro texto, mantém a mesma linha argumentativa, não rompendo com ele, não o subvertendo. Pode-se dizer, ainda, que parafrasear é dizer as mesmas coisas (manter as mesmas ideias) com outras palavras. Pode-se fazer paráfrase de um poema para a prosa, ou vice-versa; ou ainda de um texto em prosa para outro texto em prosa, com o objetivo de expressar mais adequadamente as ideias pretendidas. É o que ocorre em situação de sala de aula, quando o professor repete uma informação de várias maneiras, a fim de que os alunos melhor a compreendam.

Souza e Carvalho (1995) apresentam algumas maneiras de dizer a mesma coisa de formas diferentes, por meio do emprego de estruturas linguísticas diversas:

- transposição dos termos da frase;
- mudança da voz passiva para a ativa e vice-versa;
- substituição da oração adverbial pelo adjunto adverbial ou vice-versa;
- substituição da oração adjetiva por um adjetivo correspondente ou vice-versa;
- substituição da oração substantiva por um substantivo correspondente ou vice-versa;
- ênfase na ideia principal ou na subordinada;
- substituição de orações reduzidas por desenvolvidas ou vice-versa.

### 9.2.6 Plágio

Koch (2004, p. 146-147) define plágio como

um tipo particular de intertextualidade implícita, com valor de captação, mas no qual, ao contrário dos demais, o produtor do texto espera – ou deseja – que o interlocutor *não* tenha na memória o intertexto e sua fonte – ou não proceda à sua ativação –, procurando, para tanto, camuflá-lo por meio de operações de ordem linguística, em sua maioria de pequena monta (apagamentos, substituições de termos, alterações de ordem linguística, transposições etc).

Já na origem latina da palavra (*plagium*) se anunciam suas intenções: *oblíquo*, que não está em linha. Ao contrário das outras formas de intertextualidade, o plágio deve ser sempre evitado, por constituir-se em uma infração tanto acadêmica quanto jurídica.

Todavia, o emprego de trechos de uma obra em outra – como em um trabalho acadêmico, por exemplo – é possível e, algumas vezes, até necessário. Para que essa apropriação não seja considerada plágio, deve ser dada completa referência da obra citada, segundo as recomendações da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Com isso, está resguardo o crédito para o autor citado.

Como lembrete final, podemos ressaltar que a intertextualidade pode ocorrer em qualquer tipo de texto: verbal e não verbal, literário e não literário. Podemos encontrar várias formas de intertextualidade simultaneamente: ela pode ser de conteúdo, explícita e das semelhanças.

## ⊕ Ampliando seus conhecimentos

### A intertextualidade na produção literária

(PAULINO; WALTY; CURY, 2005, p. 20-22)

Inserida no grande jogo sociocultural, encontra-se a literatura, campo de relações entre textos que assumem características específicas. O código verbal na literatura tem uma extensão de formas e significações tão grande que impede sobremaneira o esgotamento de um texto em si mesmo. Em tal processo, a linguagem literária invade o domínio de outras linguagens, ao mesmo tempo que se deixa penetrar por elas.

Assim explica Greimas o caráter dominante do discurso verbal: “[...] é nele que de fato se traduzem, e é através dele que se tornam comparáveis todas as outras linguagens.”

No universo da crítica, a intertextualidade tornou-se, hoje, um conceito operatório indispensável para a compreensão da literatura.

Mas nem sempre foi assim. O modelo romântico de crítica literária privilegiou a originalidade a tal ponto que colocava em segundo plano a relação entre os textos, impedindo a percepção da intertextualidade como processo constitutivo da literatura em qualquer época.

Enquanto conceito operacional de teoria e crítica literária, a intertextualidade foi estudada primeiramente pelo pensador russo Mikhail Bakhtin. Ele caracteriza o romance moderno como dia lógico, isto é, como um tipo de texto em que as diversas vozes da sociedade estão presentes e se entrecruzam, relativizando o poder de uma única voz condutora. Estudando a relação do romance de Dostoiévski com a tradição, ele pesquisa gêneros e formas literárias retomadas pelo autor na construção de sua obra.

Além de considerar o fenômeno do dialogismo no contexto literário, o pensamento de Bakhtin terá como base a intertextualidade na própria concepção de linguagem que ele constrói. Contrapondo-se às duas histórias dos estudos linguísticos – uma, objetivista, outra, subjetivista – o filósofo propõe, como espaço de existência da linguagem, a intersubjetividade. Assim, a língua não é propriedade de algum indivíduo em particular, nem é, por outro lado, um objeto independente da existência dos indivíduos. Exatamente no espaço dos intercâmbios, dos conflitos, das vozes que se propagam e se influenciam sem cessar, situa-se a linguagem

como processo social. A linguagem, em qualquer de suas manifestações, teria uma base relacional, interacional, ao processar-se entre os indivíduos de uma sociedade.

Na esteira de Bakhtin, Julia Kristeva, na França, desenvolve o conceito de intertextualidade. Diz a autora que todo texto é um mosaico de citações, todo texto é uma retomada de outros textos. Tal apropriação pode-se dar desde a simples vinculação a um gênero, até a retomada explícita de um determinado texto.

A apropriação, enquanto prática intertextual, transita do estatuto de um ato legítimo e, às vezes, inevitável, até a ilegalidade do plágio. Contemporaneamente, o estabelecimento de tais limites torna-se difícil, já que a prática da apropriação é um traço assumido pela literatura que se quer devoradora de outros textos. A postura antropofágica do movimento modernista brasileiro, é conceituada por Oswald de Andrade em seu *Manifesto Antropófago*, é um bom exemplo de quanto é assumida tal devoração.

Mário de Andrade, em carta aberta a Raimundo Moraes, assim se explica em relação à acusação de plágio contra *Macunaíma*: “Copiei sim, meu querido defensor. O que me espanta e acho sublime de bondade, é os maldizentes se esquecerem de tudo quanto sabem restringindo a minha cópia a Koch-Grünberg, quando copiei todos [...] Confesso que copiei, copiei às vezes textualmente.”

É ainda ele que, anos antes, no “Prefácio Interessantíssimo”, afirmava: “Sinto que meu copo é grande demais para mim, e ainda bebo no copo dos outros”.

Meio século depois, Torquato Neto se viu envolvido em uma polêmica a respeito do verso que teria sido plagiado de música dos Beatles: *but in my eyes you see nothing*.

A retomada de um texto por outro(s), em qualquer literatura, inclusive a brasileira, é, de qualquer forma, uma constante. A “Canção do exílio” de Gonçalves Dias, por exemplo, já foi parafraseada e/ou parodiada em épocas diversas. Observe-se, no entanto, que este mesmo poema já se inspira em outro, do poeta alemão Goethe.

Forma-se uma grande rede de textos, o que ressalta a força emblemática de determinadas produções que são constantemente retomadas.

---

 Atividades

1. Para essa atividade, você vai precisar de dois jornais diários, de circulação local ou nacional. Nesse material, você deve localizar algum tema relevante que esteja sendo objeto de vários gêneros jornalísticos – notícia, reportagem, editorial. A partir dessa coleção de textos, observe como se processa a intertextualidade: implícita ou explícita, das semelhanças ou das diferenças?
2. Agora você deve selecionar peças publicitárias que explorem a intertextualidade como recurso argumentativo. Observe como se dá esse processo e qual o objetivo do produtor do texto ao recorrer a esse expediente.
3. Atividade de criação: selecione um poema da literatura brasileira e produza um novo texto a partir dele. Você pode trabalhar com a intertextualidade das semelhanças ou das diferenças.

---

 Resolução

1. Resposta pessoal.
2. O uso da intertextualidade em campanhas publicitárias é um recurso muito recorrente. Muitas vezes, esse expediente é adotado para facilitar a interação do consumidor ao produto anunciado – facilitando esse reconhecimento. O objetivo é que você reconheça esse mecanismo nas peças publicitárias e observe as possíveis leituras a serem realizadas. A estratégia foi eficaz ou não?
3. Resposta pessoal.



# 10

## As metarregras da coerência

Você já passou pela situação de ter um texto seu corrigido e não saber o que o professor assinalou como erro ou inadequação?

Michel Charolles é um estudioso francês que se preocupou com questão semelhante a correção das produções dos alunos do ensino básico nas escolas francesas. Para tentar encontrar uma maneira mais adequada de orientar esses alunos na melhora de seus textos, ele realizou uma pesquisa que objetivava averiguar como os professores analisavam essas produções tendo em vista a coerência. Essa pesquisa veio a público no artigo *Introdução aos problemas da coerência dos textos*, de 1978.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Trabalhamos com uma edição de 1988.

Nesse trabalho, Charolles recupera o princípio da coerência, o qual postula que da mesma forma que um conjunto de palavras não produz uma frase, um conjunto de frases não produz um texto. No dia a dia, dificilmente nos confrontamos com textos malformados: eles se encontram, mais amiúde, nos manuais de linguística para servirem como parâmetro do que é ou não coerente. As situações reais em que encontramos esses exemplos – textos incoerentes – são aquelas que envolvem os doentes mentais e as crianças, ou se relacionam a manifestações específicas, como arte ou magia.

Vejamos os dois textos a seguir:

---

O assédio em si trás no meio um poder aquisitivo escondendo ao trabalho, assim podendo fazer e refazer, adicionando o sentido, junto a essa conduta de mulher ideal. Não querendo ser prejudicial ao método agressivo, mas ao jeito decisivo a maneira pela força que o traz da forma de se agir. A teimosia circunstancial vem devido a exotismo da participação com credibilioso contraste à elavadicidade do adultério da simples cena de uma turbulência a um ser precioso.

(*Trecho de dissertação de aluno do Ensino Médio*)

---

A safira pertenceu originalmente a um sultão que morreu em circunstâncias misteriosas, quando uma mão saiu do seu prato de sopa e o estrangulou. O proprietário seguinte foi um lorde inglês, o qual foi encontrado certo dia, florido maravilhosamente numa jardineira. Nada se soube da joia durante algum tempo. Então, anos depois, ela reapareceu na posse de um milionário texano que se incendiou enquanto escovava os dentes.

(*Woody Allen, Sem Plumas.*)

---

Os fragmentos anteriores<sup>2</sup> exemplificam o que foi exposto. O primeiro texto é incoerente por não ser possível interpretá-lo adequadamente, apesar de apresentar alguns elementos coesivos. Seu autor, na tentativa de produzir um texto que correspondesse à expectativa do professor, justapõe uma série de informações sobre assédio no trabalho, mas não consegue evidenciar seu posicionamento sobre o tema. Já o segundo texto é coerente, apesar de possivelmente parecer estranho a alguns leitores (“[...]uma mão saiu do seu prato de sopa e o estrangulou”, “florido maravilhosamente numa jardineira”): temos nesse segundo caso um exemplo de texto literário que trabalha com o *nonsense*, isto é, a ausência de sentido.

O objetivo declarado de Charolles era analisar como o professor interfere em textos escritos considerados incoerentes. Em seu trabalho, ele aponta as diferenças existentes na forma como os professores intervêm nos trabalhos realizados pelos alunos. Quando se trata de frases malformadas, é possível localizar com precisão o problema, essa inadequação pode ser nomeada tecnicamente (conjugação, concordância) e, finalmente, as incorreções suscitam a elaboração de exercícios que podem vir a eliminar essas incoerências e produzir frases adequadamente formadas.

---

2 Textos empregados nas questões do Exame Nacional de Cursos, 1998.

Já quando se trata da intervenção em textos malformados, fica difícil localizar pontualmente essas inadequações: geralmente, isso é feito à margem do texto com interrogações ou outro sinal gráfico que indique que um trecho (e não frases) apresenta problemas de interpretabilidade. Também não é possível adotar um vocabulário técnico para indicar esses problemas. Finalmente, não são propostos exercícios sistemáticos que visem eliminar essas incorreções: muitas vezes, o aluno deve refazer o texto todo.

A partir dessas conclusões, Charolles (1988) propôs quatro metarregras<sup>3</sup> de coerência (*repetição, progressão, não contradição e relação*) que ele acredita serem úteis para auxiliar o professor na análise dos textos de seus alunos – e que servem, também, para a análise de qualquer tipo de texto em qualquer situação comunicativa.

Preliminarmente, Charolles ainda atenta para três aspectos importantes na observância da coerência textual. Para o autor, a coerência está ligada à *linearidade textual*; ou seja, a *successão de elementos, um após o outro*. Temos, também, a coerência microestrutural e macroestrutural, dois níveis de análise que devem ser observados em conjunto, apesar de existirem certas restrições específicas no nível macro. Charolles aponta, também, para o fato de não ser possível uma distinção clara entre coesão e coerência.

Vamos, a seguir, tratar de cada uma das metarregras.

## 10.1 A metarregra da repetição

Afirma Charolles: “Para que um texto seja (microestruturalmente e macroestruturalmente) coerente é preciso que contenha, no seu desenvolvimento linear, elementos de *recorrência estrita*” (CHAROLLES, 1988. p. 49).

---

Dona Canô, mãe de Caetano Veloso e Maria Bethânia, comemorou com festa os 100 anos recém completados. Está lúcida. É ela quem cuida das contas da casa e assina os cheques. Anda com dificuldade, mas está com a saúde em ordem. Quando Dona Canô nasceu, a expectativa de vida era de 34 anos.

(Revista da Semana, 8 out. 2007, p. 19.)

---

Nesse trecho, temos o exemplo de um texto coerente; essa coerência se dá, entre outros fatores, pela obediência à *metarregra da repetição*. O referente Dona Canô é retomado (repetido) em *mãe de Caetano Veloso e Maria Bethânia, ela, Dona Canô* e por elipse (Ø) *Está lúcida, Ø Anda com dificuldade*). Assim, fica garantida a repetição da informação importante do texto: aquelas relacionadas a Dona Canô. Essa metarregra está diretamente relacionada à coesão.

Por outro lado, a metarregra da repetição não foi empregada no texto a seguir, citado por Val (1999, p. 60-61):

---

3 Metarregra: além da regra, regra mais ampla.

## O homem como fruto do meio

/ /

O homem é produto do meio social em que vive. Somos todos iguais e não nascemos com o destino traçado para fazer o bem ou o mau.

O desemprego, pode ser considerado a principal causa de tanta violência. A falta de condições do indivíduo em alimentar a si próprio e sua família.

Portanto é coerente dizer, mais emprego, menos criminalidade. Um emprego com salário, que no mínimo suprisse o que é considerado de primeira necessidade, porque os subempregados, esses, não resolvem o problema.

Trabalho não seria a solução, mas teria que ser a primeira providência a ser tomada.

Existem vários outros fatores que influenciam no problema como por exemplo, a educação, a falta de carinho, essas crianças simplesmente nascem, como que por acaso, e são jogadas no mundo, tornando-se assim pessoas revoltadas e agressivas.

A solução é a longo prazo, é cuidando das crianças, mostrando a elas a escala de valores que deve ser seguida.

E isso vai depender de uma conscientização de todos nós.

Fonte: VAL, 1999, p.60-69.

Charolles nos apresenta que a língua possui vários mecanismos para garantir que essa metarregra se cumpra. Vejamos quatro desses mecanismos: as pronominalizações, as definitivações e as referencições dêiticas contextuais, as substituições lexicais e as recuperações pressuposicionais e as retomadas de inferência.

- Pronominalizações – o uso de pronomes torna possível a retomada de um referente evitando repetições desnecessárias e que não acrescentariam nada ao enunciado. Veja a seguir como o referente *a empresária carioca Maria Luisa Rodenbeck* foi retomado duas vezes pelo pronome *ela*.

*A empresária carioca Maria Luisa Rodenbeck (1958-2007) trouxe ao Brasil a rede de cafés Starbucks, um fenômeno mundial, com 12 400 pontos-de-venda, cinco deles em São Paulo. No dia 1.º de outubro, ela seguia num táxi de sua casa, no Rio, ao Aeroporto Santos Dumont. Uma colisão frontal com um ônibus matou a empresária e o motorista. Aos 49 anos, ela formava com o marido – Peter Rodenbeck – um dos casais mais bem-sucedidos do mundo dos negócios brasileiro, informa O Dia. Peter foi responsável pela chegada ao Brasil dos restaurantes McDonald's e Outback.*

*(Revista da Semana, 8 out. 2007, p. 18.)*

Apesar de a pronominalização ser um recurso muito importante, é necessário tomar cuidado com as *ambiguidades referenciais*, como em: “João perguntou a seu amigo Pedro com quem ele iria à festa à fantasia. Ele respondeu que iria com *sua* namorada.” O pronome *sua* se refere à namorada de quem: de João ou de Pedro? Ou ainda “Maria pretendia estudar com Flora quando Caetana chegou; mas *ela* não estava muito concentrada e acabou comprometendo o trabalho das amigas”, quem não estava muito concentrada? Maria, Flora ou Caetana?

- Definitivações e referenciações dêiticas contextuais – as definitivações são outra forma de retomar referentes já citados.

---

*Um dos principais destinos turísticos do Brasil sofre com a temporada de seca. As Cataratas do Iguaçu exibem um espetáculo raro e decepcionante para os visitantes: um mero filete de água onde antes brotavam cachoeiras volumosas. O espetáculo voltará a ser magnífico quando o filete de água se transformar em um rio caudaloso.*

*(Revista da Semana, 8 out. 2007, p. 26. Adaptado.)*

---

Aqui temos o uso do artigo definido (*o espetáculo*) após a introdução do referente acompanhado de um artigo indefinido (*um espetáculo*). As definitivações são muito comuns, também, nas narrativas.

Veja o início da fábula *O lobo e o cordeiro*, de La Fontaine (1999, p. 12-14):

---

Na água limpa de um regato,	– Como tu ousas sujar
Matava a sede um cordeiro,	a água que estou bebendo?
Quando, saindo do mato,	– rosnou o lobo, a antegozar
Viu um lobo carniceiro.	o almoço. – Fica sabendo
Tinha a barriga vazia,	que caro vais me pagar!
Não comera o dia inteiro.	– Senhor – falou o cordeiro –
	[...]

---

O uso dos dêiticos contextuais pode ser observado em: “Antônia está escolhendo *um curso universitário*. Esse *curso* deve lhe garantir uma boa formação.”

- Substituições lexicais – mais um recurso para retomar o referente, evitando repetições desnecessárias. Nessas substituições, observa-se uma orientação

argumentativa, visto que a escolha do novo item lexical pode indicar apreciação por parte do produtor.

---

*Gisele Bündchen* sabe tudo de investimento imobiliário. Ela acaba de pôr à venda seu apartamento em Nova York. O valor: US\$10,9 milhões, informa o *Wall Street Journal*. Ao comprá-lo, em 2002, *a modelo* desembolsou US\$3 milhões. *Mulher de negócios*, ela não para: em janeiro, *Gisele* já tinha vendido sua casa em Los Angeles por US\$4 milhões. Em tempo: ela já tem tetos novos, tanto em Nova York quanto em Los Angeles.

(*Revista da Semana*, 8 out. 2007, p. 25.)

---

As expressões *a modelo*, *mujer de negocios* e *Gisele* substituem, por meio do léxico, o referente *Gisele Bündchen* (há também a retomada por pronominalização, como se observa pelo emprego do pronome *ela*). Vejamos mais um exemplo:

---

Para ensinar hábitos saudáveis à mesa, o centro americano Kaiser permanente lançou *um game* pela internet. É gratuito e está disponível em inglês e espanhol. *O jogo* se chama TheIncredible Adventure of the Amazing Food Detective, informa o site *IDG Now*.

(*Revista da Semana*, 8 out. 2007, p. 22.)

---

Aqui temos a retomada de *um game* por *o jogo*.

- Recuperações pressuposicionais e retomadas de inferência – nessa estratégia, ao contrário das anteriores, a localização do material linguístico não é possível. É necessário ir além do que está escrito. A título de ilustração, vejamos, a seguir, o exemplo utilizado por Charolles (1988):

---

Será que Felipe vendeu seu carro?

- a) Não, ele vendeu a bicicleta.
  - b) Não, roubaram-lhe.
  - c) Não, ele emagreceu.
- 

As respostas A e B são coerentes, pois estão pressupostas na pergunta inicial, mas a resposta C seria incoerente, pois não encontraria esse pressuposto. Charolles (1998, p. 56)

afirma, ainda, que “as pressuposições fazem parte consubstancialmente do enunciado; já as inferências são menos fortes.”<sup>4</sup>

Finalizando a seção referente à metarregra da repetição, Charolles (1998, p. 58) afirma que “estes mecanismos de repetição favorecem o *desenvolvimento temático contínuo* do enunciado, permitem um jogo, submetido a regras, de retomadas a partir do qual se encontra estabelecido ‘um fio textual condutor’.”

## 10.2 A metarregra da progressão

Afirma Charolles: “Para que um texto seja (microestruturalmente e macroestruturalmente) coerente, é preciso que haja no seu desenvolvimento uma *contribuição semântica constantemente renovada*. (CHAROLLES, 1988, p. 58).

---

As viúvas só recebem a metade da aposentadoria de seus finados maridos. As mulheres não casadas recebem uma pensão igual à metade daquela que recebia seu marido falecido. Elas têm só 50% das indenizações que recebiam seus maridos quando estavam vivos. No tempo em que eles estavam aposentados, as esposas dos aposentados desfrutavam com seu marido a totalidade de sua pensão<sup>5</sup>.

---

Essa criança não come nada. Fica apenas brincando com os talheres, ou seja: pega a colher, o garfo e não olha para o prato de comida. Ela não se alimenta. Brinca apenas, diverte-se com uma colher e um garfo e o prato fica na mesa. O ato de brincar substitui o ato de alimentar-se.”<sup>6</sup>

---

Como você percebeu, os textos anteriores não progridem, não apresentam informações novas, eles apresentam sempre a mesma informação: no primeiro, temos quatro períodos que reproduzem um conteúdo semântico idêntico de quatro formas diferentes; no segundo, observa-se coisa semelhante. Podemos relacionar essa metarregra ao fator de coerência denominado *informatividade*.

Como exercício de escrita, como poderia ficar o segundo texto, se atendesse à metarregra da progressão? Aí vai uma sugestão:

---

Essa criança não come nada: fica apenas brincando com os talheres. Por isso sua mãe está tão preocupada. Ela sabe como é

4 Segundo Platão e Fiorin (1996, p. 307), “pressupostos são ideias não expressas de maneira explícita, que decorrem logicamente do sentido de certas palavras ou expressões contidas na frase.”

5 Exemplo citado por Charolles (1988, p. 59).

6 Exemplo citado por Abreu (2006, p. 42).

importante as crianças alimentarem-se direito. Pensando nisso, procura apresentar os alimentos de forma atraente. Quem sabe, assim, seu filho passe a comer com regularidade.

---

É possível, agora, estabelecer uma ponte entre a metarregra da repetição e a metarregra da progressão. Para Charolles (1988, p. 60): “A produção de um texto coerente supõe então que seja realizado um delicado equilíbrio [...] entre continuidade temática e progressão semântica (ou rêmica).” Ou seja, devemos, ao produzir um texto, cuidar para que o tema escolhido – que deve estar presente em todo o texto – traga sempre informações/conteúdos novos.

### 10.3 A metarregra da não contradição

“Para que um texto seja (microestruturalmente e macroestruturalmente) coerente, é preciso que no seu desenvolvimento não se introduza nenhum elemento semântico que contradiga um conteúdo posto ou pressuposto por uma ocorrência anterior, ou deduzível dessa por inferência” (CHAROLLES, 1988, p. 61).

---

Era meia-noite. O Sol brilhava. Pássaros cantavam pulando de galho em galho. O homem cego, sentado à mesa de roupão, esperava que lhe servissem o desjejum. Enquanto esperava, passava a mão na faca sobre a mesa como se a acariciasse tendo ideias, enquanto olhava fixamente a esposa sentada à sua frente. Esta, que lia o jornal, absorta em seus pensamentos, de repente começou a chorar, pois o telegrama lhe trazia a notícia de que o irmão se enforcara num pé de alface. O cego, pelado com a mão no bolso, buscava consolá-la e calado dizia: a Terra é uma bola quadrada que gira parada em torno do Sol. Ela se queixa de que ele ficou impossível, porque não é o irmão dele que vai receber as honrarias. Ele se afasta, olha-a com desdém, agarra a faca, passa manteiga na torrada e lhe oferece, num gesto de amor.<sup>7</sup>

---

Se era meia-noite, como o Sol brilhava? (A não ser que se trate de algum país da Escandinávia). Se o homem era cego, como olhava fixamente para a mulher? Como o homem podia, ao mesmo tempo, estar de roupão e pelado? Fica evidente que o texto é uma colcha de retalhos composta de incoerências (apesar de essa característica ser proposital,

---

<sup>7</sup> Esse texto reproduz aproximadamente a versão ouvida junto a crianças de Araguari, Minas Gerais. (KOCH; TRAVAGLIA, 2001)

pois aí reside seu humor, objetivo maior desse texto lúdico). Temos, portanto, um exemplo de infração da metarregra da não contradição. Charolles (1988) apresenta, entre outros, três tipos de contradição: *as enunciativas, as inferenciais e pressuposicionais e as de mundo e de representações do mundo*.

A *contradição enunciativa* é aquela que foge ao quadro enunciativo criado. Um exemplo para as *contradições inferenciais e pressuposicionais* seria: “Pedro é filho único. Seus irmãos gostam de bater nele por ser o mais novo”. Se Pedro é filho único, como pode ter irmãos? As *contradições de mundo* podem ser segmentadas em *contradições de mundo* e de *representação de mundo*. A contradição de representação de mundo é de natureza pragmática e pode ser exemplificada por um texto do início do capítulo: “A safira pertenceu originalmente a um sultão que morreu em circunstâncias misteriosas, quando uma mão saiu do seu prato de sopa e o estrangulou.” [...] (Woody Allen, *Sem Plumas*).

No mundo representado, o *nonsense*, os conteúdos informacionais são coerentes entre si, não havendo infração à metarregra da não contradição.

Atenção: a representação de mundo dos professores pode interferir na correção feita por estes nos trabalhos dos alunos.

## 10.4 A metarregra da relação

“Para que uma sequência ou um texto sejam coerentes, é preciso que os fatos que se denotam no mundo representado estejam relacionados” (CHAROLLES, 1988, p. 74).

Para que a metarregra da relação seja observada, “o conteúdo do texto deve estar adequado a um estado de coisas no mundo real ou em mundos possíveis” (ABREU, 2006, p. 43). Vejamos o pequeno texto a seguir, que foi modificado para servir como exemplo dessa metarregra:

---

Algas são comumente associadas a espécimes ornamentais, que acabam com os pássaros e provocam doenças. Nada mais falso. Quando isso ocorre, quase sempre é reflexo da própria poluição sonora. As algas são grandes aliadas no combate ao uso do biodiesel. Por duas razões: têm grande potencial para captar CO<sub>2</sub> (gás carbônico), um dos causadores do efeito estufa, e a partir delas se consome biodiesel.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Eis o texto original: “Algumas são comumente associadas a espécimes tóxicos, que acabam com os peixes e provocam doenças. Nada mais falso. Quando isso ocorre, quase sempre é reflexo da própria poluição das águas. As algas são grandes aliadas no combate ao aquecimento global. Por duas razões: têm grande potencial para captar CO<sub>2</sub> (gás carbônico), um dos causadores do efeito estufa, e a partir delas se produz biodiesel.” (*Revista da Semana*, 8 out. 2007, p. 20).

Outro exemplo pode ser encontrado em Val (1999, p. 75):

**Violência Social**

**A violência em nosso país está a cada dia que passa se acentuando mais, isto devido a diversos fatores podemos citar o fato econômico a ganância do homem pelo dinheiro, o desemprego dos pais, a falta de moradias, alimentação e educação impedem o de criar seus filhos dignamente daí a grande violência as sociedade o menor abandonado, que sozinho sem ter uma mão firme que o conduza pela vida, parte para o crime o roubo na tentativa de sobreviver.**

**A falta de terra para nossos índios contribuindo assim para extinção da espécie. A matança sem controle de nossos animais, a poluição de nossas águas pelas indústrias e a destruição de nossas matas em nome de um progresso uma tecnologia importada a custo do sacrifício econômico financeiro de nosso povo.**

**O homem se esqueceu dos fatores básicos para sua sobrevivência em sociedade, a alimentação o trabalho e educação que cada dia que passa se torna mais difícil, a sua história é o oxigênio que é fator principal para sobrevivência de qualquer ser, tudo isto pelo dinheiro pela máquina que o apaixona tornando o cego para necessidades primárias da vida.**

**O homem caminha para sua própria destruição.**

Fonte: VAL, 1999, p.75.

Nesse texto, o autor trata de um assunto em cada parágrafo: causas da violência, questão da terra indígena, matança de animais, valores éticos etc. Não se consegue estabelecer, portanto, uma *relação* entre suas partes.

Val (1999) realizou uma importante pesquisa a partir das redações de vestibulandos. Nesse trabalho utilizou as metarregras como apporte teórico. E renomeou a metarregra da repetição como *continuidade* e a metarregra da relação como *articulação*.

E agora, nosso recado final: é importante frisar que essas quatro metarregras podem ser relacionadas tanto à coesão quanto aos fatores de coerência. Elas se constituem como mais um apporte teórico para compreender e produzir textos com qualidade. Elas também não devem ser analisadas em separado: em um texto, mais de uma metarregra por ser empregada (ou não) simultaneamente.

## ⊕ Ampliando seus conhecimentos

### Os postulados conversacionais de Grice<sup>9</sup>

(KOCH, 1997, p. 27-28)

Cumpre fazer uma rápida referência aos postulados conversacionais do filósofo americano Grice. Segundo ele, o princípio básico que rege a comunicação humana é o *princípio da cooperação* (“seja cooperativo”). Isto é, quando duas ou mais pessoas se propõem a interagir verbalmente, elas normalmente irão cooperar para que a interlocução transcorra de maneira adequada. Usando uma metáfora: quem se propõe a jogar um jogo, aceita jogar de acordo com suas regras e fazer o possível para que ele chegue a bom termo. Esse princípio subsume quatro “máximas”:

- Máxima da quantidade – “não diga nem mais nem menos do que o necessário”.
- Máxima da qualidade – “só diga coisas para as quais tem evidência adequada; não diga o que sabe não ser verdadeiro”.
- Máxima da relação (relevância) – “diga somente o que é relevante”.
- Máxima do modo – “seja claro e conciso; evite a obscuridade, a prolixidade etc.”.

Se, por acaso, tais máximas entrarem em conflito, pode haver predominância de uma delas, isto é, uma máxima pode sobrepor-se a outra(s). Pode ocorrer, também, que o locutor infrinja intencionalmente uma das máximas, cabendo, então, ao interlocutor fazer um cálculo para descobrir o motivo da desobediência: tem-se, nesses casos, uma *implicatura conversacional*.

Grice apresenta um exemplo que se tornou célebre: um professor universitário escreve a um colega de outra instituição, pedindo referência quanto à capacidade intelectual de um ex-aluno deste, que é candidato a uma vaga de assistente na universidade em que trabalha, obtendo a seguinte

9 O trabalho de Herbert Paul Grice pode ser encontrado na íntegra em Grice (1975, p. 41-48).

resposta: “Tem boa letra e não costuma chegar atrasado”. O raciocínio a ser feito seria o seguinte: “meu colega aparentemente infringiu a máxima da relevância; se ele o fez, deve ter sido porque preferiu omitir a informação que seria relevante. Assim, de acordo com a máxima da quantidão, devo supor que ele disse o suficiente para que eu entenda que o candidato é fraco.” *Ironias, subentendidos, metáforas* seriam explicáveis em termos das implicaturas conversacionais.

No entanto, embora tenha gozado – e goze até hoje – de bastante prestígio, é fácil perceber que essa teoria não dá conta de toda a “malícia” e manipulação tão presentes na interação verbal humana: estamos constantemente “jogando”, “blefando”, simulando, ironizando, fazendo alusões e criando subentendidos, fenômenos nem sempre explicáveis apenas com base nas “máximas” griceanas.

## Atividades

1. Leia as manchetes<sup>10</sup> a seguir e depois relate as colunas, observando a metarregra de coerência que não foi respeitada:
  - (1) metarregra da repetição
  - (2) metarregra da progressão
  - (3) metarregra da não contradição
  - (4) metarregra da relação
  - ( ) “A nova terapia traz esperanças a todos os que morrem de câncer a cada ano.”  
*(Jornal do Brasil)*
  - ( ) “Os sete artistas compõem um trio de talento.”  
*(Extra)*
  - ( ) “No corredor do hospital psiquiátrico os doentes corriam como loucos.”  
*(O Dia)*
  - ( ) “Parece que ela foi morta pelo seu assassino.”  
*(Extra)*
  - ( ) “Depois de algum tempo, a água corrente foi instalada no cemitério, para a satisfação dos habitantes.”  
*(Jornal do Brasil)*
  - ( ) “Os nossos leitores nos desculparão por esse erro indesculpável.”  
*(O Globo)*
  - ( ) “Apesar da meteorologia estar em greve, o tempo esfriou ontem intensamente.”  
*(O Globo)*

10 Essas manchetes circulam em meio eletrônico e por isso não é possível creditar sua autoria.

( ) “O aumento do desemprego foi de 0% em novembro.”

2. Escolha uma das metarregras e elabore um parágrafo que a exemplifique.

---

Resolução

1. (3) (3) (2) (2) (4) (2) (4) (3)
2. Orientar-se pelos exemplos expostos no livro para realizar essa tarefa.



# 11

## Gêneros textuais

Começamos com uma citação: “Tendo em vista que todos os textos se manifestam sempre num ou outro gênero textual, um maior conhecimento do funcionamento dos gêneros textuais é importante tanto para a produção como para a compreensão” (MARCUSCHI, 2003a, p. 32).

Nessa afirmação de Marcuschi, ancoramos a relevância dos estudos de/sobre os gêneros textuais em um material sobre prática de produção textual, visto que uma efetiva prática de produção (e leitura) de textos só ocorrerá com a compreensão adequada desses artefatos sócio-históricos (os gêneros).

Os gêneros, enquanto objeto de estudo e instrumento de ensino, só difundiram-se a partir da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), no final dos anos 1990. Os PCNs prescreviam (e ainda prescrevem) que o ensino de língua portuguesa deveria ocorrer por meio dos gêneros e tal orientação motivou numerosos estudos acerca dos gêneros país afora. Com essa publicação, disseminou-se a concepção teórica dos gêneros (atribuída a Bakhtin, 2003). No entanto, enquanto objeto histórico-social, os gêneros textuais nos circundam socialmente e sempre existiram. Vejamos:

---

Imaginemos um dia na vida de um profissional qualquer. Logo pela manhã, ele liga a TV (ou o rádio) e assiste (ouve) às *notícias* veiculadas por esse meio de comunicação. Na sequência, ao encaminhar-se ao trabalho, visualiza alguns *outdoors* em que se encontram *peças publicitárias* diversas. Já no ônibus, ouve *músicas* em seu SmartPhone. Chegando ao trabalho, liga o computador e lê seus *e-mails*. Até esse momento é possível que tenha encontrado outras pessoas com as quais manteve *conversas* diversas. Na primeira parte da manhã, comparece a uma *palestra* sobre os objetivos da empresa em que trabalha, momento em que recebe algumas *instruções* para os próximos projetos. Na hora do almoço, lê o *cardápio*, para escolher o que comer e, enquanto espera, passa os olhos nas *tiras* do jornal do dia...

---

Apenas nesse período do dia, nosso personagem teve contato com aproximadamente dez gêneros textuais (isso sem contar aqueles que provavelmente esquecemos de mencionar...). Fica evidente, portanto, a presença dos gêneros na sociedade, visto que é por meio deles que a língua se realiza.

Mikhail Bakhtin é o responsável pelos estudos modernos sobre gêneros<sup>1</sup>, a partir de um texto escrito em 1952/53 e publicado em 1979, no livro *Estética da Criação Verbal*. A teorização sobre gêneros presente nos PCNs baseia-se na seção *Problemática e definição*, do capítulo *Os gêneros do discurso*. Dessa seção, retiramos as citações a seguir:

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Esses três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora *seus tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*.

[...]

Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero de discurso *primário* (simples) e o gênero de discurso *secundário* (complexo). Os gêneros secundários do discurso – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico etc. – aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros

---

<sup>1</sup> Veja o texto complementar.

primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios [...]. (BAKHTIN, 2003, p. 279-281, grifos do autor)

A extensão dessas citações se justifica tendo em vista sua relevância para toda a teoria dos gêneros. Nesses segmentos, encontra-se a essência das formulações de Bakhtin acerca dos gêneros: *enunciados relativamente estáveis, caracterizados por seu conteúdo temático, seu estilo e sua construção composicional*. Temos, ainda, *uma segmentação básica, entre gêneros primários e gêneros secundários*.

## 11.1 Mas o que são gêneros textuais?

Apresentaremos, na sequência, algumas definições de gêneros textuais (todas elas elaboradas a partir das concepções bakhtinianas):

No *Dicionário de Linguagem e Linguística*, encontramos que gênero é

uma variedade de texto historicamente estável, dotada de traços distintivos evidentes. [...] O fato fundamental a respeito de um dado gênero é que ele tem alguns traços distintivos, prontamente identificáveis, que o opõem marcadamente a outros gêneros, e que esses traços permanecem estáveis por um período de tempo considerável. Na maioria dos casos, um gênero particular também ocupa um lugar bem definido na cultura do povo que o utiliza. (TRASK, 2006, p. 123)

Marcuschi (2003a, p. 20) nos informa que

os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. São de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sociopragmáticos caracterizados como práticas socio-discursivas. Quase inúmeros em diversidade de formas, obtêm denominações nem sempre unívocas e assim como surgem, podem desaparecer.

Entre as características dos gêneros, podemos apontar a infinidade de exemplares. Também é consenso que eles são dinâmicos e sofrem variações na sua constituição. Como podemos ler na citação de Marcuschi, os gêneros não são estanques, eles vão se transformando em outros gêneros. Entre as responsáveis por essa série de mudanças estão as inovações tecnológicas. Indo um pouco mais longe, Marcuschi (2003a, p. 19) apresenta quatro fases no desenvolvimento dos gêneros. Em um primeiro momento, quando a cultura era essencialmente oral, os gêneros eram em número muito mais reduzido. Com a criação da escrita alfabetica (séc. VII a.C.), surgiram os gêneros próprios da escrita, aumentando seu número. Com a cultura impressa (a partir do séc. XV), ocorreu uma expansão dos gêneros que foi culminar no século XVII, período da industrialização, com uma grande ampliação. Atualmente, em

decorrência da cultura eletrônica, “presenciamos uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita” (MARCUSCHI, 2003a, p. 19).

Retomando a relação entre gêneros e leitura, Koch e Elias afirmam a existência de uma *competência metagenérica* responsável pela produção de sentidos. Segundo as autoras, “é essa competência que possibilita a produção e a compreensão de gêneros textuais, e até mesmo que os denominemos” (KOCH; ELIAS, 2006, p. 102-103). Ou seja, intuitivamente, nomeamos corretamente os vários gêneros que nos circundam, pois esse conhecimento se dá naturalmente, em contato com os interlocutores e nos eventos comunicativos.

Ao sintetizar as informações vistas até aqui, deve ter ficado claro que os gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados produzidos por cada esfera de utilização da língua. Esses se caracterizam pelo conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. Além disso, devem ser considerados o propósito comunicacional e o modo de veiculação. Vejamos um texto para ilustrar essas considerações:

---

### Plantão médico

#### Serviço de atendimento de emergência nasceu nos campos de batalha

A origem do serviço de pronto-socorro remonta às guerras napoleônicas do século XVIII. As primeiras ambulâncias foram projetadas em

1792 pelo barão francês Dominique Jean Larrey, médico de Napoleão Bonaparte. Eram padiolas ou carroças que serviam para retirar os soldados feridos do campo de batalha, sem aumentar seus ferimentos.

O serviço também se desenvolveu muito na Rússia, durante a Guerra da Criméia, em 1860, com a atuação do cirurgião Nikolay Ivanovich Pirogov, pai da medicina de emergência no país. “As guerras têm todos os inconvenientes do mundo, mas ajudaram a humanidade a criar o serviço de pronto-socorro”, descreve o médico Dário Birolini, do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP. Mas ainda levaria duas décadas para que as técnicas de salvamento utilizadas nos campos de batalha chegassem às grandes cidades. Paris inaugurou seu primeiro “serviço de ambulâncias urbanas”, que era executado pela Prefeitura de Polícia, em 1888. No carro-ambulância seguiam um médico anestesiista, um enfermeiro e material necessário para os primeiros socorros. Detalhe: por toda a cidade havia clínicas e hospitais aptos a receber os doentes. O modelo francês serviria de inspiração para o brasileiro, com a diferença de que aqui faltavam hospitais. A cidade de Porto Alegre foi a primeira a ter um serviço de ambulância com tração animal, em 1898. Parece difícil acreditar, mas o Rio de Janeiro, então a capital do país e com uma população de 850 mil habitantes, só foi ter uma lei que obrigava o Poder Público a oferecer serviço médico de urgência em 1904.

Naquele ano, a Associação dos Empregados do Comércio adquiriu por conta própria um automóvel-ambulância para socorrer vítimas de

acidentes de trabalho. Nesse campo, até a vizinha Argentina estava muito à frente do Brasil, pois contava com ambulâncias de plantão.

Assim que ocorria um acidente, era só telefonar para o serviço de emergência que um médico se dirigia para o local. Era o mesmo sistema utilizado em Nova York, nos Estados Unidos, onde o Emergency Medical Service do Bellevue Hospital começou a usar telégrafo já em 1870.

(DUARTE, 2006, p. 51)

---

Esse texto pertence ao *gênero* reportagem histórica, seu *suporte* é uma revista de circulação mensal que trata de diversos temas pelo viés histórico. O *tema* desse texto é a origem dos pronto-socorros. Quanto ao *estilo*, emprega a norma padrão da língua (utilizando uma variedade própria do meio jornalístico). Na *construção composicional*, temos um percurso histórico e geográfico (desde o século XVII, na França, até o começo do século XX, no Brasil), além de comparações entre países. O texto é encabeçado por um título e um subtítulo, e no texto original ainda há duas fotos com as respectivas legendas.

Na definição de um gênero, devemos considerar, como vimos anteriormente, sua *forma* (construção composicional), mas essa forma não é sempre o critério mais importante: muitas vezes, um gênero deve ser definido por sua *função*. Além da forma e da função, também devem ser considerados o suporte ou ambiente em que os textos aparecem.

Antes de continuarmos, é importante registrar a diferença de gêneros e tipos textuais. Para Marcuschi (2003a, p. 22-23, grifos do autor), gênero textual é uma “noção propositalmente vaga para referir os *textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdo, propriedades funcionais, estilo e composição característica”. Já os tipos textuais (ou sequências) são “uma espécie de sequência teoricamente definida pela *natureza linguística* de sua composição [aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas].”

## 11.2 Heterogeneidade tipológica

Observe o texto a seguir:

---

### Não violência *versus* violência

Janeiro é o mês que se comemora o dia da não violência, o que ocorre no dia 30. Essa data, propositalmente escolhida, coincide com a morte de Mahatma Gandhi em 1948, no dia 30, líder indiano fundador do movimento de não violência, assassinado aos 78 anos. Quando orava com 500 pessoas, Gandhi recebeu vários tiros disparados por Nathuram Vinayak Godse, um hindu fanático que nunca aceitou os sentimentos fraternos de Gandhi para com os muçulmanos. Suas últimas palavras foram: *He Rama!* (“Oh, meu Deus!”).

Pode-se dizer que no século XXI, Gandhi tornou-se referência como líder e defensor da não violência. Ao contrário do que muitos pensam, a não violência à primeira vista, não se reduz a uma passividade letárgica e entregue, que não esboça nenhuma reação ou iniciativa. Todavia, é um movimento de pura atividade e segundo as próprias palavras de Gandhi: “O que quer que façam conosco, não iremos atacar ninguém nem matar ninguém; estou pedindo que vocês lutem, que lutem contra o ódio deles (do governo inglês), não para provocá-los. Nós não vamos desferir socos, mas tolerá-los, e através do nosso sofrimento faremos com que vejam suas próprias injustiças e isso irá feri-los como todas

as lutas ferem, mas não podemos perder, não podemos... Eles poderão torturar meu corpo, quebrar meus ossos, até me matar, então terão meu corpo inerte, mas não a minha obediência.”

O indivíduo não violento está longe, portanto, de ser um alienado passivo. É um revolucionário movido pela paixão da verdade e do amor. Vinte séculos antes de Gandhi ter nascido, outro homem, Jesus Cristo, já havia disseminado na Galiléia, os princípios da não violência. Suas palavras diziam: “Vós ouvistes o que foi dito aos antigos: olho por olho e dente por dente. Eu, porém, digo-vos que não resistais ao mal; mas se alguém te ferir na tua face direita, oferece-lhe também a outra”.

Portanto, antes de Gandhi, Jesus de Nazaré não se afastou um centímetro daquilo que sentia ser a vontade de Deus para sua vida e sua missão.

Foi de encontro ao conflito que acabaria por matá-lo e a isso ele reagiu pacificamente, enfrentando os que desejavam sua submissão aos valores tradicionais e opressores dos que detinham o poder naquela época.

Enfim, como refluir o cenário de violência que tomou conta das relações humanas? A continuar assim, então não nos sobrará alternativa a não ser apelarmos para a ética da convicção de Jesus de Nazaré e posteriormente a de Gandhi, e oferecermos ao autor da violência a nossa outra face.

(SOARES, 2008)

O texto em questão faz parte do gênero artigo de opinião. Na sua constituição, podemos identificar segmentos do tipo expositivo (“Janeiro é o mês que se comemora o dia da não violência, o que ocorre no dia 30. Essa data, propositalmente escolhida, coincide com a morte de Mahatma Gandhi em 1948, no dia 30, líder indiano fundador do movimento de não violência, assassinado aos 78 anos.”), do tipo narrativo (“Quando orava com 500 pessoas, Gandhi recebeu vários tiros disparados por Nathuram Vinayak Godse”), do tipo descriptivo (“Nathuram Vinayak Godse, um hindu fanático que nunca aceitou os sentimentos fraternos de Gandhi para com os muçulmanos”) e do tipo argumentativo (“Ao contrário do que muitos pensam, a não violência à primeira vista, não se reduz a uma passividade letárgica e entregue, que não esboça nenhuma reação ou iniciativa. Todavia, é um movimento de pura

atividade...”). A isso denominamos de *heterogeneidade tipológica*; ou seja a presença de vários tipos textuais em um gênero.

A heterogeneidade tipológica é muito comum, dificilmente encontraremos um gênero com um único tipo textual (ou sequência).

### 11.3 Intertextualidade intergêneros

A expressão *intertextualidade intergêneros*, segundo Marcuschi (2003a, p. 31) é atribuída a Ursula Fix. Também nomeada como *hibridização* ou *mescla de gêneros*, consiste em um gênero com a função de outro. Ou, nas palavras de Koch e Elias (2006, p. 14), “fenômeno segundo o qual um gênero pode assumir a forma de um outro gênero, tendo em vista o propósito de comunicação. Não raro, pode ser verificado em anúncios, tirinhas e até mesmo em artigos de opinião.” Vejamos o exemplo a seguir:

---

#### Receita para o Dia dos Pais

##### Ingredientes

- 1 tonelada de carinho
- 2 porções de respeito
- 6 apertos no coração
- aquele abraço gostoso
- 5 beijos fresquinhos
- 7 porções da melhor alegria

##### Modo de preparo

- Conserve todos os ingredientes com meia tonelada de carinho
- Pense no seu Pai com as 2 porções de respeito
  - Em seguida sinta um aperto no coração e corra para dar aquele abraço gostoso
  - Recheie ele (*sic*) com os beijos fresquinhos
- E o mais importante: vivam este grande dia com o restante de carinho, na maior alegria

PAPA LOCO deseja Feliz Dia dos Pais a esse grande pai. Parabéns!!!

(Anúncio publicitário)

---

Nesse exemplo, temos a forma de uma receita, mas também a função de uma peça publicitária em homenagem ao Dia dos Pais.

## 11.4 Suporte

O desenvolvimento dos estudos sobre os gêneros levaram à necessidade de elucidar a questão do suporte. Marcuschi (2003b, p. 5) define suporte como o “lócus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto”; ou ainda, “uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto”. Para o autor, há duas categorias de suportes textuais:

- suportes convencionais – aqueles cuja finalidade essencial é dar suporte a determinado(s) gênero(s); e
- suportes incidentais – aqueles que, mesmo originariamente não existindo parar dar suporte a textos, ocasionalmente podem prestar-se a essa tarefa.

Vejamos alguns exemplos listados por Marcuschi:

**Quadro 1 – Exemplo de suportes convencionais e incidentais.**

Suportes convencionais	Suportes incidentais
Livro impresso ou digital	Embalagem
Livro didático	Para-choques e para-lamas de caminhão
Jornal (diário) impresso ou eletrônico	Roupas
Revista (semanal/mensal) impressa ou eletrônica	Corpo humano
Revista científica (boletins e anais)	Paredes
Rádio	Muros
Televisão	Paradas de ônibus
Telefone	Estações de metrô
Quadro de avisos	Calçadas
<i>Outdoor</i>	Fachadas
Encarte	Janelas de ônibus (meios de transporte em geral)
<i>Folder</i>	
Luminosos	
Faixas	

Fonte: Elaborado pela autora, com base em MARCUSCHI, 2003b.

## 11.5 Domínio discursivo

Outro conceito a ser elucidado é o de *domínios discursivos*. Marcuschi (2000, p. 118-119) define o *domínio discursivo* como “uma esfera social ou institucional (religiosa, jurídica, jornalística, política, industrial, familiar, lazer etc.) na qual se dão práticas que organizam formas de comunicação e respectivas estratégias de compreensão. Assim, os domínios discursivos produzem modelos de ação comunicativa que se estabilizam e se transmitem de geração para geração com propósitos e feitos definidos e claros. Além disso, acarretam formas de ação, reflexão e avaliação social que determinam formatos textuais que em última instância desembocam na estabilização de gêneros textuais”. Daí dizermos que o artigo de divulgação científica é um *gênero*, a revista é um *suporte* e científico é um *domínio discursivo*. A seguir, um agrupamento de domínio discursivo e gêneros elencado por Marcuschi.

**Quadro 2 – Domínio discursivo e seus respectivos gêneros textuais.**

Domínio discursivo	Modalidades de uso da língua		
	Escrita	Oralidade	
Jornalístico	Editoriais	Reclamações	Entrevistas
	Notícias	Capa de revista	Notícias de rádio e TV
	Reportagens	Expediente	Reportagem ao vivo
	Artigos de opinião	<i>Cartoon</i>	Comentários
	Crônica policial	Errata	Discussões
	Entrevistas	Charge	Debates
	Anúncios	Programação semanal	Apresentações
	Cartas do leitor		
	Resumo de novelas	Agenda de viagem	
		Roteiro de viagem	

Fonte: Elaborado pela autora, com base em MARCUSCHI, 2000.

### Ampliando seus conhecimentos

#### Os gêneros do discurso

(FARACO, 2003, p. 108-112)

O atual uso inflacionado no Brasil – em especial no discurso pedagógico posterior à reforma do ensino de 1996 – da expressão *gêneros do discurso*, tendo o texto de Bakhtin como referência, é o que nos motiva discutir em

mais detalhes essa questão. Interessa-nos, particularmente, expor à crítica uma certa cristalização do conceito em sua transposição pedagógica.

Não será demais começar por uma breve referência etimológica. A palavra *gênero* remonta à base indo-europeia \**gen-* que significa “gerar”, “produzir”. Em latim, relaciona-se com esta base o substantivo *genus*, *generis* (significando “linhagem”, “estirpe”, “raça”, “povo”, “nação”) e o verbo *gigno*, *genui*, *genitum*, *gignere* (significando “gerar”, “criar”, “produzir”, “provir”), com o qual se relacionam palavras como *genitor*, *primogênito*, *genital*, *genitura*. Por curiosidade, vale registrar que a palavra germânica *Kind* (“criança”) remonta àquela mesma base etimológica.

Como se vê, esse segmento vocabular se desenvolve a partir da semântica do processo de gerar (procriar) e dos produtos gerados (da procriação). A utilização do termo *gênero* para designar tipos de textos é uma extensão da noção de estirpe (linhagem) para o mundo dos objetos literários e retóricos. Assim como as pessoas podem ser reunidas em linhagens por consanguinidade, o mesmo se pode fazer com os textos que têm certas características ou propriedades comuns. A noção de gênero serve, portanto, como uma unidade de classificação: reunir entes diferentes com base em traços comuns.

Parece que Platão foi o primeiro a falar de gêneros quando, no livro III da *República*, divide a mimese (isto é, a representação literária da vida) em três modalidades: a lírica, a épica e a dramática. Aristóteles elaborou, na sequência, dois trabalhos importantes de sistematização dos gêneros: na *Arte Retórica* propôs e estudou três gêneros retóricos (o deliberativo, o judiciário e o epidítico); e, na *Arte Poética*, ele buscou tratar da produção poética em si mesma e de seus diversos gêneros, explorando extensamente as propriedades da tragédia e da epopeia (e, segundo se acredita, da comédia no livro II, totalmente perdido). Esses dois trabalhos de Aristóteles foram referências durante séculos na discussão dos gêneros.

É interessante observar que, na longa história da teoria dos gêneros literários e retóricos, estes foram interpretados muito mais na perspectiva dos produtos do que na dos processos (muito embora – destaque-se – Aristóteles não separasse as formas de suas funções e das respectivas atividades sociais em que ocorriam).

O foco de atenção eram as propriedades formais. Houve, inclusive, em vários momentos, uma forte propensão reificadora e, por consequência, normativa: as características formais dos gêneros foram tomadas como

propriedades fixas, como padrões inflexíveis. Talvez aqui esteja uma das razões para um certo abandono da teoria dos gêneros, principalmente a partir da crítica do Romantismo à estética clássica.

Fizeram parte do processo de construção da estética romântica o questionamento do modelo do teatro clássico (o chamado modelo das três unidades: de espaço, tempo e personagem) e a percepção do anacronismo da epopeia clássica. Nesse sentido, a estética romântica pôs em xeque dois dos mais cultuados gêneros da teoria clássica. Ao mesmo tempo, vivia-se o desenvolvimento do romance, gênero para o qual as teorias tradicionais não forneciam qualquer subsídio analítico e que é ainda hoje motivo de muita polêmica. Pode-se dizer que o Romantismo abalou profundamente a teoria clássica dos gêneros e pôs o tema gêneros numa permanente crise.

Em contraste com essa crítica, não deixa de ser surpreendente o uso inflacionado do termo nos últimos anos. A principal referência dessa explosão tem sido o texto “O Problema dos Gêneros do Discurso”, escrito por Bakhtin possivelmente em 1952-53. Trata-se de um texto inacabado, encontrado entre os papéis do autor e publicado na Rússia pela primeira vez numa coletânea de material de seus arquivos em 1979.

[...]

Bakhtin está discutindo, nesse manuscrito, caminhos para um estudo da linguagem como atividade sociointeracional e aponta algumas características da unidade desse estudo (o enunciado) em contraste com a unidade tradicional dos estudos linguísticos (a sentença).

Esse fragmento de texto está dividido em duas partes. Na primeira, faz-se uma introdução geral do tema, conceituando-se gênero do discurso, distinguindo-se gêneros primários de secundários e correlacionando-se estilo e gênero.

Na segunda, há uma extensa discussão sobre o conceito de enunciado, como unidade da comunicação socioverbal, em contraste com o de sentença, como unidade da língua entendida como sistema gramatical abstrato. Bakhtin está, nessa segunda parte, dialogando criticamente (sem negar-lhe relevância) com a tradição dos estudos linguísticos que se caracteriza por privilegiar o estudo sistêmico (imanente) da linguagem verbal e ignorar ou simplificar a realidade linguística enquanto interação social, enquanto práticas sociais de linguagem. [...]

Bakhtin conceitua *gêneros do discurso* como os tipos relativamente estáveis de enunciados que se elaboram no interior de cada esfera da atividade humana. Face aos enfoques tradicionais da questão dos gêneros que privilegiavam as formas em si e chegavam a operar normativamente sobre sua reificação, algumas observações são aqui indispensáveis. Ao dizer que os tipos são *relativamente estáveis*, Bakhtin está dando relevo, de um lado, à historicidade dos gêneros; e, de outro, à necessária imprecisão de suas características e fronteiras.

Dar relevo à historicidade significa chamar a atenção para o fato de os tipos não serem definidos de uma vez para sempre. Eles não são apenas agregados de propriedades sincrônica fixas, mas comportam contínuas transformações, são maleáveis e plásticos, precisamente porque as atividades humanas são dinâmicas, e estão em contínua mutação.

## Atividades

1. Observe o texto a seguir. Em que gênero você o classificaria? Justifique sua resposta indicando aspectos relacionados à temática, à composição e ao estilo.

---

*Evento de fala (speech event)* – uma porção significativa de fala que se desenvolve de acordo com regras. A fala sempre tem algum tipo de estrutura, mas há certas porções da fala que são um tanto especiais. Elas têm um começo e um fim, e são construídas de acordo com regras conhecidas sejam pelos falantes, sejam pelos ouvintes. Como exemplos, podem-se citar a aula universitária, o sermão, o discurso que se faz depois de um almoço de confraternização, o debate e a entrevista para seleção de candidatos. Uma porção de fala altamente estruturada, como em todos esses casos, é um *evento de fala*.

Um evento de fala envolve *participantes*, que assumem claramente certos *papéis*, e acontece em um *contexto* bem definido. As regras que regem o evento são claramente estabelecidas e conhecidas de todos os participantes; infringir essas regras constitui um deslize grave. Naturalmente, muitos linguistas interessam-se por identificar as regras que regem tipos específicos de eventos de fala.

(TRASK, 2006, p. 103-104)

---

2. A partir dos gêneros *telegrama* e *e-mail*, discorra sobre a *transmutação dos gêneros*.

3. Relacione as colunas:

- |                        |                      |
|------------------------|----------------------|
| (1) domínio discursivo | (   ) livro          |
| (2) gênero             | (   ) editorial      |
| (3) suporte            | (   ) <i>outdoor</i> |
|                        | (   ) romance        |
|                        | (   ) jornalismo     |
|                        | (   ) jornal         |
|                        | (   ) ficção         |

---

Resolução

1. O texto em questão pode ser classificado como pertencente ao gênero verbete de dicionário (TRASK, R. L. **Dicionário de Linguagem e Linguística**. Tradução de: ILARI, Rodolfo. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 103-104). Há um termo específico (evento de fala) a ser definido cientificamente, para tanto são empregados vocábulos denotativos e verbos predominantemente no presente.
2. Os gêneros não são criados a partir do vazio, eles se organizam a partir de gêneros já existentes configurando-se com novas características a fim de atender às exigências de novos eventos comunicativos. O telegrama, por exemplo, não deixou de existir, mas passou a ser empregado em raríssimas situações; por outro lado, o advento da internet possibilitou o surgimento de mensagens eletrônicas que, apresentando suas particularidades, podem ser reconhecidas como o desenvolvimento de cartas/bilhetes ou telefonemas.
3. (3) (2) (3) (2) (1) (3) (1)



# 12

## Sequências textuais

Como sabemos, a quantidade de gêneros textuais que circulam socialmente é enorme. Também sabemos que esses gêneros podem se modificar com o passar do tempo, cair em desuso ou surgir junto a um novo evento sociocomunicativo.

Paralelamente a essa fluidez dos gêneros, temos um agrupamento linguístico muito mais perene, presente desde a origem da linguagem e encontrado em todas as sociedades. Estamos tratando aqui das sequências (ou tipos) textuais.

As *sequências textuais* são em número relativamente pequeno e apresentam características linguísticas facilmente identificáveis. Em decorrência dessa estabilidade, as sequências textuais são muito importantes para o ensino de leitura e produção de textos. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (final dos anos 1990) encontrávamos a indicação do trabalho com gêneros, mas tendo em vista sua multiplicidade, fez-se necessário um outro tipo de agrupamento – daí a emergência das sequências textuais, recomendações presentes nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006).

## 12.1 Definição de sequências (ou tipos) textuais

Bonini (2005, p. 208) vê a sequência textual “como um conjunto de proposições psicológicas que se estabilizaram como recurso composicional dos vários gêneros”.

Para Baltar (2006, p. 47) “sequências textuais são modos de organização linear que visam formar uma unidade textual coesa e coerente, que vão expressar linguisticamente o efeito de sentido que os tipos de discursos – modalidades discursivas – pretendem instaurar na interação entre os interlocutores de uma atividade de linguagem”.

Pereira (2006, p. 31) emprega a expressão *modo de organização do discurso* (cunhada por Patrick Charandeau) para se referir às sequências ou tipos, definindo-o como uma “espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas) e pela função que desempenha no conjunto que é o texto”.

A maioria dos estudos sobre sequências recorrem aos trabalhos de Adam (1997) para sua fundamentação. Encontramos, no entanto, algumas divergências em relação a quais seriam essas sequências. Adam, por exemplo, apresenta que as sequências textuais seriam narrativa, argumentativa, explicativa, descritiva e dialogal. Koch e Fávero (1987) acrescentam a injuntiva, ou diretiva, e a preditiva, nomeando a explicativa também como expositiva; Marcuschi (2003) considera os tipos narrativo, argumentativo, expositivo, descritivo e injuntivo. Finalmente, Schneuwly e Dolz (2004), tratam de *agrupamentos*, que seriam: narrar, relatar, argumentar, expor e descrever ações.

Nosso principal objetivo é apresentar um exemplar de cada sequência textual, sinalizando os vários aspectos que podem ser observados nesses textos. Para isso, vamos nos valer de um material de análise organizado por Koch e Fávero (1987, p. 3-10). As autoras apresentam três dimensões para tratar das sequências textuais: dimensão pragmática, esquemática global e linguística de superfície.

A *dimensão pragmática* diz respeito aos macroatos de fala, ou seja, ao que o texto faz, o objetivo principal a ser atingido; compõe, ainda, a dimensão pragmática, a atitude comunicativa (o objetivo do texto) e, também, as atualizações em situações comunicativas: os gêneros em que essa sequência pode ser encontrada.

A *dimensão esquemática global* são os modelos cognitivos ou esquemas formais responsáveis pelo *esqueleto* do texto.

Finalmente, a *dimensão linguística de superfície* abrange as marcas (sintático/semânticas) reconhecíveis no texto. A seguir, iremos discutir cada uma das sequências a partir do arcabouço teórico explanado.

## 12.2 As sequências textuais

### 12.2.1 Sequência narrativa

Vamos trabalhar nesta seção com dois exemplos: um ficcional (fábula) e outro não ficcional (notícia) a fim de atender, também, às orientações de Schneuwly e Dolz (2004), que veem no primeiro (textos da ordem do ficcional) o agrupamento do narrar e, no segundo (textos de ordem não ficcional), o agrupamento do relatar.

---

#### O Leão e o Rato

Um Leão dormia sossegado, quando foi despertado por um Rato, que passou correndo sobre seu rosto. Com um bote ágil ele o pegou, e estava pronto para matá-lo, ao que o Rato suplicou:

– Ora, se o senhor me poupassse, tenho certeza que um dia poderia retribuir sua bondade.

Rindo por achar ridícula a ideia, assim mesmo, ele resolveu libertá-lo. Aconteceu que, pouco tempo depois, o Leão caiu numa armadilha colocada por caçadores. Preso ao chão, amarrado por fortes cordas, sequer podia mexer-se. O Rato, reconhecendo seu rugido, se aproximou e roeu as cordas até deixá-lo livre. Então disse:

– O senhor riu da ideia de que eu jamais seria capaz de ajudá-lo. Nunca esperava receber de mim qualquer favor em troca do seu! Mas agora sabe, que mesmo um pequeno Rato é capaz de retribuir um favor a um poderoso Leão.

Moral da história: Os pequenos amigos podem se revolver os melhores e mais leais aliados.

(ESOPO, 2008)

---

#### Barragem rompe em Rondônia e água pode atingir municípios

Parte da barragem da pequena central hidrelétrica de Apertadinho, em Vilhena, em Rondônia, rompeu na tarde desta quarta-feira, de acordo o Corpo de Bombeiros. A água deverá atingir principalmente os municípios de Pimenta Bueno e Cacoal, no sudeste do Estado.

Até as 21h45 a água não havia chegado ao Vale do Apertadinho, a 20km da barragem, mas o Corpo de Bombeiros e a Prefeitura de Pimenta Bueno estão retirando moradores das áreas que correm risco de inundação. “Temos informações que a tromba d’água pode chegar a seis ou sete metros de altura. Algumas pessoas estão resistindo, mas a maioria está desocupando as casas”, contou.

O lago da barragem de Apertadinho tem capacidade total para 114 milhões de litros de água, segundo o Corpo de Bombeiros. A região da central hidrelétrica fica a cerca de 510km da capital, Porto Velho.

(Disponível em: <<http://www.tudorondonia.com/noticias/barragem-rompe-em-rondonia-e-agua-pode-atingir-municípios-,5175.shtml>>. Acesso em: 03 ago. 2017.)

---

Adam (*apud* BONINI, 2005, p. 219) considera seis características para identificar uma sequência narrativa:

- sucessão de eventos;
- unidade temática;
- predicados transformados;
- processo;
- intriga; e
- moral.

O macroato realizado pela sequência narrativa, dentro da dimensão pragmática, seria a asserção (apresentação) de enunciados de ação. A atitude comunicativa é o mundo narrado<sup>1</sup>. Sequências narrativas podem ser encontradas em romances, contos, novelas, reportagens, noticiários, depoimentos, relatórios etc.

Quanto à dimensão esquemática-global, na sequência narrativa temos a captação de eventos em uma sucessão temporal e causal<sup>2</sup>. Quanto às categorias, temos orientação, complicação, ação ou avaliação, resolução, moral ou estado final.<sup>3</sup> Na dimensão linguística de superfície, podem ser encontrados como marcas da sequência narrativa, tempos verbais predominantemente do mundo narrado (*dormia, passou, resolveu*); advérbios indicadores de tempo e espaço – ou outras palavras/expressões com essa finalidade – (*Rondônia, tarde desta quarta-feira, quando, tempo depois, numa armadilha*), discurso direto, indireto ou indireto livre (– *Ora, se o senhor me pouasse, tenho certeza que um dia poderia retribuir sua bondade.* / “Temos

1 Mundo narrado: o locutor se distancia do discurso, sem interferência direta; predominam verbos no pretérito perfeito e no futuro do pretérito. Mundo comentado: o locutor se compromete com aquilo que enuncia – presente, futuro do presente e pretérito imperfeito, preferencialmente. As noções sobre mundo narrado e mundo comentado foram formuladas por Harald Weinrich (*apud* KOCH, 1997).

2 Em vários pontos dessa análise recorremos a termos cunhados por Koch e Fávero (1987), conforme já citado.

3 Formulação da Sociolinguística americana (LABOV; WALETZKY, 1967).

*informações que a tromba d'água pode chegar a seis ou sete metros de altura. Algumas pessoas estão resistindo, mas a maioria está desocupando as casas") etc.*

### 12.2.2 Sequência argumentativa

---

#### Carta ao leitor

##### Sob o poder civil

Desde o fim da ditadura militar, em 1985, nunca o papel das Forças Armadas esteve no centro da atenção do debate político como agora – e isso não é uma má notícia. Muitas das principais discussões nacionais tocam de alguma forma o estamento militar. O caos aéreo é um exemplo. O controle do tráfego de aviões é a única atividade com impacto cotidiano na população ainda sob o comando direto dos homens de farda. Mas muita gente gostaria de vê-los interferindo em outras dimensões da vida civil. Alguns governadores, como Sérgio Cabral, do Rio de Janeiro, reivindicam a participação de tropas do Exército no combate ao crime organizado, cujo poder de fogo supera o das polícias estaduais. Quando se discute a obsessão de Hugo Chávez por armar a Venezuela com um arsenal moderno e mais apropriado para ações ofensivas, surge a questão do preparo de nossas Forças Armadas para conter um eventual gesto tresloucado do imperialista bolivariano.

[...] Constatou que a tropa está insatisfeita com os soldos e atônita diante da obsolescência do armamento disponível, com fuzis de 30 anos de idade e carros de combate americanos remanescentes da Guerra da Coréia, cujo cessar-fogo foi assinado em 1953. A reportagem revela a aceitação incontestável do poder civil pelos militares, conceito tão arraigado agora que nem mesmo a insatisfação com as condições de vida e trabalho pode abalar. Suas grandes preocupações se concentram na defesa da Amazônia, na incapacidade de vigiar o mar territorial brasileiro ou fazer frente ao populismo dos países vizinhos caso eles se mostrem agressivos.

(*Veja*, 28 nov. 2007, p. 9.)

---

Fiorin (1991, p. 41) nos lembra que todo fazer comunicativo é argumentativo – no sentido de manifestar um ponto de vista sobre um dado assunto –, mas aqui nos interessam as sequências argumentativas *stricto sensu*. Para Bonini (2005, p. 220-221), “argumentar, no sentido mais elementar, é direcionar a atividade verbal para o convencimento do outro ou, mais especificamente, é a construção por um falante de um discurso que visa modificar a visão de outro sobre determinado objeto, alterando, assim, o seu discurso”.

As sequências argumentativas propriamente ditas têm como macroato convencer e/ou persuadir; e como atitude comunicativa, fazer crer (em algo)/fazer fazer (algo). Sequências argumentativas podem ser encontradas em peças publicitárias, textos de opinião, cartas ao leitor, debates regrados, ensaios, editoriais, artigos de opinião, discurso de defesa e acusação (na área do direito).

A dimensão esquemática global da sequência argumentativa procura ordenar ideologicamente os argumentos e contra-argumentos. Para tanto, em linhas gerais, é possível encontrar-se, inicialmente, uma premissa (tese anterior) – *aceitação incontestada da necessidade da discussão do papel das Forças Armadas* –; na sequência, são apresentados argumentos para validar essa tese (ou contra-argumentos para inviabilizar outras premissas ou teses) – *caos aéreo, combate ao crime organizado, armamento de outros países latino-americanos*. Finalmente, chega-se a uma síntese e à conclusão (ou nova tese).

Quanto à dimensão linguística de superfície, as marcas são modalizadores<sup>4</sup>, verbos introdutores de opinião, operadores argumentativos (*nunca*), metáforas temporais<sup>5</sup>, recurso à autoridade.

### 12.2.3 Sequência expositiva ou explicativa

---

*Langue (langue)* – o sistema linguístico abstrato compartilhado pelos falantes de uma língua. O termo francês *langue* foi introduzido pelo linguista suíço Ferdinand de Saussure no início do século XX. No tratamento de Saussure, esse termo contrasta especificamente com *parole*, isto é, os enunciados efetivamente realizados. Uma distinção desse tipo foi frequentemente considerada essencial para a linguística desde o tempo de Saussure, e a distinção mais recente feita por Noam Chomsky entre *competência* e *desempenho* é análoga a ela, em termos gerais; note-se, porém, que a *langue* de Saussure é uma propriedade que caracteriza toda uma comunidade de falantes, ao passo que a *competência* de Chomsky é própria de um único falante.

(TRASK, 2006, p. 153)

---

4 *Modalizadores* são vocábulos que exprimem o “modo” como aquilo que se diz é dito. Exemplos: necessário, possível, obrigatório, talvez, poder, dever, provavelmente.

5 *Metáforas temporais*: “emprego de um tempo de um dos mundos [narrado ou comentado] no interior do outro. Exemplo: uso de um tempo do mundo comentado no interior do mundo narrado. Tal expediente provoca maior engajamento. ‘A caravana caminhava lentamente pelo areal deserto. De repente, *ouve-se* um forte ruído e, diante dos beduínos assustados, *surge* um disco voador, em que era esperado *ouviu-se* e *surgiu*’” (KOCH, 1997).

Adam (1997) e Bronckart (1999) falam de *sequências explicativas*, Scheneuwly e Dolz (2004) em *expor* e Koch e Fávero (1987) empregam indistintamente *expor* ou *explicar*. Adam (*apud* BONINI, 2005, p. 223) apresenta que essa sequência objetiva responder à questão *Como?* ou *Por quê?* “mostrando quadros parciais da significação da ideia”. Independentemente da nomenclatura, nessa sequência, ao contrário da sequência argumentativa, que visa a modificar uma crença (visão de mundo), objetiva-se transformar uma convicção (estado de conhecimento).

O macroato da sequência explicativa consiste na *asserção de conceitos*, e a atitude comunicativa é *fazer saber* (o que é *langue*). Sequências explicativas podem ser encontradas em manuais didáticos, exposições orais, seminários, conferências, comunicações orais, palestras, verbetes, artigos encyclopédicos, resumos de textos expositivos e explicativos, relatórios científicos. A dimensão esquemática global da sequência explicativa compreende a análise e/ou síntese de representações conceituais.

As marcas linguísticas de superfície presentes nessa sequência são – na maioria dos casos, mas não obrigatoriamente – os conectores de tipo lógico, os tempos verbais do mundo comentado (*contrasta, nota-se, é*), a presença do discurso de autoridade (ou de dados de fundamentação) e a predominância de períodos compostos.

## 12.2.4 Sequência injuntiva

---

### Penne com molho de linguiça calabresa

3 pacotes (500g) de linguiça calabresa fina cortada em rodelas

2 dentes de alho picados

1 cebola pequena picada

1 lata de molho de tomate temperado

8 tomates grandes, maduros, sem pele e sem sementes, picados grosseiramente

1 galho de manjericão picado

Sal a gosto

5 litros de água fervente

500g de macarrão tipo penne

Em uma frigideira funda, leve ao fogo a linguiça, o alho e a cebola e refogue até a cebola ficar transparente. Junte o molho

de tomate, misture e deixe cozinhar por cinco minutos. Adicione o tomate, o manjericão e sal. Mexa e cozinhe por mais cinco minutos ou até o tomate ficar macio. Reserve. Em uma panela grande com a água fervente e sal, cozinhe o macarrão até ficar *al dente*. Escorra e sirva com o molho. Rende oito porções.

(CLÁUDIA, 2008a, p. 5)

A sequência injuntiva pode ser nomeada, também, como *diretiva* ou de *descrição de ações*. Schneuwly e Dolz (2004, p. 121) apresentam que, pensando em um domínio social de comunicação *instruções e prescrições*, o descrever ações seria responsável pela regulação mútua de comportamentos.

Aqui teríamos as instruções de montagem, as receitas, os regulamentos, as regras do jogo, as instruções de uso, os comandos diversos, os textos prescritivos, os enunciados (de um problema de matemática, por exemplo), as bulas de remédio. Em uma dimensão pragmática, o macroato seria direcionar, orientar; e a atitude comunicativa *fazer saber fazer* (no caso, *fazer saber fazer Penne com molho de linguiça calabresa*).

A superestrutura da sequência injuntiva comporta a prescrição de comportamentos sequencialmente ordenados, ou seja, a execução das ações deve, na maioria das vezes, obedecer a ordem estabelecida com risco de comprometimento do resultado final. Esquematicamente, teríamos:

**Quadro 1 – Exemplo de sequência injuntiva.**

Tema	Ação 1 +	Ação 2 +	Ação n	Resultado ou produto final:
Penne com molho de linguiça calabresa	Leve...	Refogue...	...	Penne pronto

Fonte: Elaborado pela autora.

Na dimensão linguística de superfície, as marcas identificadoras da sequência injuntiva são modos e tempos verbais no imperativo (*leve, refogue, junte, seja*), infinitivo ou futuro do presente, vocativo (explícito ou não); verbos performativos (*mexa, escorra*); períodos simples, conectivos que indiquem a sequenciação das ações (*primeiro, depois, finalmente*).

### 12.2.5 Sequência descritiva

Miúda, Eslovênia é o terceiro país mais verde da Europa

Chegar à Eslovênia de avião apresenta, de cara, ao viajante, uma das principais características desse país: a abundância de verde. O pequeno território esloveno – menor do que o estado de Sergipe – tem

57% de sua área coberta por florestas. É o terceiro país mais verde da Europa, atrás apenas das escandinavas Suécia e Finlândia.

Dividido em regiões geográficas com características peculiares e muito preservadas, a Eslovênia é descrita, muitas vezes, como uma mini Nova Zelândia. É palco de inúmeras atrações para amantes de esportes e atividades ao ar livre.

É preciso, em tempo, que fique claro: esse país, ainda relativamente desconhecido, nada tem a ver com a Eslováquia. A não ser pelo prefixo do nome.

No coração da Europa central, a Eslovênia faz fronteira com a Itália, a Áustria, a Hungria e a Croácia. Com essa última, compartilha uma estreita faixa de litoral banhado pelo cristalino Mar Adriático. A capital, Liubliana, fica estrategicamente localizada entre cidades famosas, como Veneza (Itália), Viena (Áustria) e Budapeste (Hungria).

Ex-integrante da República Socialista Federal da Iugoslávia e independente desde 1991, a Eslovênia integra a União Europeia desde 2004 – quando entrou para o mapa do turismo europeu e passou a ser servida por voos da companhia *low fare-low cost* Easy Jet.

Neste primeiro semestre de 2008, o país será sede da presidência da União Europeia (que é rotativa), posição que pela primeira vez desde a formação da UE será ocupada por um país ex-socialista.

Contrariando as expectativas, já que saiu de um regime comunista, a Eslovênia não se enquadra naquele perfil de “Europa do Leste”, em que se percebe nitidamente a distância ou a relativa obsolescência em relação aos países orientais.

O jovem país é extremamente próspero e une harmoniosamente modernidade e tradição. A história eslovena começa no século VI, data dos primeiros registros dos primeiros eslovenos, habitantes dos vales da baía do rio Danúbio e dos Alpes, muito antes de o país ser anexado ao Império Austro-Húngaro, no século XIV, que perdurou por seis séculos.

(CE, Ana. Disponível em: <[www1.folha.uol.com.br/folha/turismo/noticias/ult338u361932.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/turismo/noticias/ult338u361932.shtml)>. Acesso em 10 jan. 2008.)

---

Bonini (2005, p. 222) informa que a descrição “é a sequência menos autônoma entre todas. Dificilmente será predominante em um texto. Sua ocorrência mais característica é como parte da sequência narrativa, principalmente na parte inicial (a situação), quando são introduzidos o espaço e os personagens do fato.” Também é possível encontrá-las em guias turísticos.

Na dimensão pragmática, o macroato é apresentação de enunciados de estado e/ou situação e a atitude comunicativa pode ser do mundo narrado ou do mundo comentado.

Quanto às marcas linguísticas – dimensão linguística de superfície –, predominam os verbos de estado, situação ou indicadores de propriedades, atitudes e qualidades (*tem, é, faz, compartilha, fica*). Há, ainda, uma unidade do estoque lexical assegurada pelo tema-título (no caso, *Eslovênia*); relações de inclusão (parte-todo), conectivos relacionados à situação do objeto-tema e de suas partes no espaço; adjetivação abundante (abundância *verde, pequeno território, país mais verde*, características *peculiares* e muito *preservadas*), tempos verbais no presente ou no imperfeito (*tem, é, faz, compartilha*), emprego de figuras de linguagem (*Eslovênia é descrita, muitas vezes, como uma mini Nova Zelândia*).

### 12.2.6 Sequência preditiva

---

Áries 21 mar - 20 abr

Você pode não gostar de ordens, limites e detalhes, mas ao longo do dia vai descobrir alguma alternativa. Aproveite que o astral ainda incentiva ousadias. Apenas contenha excessos.

Touro 21 abr - 20 mai

Não se iluda que o que está longe seria melhor que o está perto, seria puro escapismo e ao final não valeria o investimento. Você começa o dia meio nublado, depois o padrão vai mudando.

Gêmeos 21 mai - 20 jun

No conflito entre liberdade e compromisso, sua disposição para se relacionar oscila. Mas tenha paciência até que seja possível compreender como tudo poderá ser redinamizado.

Câncer 21 jun - 21 jul

Você começa o dia meio sem energia após os esforços de ontem, e ainda um tanto cética, mas qualquer pessimismo é algo a ser evitado. Apenas descanse, a tarde vai ser mais ágil.

(Disponível em <<http://f5.folha.uol.com.br/horoscopo/>>. Acesso em: 02 ago, 2017.)

---

O macroato da sequência preditiva é predizer enunciados sobre o futuro. A atitude comunicativa é fazer crer e/ou fazer saber.

Podemos encontrar sequências preditivas nos horóscopos, profecias, boletins metereológicos e previsões em geral. A superestrutura preditiva comporta prenúncio de eventos, situações, comportamentos (individuais ou coletivos) com base em relações de causalidade, em deduções lógicas – Koch e Fávero (1987) – (caso dos boletins metereológicos) ou por simples casualidade (horóscopo).

Para realizar linguisticamente a sequência preditiva são necessários, na maioria das vezes, tempos verbais com perspectiva prospectiva (*deve apostar, será, fará, conspirará*), períodos simples, estruturas nominalizadoras (sem verbo); ausência de conectivos do tipo lógico e adjetivação abundante.

### 12.2.7 Sequência dialogal

---

---

Inquérito 147

L1

não moro em Ipanema... mas queria te perguntar uma  
coisa... qual é a tua imagem você mora em Copacabana  
né? qual... qual a imagem que você faz de Ipanema?

L2

olha... eu...

L1

não é sobre o bairro não... eu quero saber como  
vivem as pessoas que moram lá...

L2

das pessoas... da vida

L1

é... qual a imagem que você faz?

L2

olha... eu acho...

L1

pode ser franca... hein...

L2

está ok (risos) eu não vou malhar não... olha eu acho...

L1

não... mesmo se malhar...

L2

bom eh... está bom... eu acho ... pri/... primeiro lugar o bairro... acho um bairro espetacular... e acho que quem mora em Copacabana deseja à beça morar lá... bom... já estou entrando aqui no à be/ à... hein? agora e... quanto às pessoas que moram lá... eu tenho a impressão que não são diferentes das outras que moram noutro bairro... só QUE... em vista do local eh... das possibilidades e... eh... e... do... do meio de... maior comunicação que parece que existe lá... diversão e tal... deixa assim elas mais à vontade mais... mais dadas... comunicativas isso... fazendo uma diferença entre as pessoas dos outros bairros né... agora... em relação ao pessoal que mora em Copacabana... eu sou bairrista hein sou bairrista... mas acho que... se comportam quase que da mesma maneira... só que... a evolução natural eh... transportar... a cidade se transportar sempre pra outro lugar outros... pra outros bairros né... quer dizer... bairros se transportam pra outros bairros... e que... dão mais condição de vida... de calma... tranquilidade... e vai... vai por aí... é por aí... agora o pessoal é legal... comunicativo...

(Disponível em: <[www.letras.ufrj.br/nurc-rj/corpora/d2/d2\\_147.html](http://www.letras.ufrj.br/nurc-rj/corpora/d2/d2_147.html)>.

Acesso em: 14 jan. 2008.)

---

A sequência dialogal está presente na conversação e suas variantes (entrevistas, conversação telefônica, debate), bem como em suas versões ficcionais – como os diálogos em romances. Uma de suas principais características é ser poligerada (mais de um interlocutor), ao contrário das outras sequências.

Adam (*apud* Bonini, 2005, p. 225) segmenta a sequência dialogal em duas outras: a fática e a transacional. A sequência fática abre e fecha a interação, sendo, portanto, ritualística, no sentido de ser padronizada (ex.: Olá, como vai?/ Tchau.). Já a sequência transacional abarca o assunto que motivou a interação.

Finalmente, é importante registrar duas outras formas de planificação (além das planificações convencionais, de acordo com Bronckart, (2003, p. 238-240): o script e a esquematização).

O *script* assemelha-se à sequência narrativa, mas, ao contrário desta, não apresenta conflito, tensão, apenas os acontecimentos em ordem cronológica. Veja o exemplo a seguir, retirado da letra de música “Cotidiano”, de Chico Buarque:

---

Todo dia ela faz  
Tudo sempre igual  
Me sacode  
Às seis horas da manhã  
Me sorri um sorriso pontual  
E me beija com a boca  
De hortelã...

---

Para Baltar a esquematização ocorre: “Quando um conteúdo temático no mundo do expor não é considerado nem contestável nem problemático, apresentando a característica de neutralidade, e o desenvolvimento de suas propriedades é feito a partir de um segmento de texto puramente expositivo ou informativo” (BALTAR, 2006, p. 85). Seriam exemplos de esquematizações, as definições, as enumerações, o enunciado de regras, a cadeia causal etc. (BRONCKART, 2003).

## Ampliando seus conhecimentos

### Gêneros e tipos textuais: afinal de contas, do que se trata?

*(COSTA, 2011, p. 108-109)*

#### Tipologia textual

Conforme Marcuschi (2000, p. 18), a categoria tipo textual é construto teórico que abrange, em geral, de cinco a dez categorias, designadas narração, argumentação, exposição, descrição, injunção e diálogo. Esse agrupamento é de natureza linguística. Fazendo a distinção entre tipo, gênero e evento linguístico, Marcuschi (2000, p. 21) afirma que “um tipo textual é constructo ideal que se identifica no contexto de uma tipologia textual que pretende determinar estruturas linguísticas e formais que constituem esses tipos”.

Esses tipos textuais são estratégias utilizadas para organizar os gêneros, muitas vezes independentemente das funções comunicativas destes. Assim, com frequência, um único texto contém mais do que um desses

tipos. Por exemplo, uma carta pessoal pode conter trechos narrativos (um histórico do que a pessoa que escreve tem feito recentemente), trechos descritivos (como é o lugar onde está morando), trechos procedimentais (instruções para alguém enviar-lhe dinheiro), trechos exortativos (incentivando um irmão, digamos, a uma determinada conduta) e mesmo, trechos argumentativos (defendendo uma determinada perspectiva ou visão de alguma coisa).

A tipologia textual é considerada por Marcuschi como um aspecto fundamental dos estudos linguísticos, pois possibilita a análise dos gêneros sob o aspecto linguístico.

Não há uma tipologia textual única, porém, restringir-se-á à tipologia em que podem ser analisados os aspectos linguísticos, como é o caso da tipologia de Adam (1992), citado por Bronckart (1999).

Os tipos textuais constituem os elementos fundamentais da infra-estrutura geral dos textos. Esta é responsável pela organização sequencial ou linear do conteúdo temático - representações ou conhecimentos relativos a um dado tema, ou melhor dizendo, da macroestrutura. As macroestruturas que o autor dispõe simultaneamente na memória desenvolvem-se em várias formas de organização linear, denominadas superestruturas.

Adam (1992 apud BRONCKART, 1999, p. 218) propõe uma teorização da organização dos textos - superestruturas - baseada na noção fundamental de sequência. Para ele, as sequências são protótipos, modelos abstratos de que os produtores e receptores de textos disporiam, definíveis, ao mesmo tempo, pela natureza das macroposições que comportam e pelas modalidades de articulação dessas macroposições em uma estrutura autônoma. Adam distingue cinco tipos básicos de sequências: *narrativa, descriptiva, argumentativa, explicativa e dialogal*. Um texto pode conter uma, várias ou todas as sequências ao mesmo tempo.

Conforme Bronckart (1999, p. 233), as sequências constituem o produto de uma reestruturação de um conteúdo temático já ordenado na memória do autor na forma de macroestruturas. Essa reorganização resulta de uma decisão do autor, orientada pelas representações que ele tem dos destinatários e do fim que persegue. Assim, as sequências têm um estatuto fundamentalmente dialógico, constituindo modalidades particulares de planificação do conteúdo temático.

[...]

## Atividades

1. Relacione os fragmentos de textos com as sequências textuais predominantes:

( 1 ) preditiva

( 2 ) injuntiva

( 3 ) descritiva

Trancoso – BA						
Atualizado às 16h40						
Quarta-Feira, 09/01	Nascer e pôr do sol: ☀ 05h16 ⛃ 18h06					
manhã	tarde	noite	↑ 30°C ↓ 23°C	2mm 70%	NNE 26km/h	78% 71%
Horário	06h	09h	12h	15h	18h	21h
Direção do vento	NNE	NNE	NNE	NNE	NNE	NE
Velocidade do vento (km/h)	20	24	27	30	32	30
Pressão (hPa)	1010	1010	1011	1011	1009	1010
Umidade relativa (%)	78	75	71	74	75	75
Sol, chuva de manhã e diminuição de nuvens à tarde. Noite com pouca nebulosidade.						

(Disponível em: <[www.climatempo.com.br](http://www.climatempo.com.br)>. Acesso em: 9 de jan. 2008.)

( )

---

Trancoso é tranquila, charmosa, preservada, de frequência jovem e globalizada. Trancoso vive um momento turístico de causar inveja às vizinhas Arraial d’Ajuda e Porto Seguro. Faz alguns verões, deixou de ser a vila rústica, isolada. A calma continua no ar, mas, mesclada ao jeito de cidadezinha e às casinhas simples, há bares, restaurantes, pousadas cheias de estilo e lojinhas de artesano. O Quadrado, a ampla praça no centro do vilarejo, concentra o movimento de pedestres, pois carros não circulam no local.

(Disponível em: <[www.trancosobahia.com.br](http://www.trancosobahia.com.br)>. Acesso em: 9 jan. 2008.)

---

( )

### Sete mantras das pessoas de sucesso

Seja proativo. Faça mais do que esperam de você.

Tenha sempre um objetivo em mente. Persiga metas.

Estabeleça prioridades para tudo.

Adote comportamentos que tragam benefícios para todas  
as pessoas à sua volta, e não apenas para você.

Aprenda a ouvir. Compreenda o outro antes de ser compreendido.

Crie sinergias. Invista nas relações pessoais. Agregue as pessoas.

Busque o equilíbrio na vida: cuide de você nos aspectos  
físicos, mentais, espirituais e emocionais.

(*Veja, 9 jan. 2008, p. 59.*)

---

( )

2. Elabore um portfólio com textos em que se possa identificar as sequências textuais vistas neste capítulo.
3. Identifique em que sequências textuais é mais comum encontrarmos as seguintes características linguísticas:
  - a. verbos no pretérito perfeito: \_\_\_\_\_
  - b. verbos no presente: \_\_\_\_\_
  - c. adjetivos: \_\_\_\_\_
  - d. conectores do tipo lógico: \_\_\_\_\_
  - e. argumento de autoridade: \_\_\_\_\_
  - f. verbos no infinitivo e/ou no imperativo: \_\_\_\_\_

---

#### Resolução

1. (1), (2), (3).
2. No seu portfólio deve haver um exemplar de cada uma das sequências (narrativa, argumentativa, expositiva, injuntiva, descriptiva, preditiva e dialogal). No capítulo, há vários exemplos de textos para cada uma delas.

3.

- a. sequência narrativa.
- b. sequência descritiva, expositiva (explicativa) ou argumentativa.
- c. sequência descritiva.
- d. sequência argumentativa e expositiva (explicativa).
- e. sequência argumentativa e explicativa ou expositiva.
- f. sequência injuntiva (ou descrição de ações).



# Referências

- ABREU, Antônio Suárez. **Gramática Mínima**: para o domínio da língua padrão. Cotia (São Paulo): Ateliê Editorial, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Curso de Redação**. 12. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- ADAM, Jean-Michel. **Les Textes**: types et prototypes. 4. ed. Paris: Nathan, 1997.
- ALMEIDA, Joyce Elaine de *et al.* **Textuais**: roteiros para leitura e produção. Londrina: Humanidades, 2003.
- ANTUNES, Irandé. **Lutar com Palavras**: coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- ARANTES, Maria Julia Costa. A escrita do hipertexto: produção textual no ciberespaço. **Estudos linguísticos XXXV**. Trabalhos selecionados do 53º seminário do GEL. São Carlos: UFSCAR, 2006. Disponível em <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/54.pdf>>. Acesso em: 01, ago. 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BALTAR, Marcos. **Competência Discursiva e Gêneros Textuais**: uma experiência com o jornal de sala de aula. 2. ed. Caxias do Sul: Educs, 2006.
- BLAINEY, Geoffrey. **Uma Breve História do Mundo**: fundamento. São Paulo: 2007.
- BONETTI, Luana Medeiros. Texto: reorganizando sua compreensão. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 1, n. 1, jul./dez., 2000.
- BONINI, Adair. A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Orgs.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de Linguagem, Textos e Discursos**: por um interacionismo socio-discursivo. São Paulo: Educ, 2003.
- CAMARGO, Oswaldo. Festa do Juvenal. In: SANTOS, Luiz Carlos dos; GALAS, Maria; TAVARES, Ulisses (Orgs.). **Antologia da Poesia Negra Brasileira**: o negro em versos. São Paulo: Moderna, 2005.
- CARNEIRO, Agostinho Dias. **Redação em Construção**: a escritura do texto. São Paulo: Moderna, 1993.
- CASTRO, Ruy. Outro dia, há 40 anos. **Folha de S.Paulo**, 24 nov. 2007a.
- \_\_\_\_\_. Neossurdos. **Folha de S.Paulo**, 1 dez. 2007b.
- CAVALCANTE, Mônica M. **A Construção do Referente no Discurso**. (no prelo)

## Referências

- \_\_\_\_\_. Expressões referenciais – uma proposta classificatória. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 44, p. 105-118, jan./jun. 2003.
- CAVALCANTE, Mônica M.; RODRIGUES, Bernadete B.; CIULLA, Alena. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.
- CHAROLLES, Michel. Introdução aos problemas da coerência dos textos. In: GALVES, C.; ORLANDO, E. P.; OTONI, P. **O Texto**: leitura e escrita. Campinas: Pontes, 1988.
- CONY, Carlos Heitor. As palmeiras de Dom João VI. **Folha de S.Paulo**, 2 dez. 2007.
- COSTA. Adriano Ribeiro da. Gêneros e tipos textuais: afinal de contas, do que se trata? **Revista Prolíngua**, v. 6, n. 1 – jan/jun de 2011. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/13551/7704>>. Acesso em: 02 ago. 2017.
- DUARTE, S. Sala de emergência. **Aventuras na História**, ed. 34, jun. 2006.
- DUBOIS, Jean. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- ECO, Umberto. **Conceito de Texto**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.
- ESOPO. **O Leão e o Rato**. Disponível em: <<http://sitededicas.ne10.uol.com.br/fabula-o-leao-e-o-rato.htm>>. Acesso em: 02 ago. 2017.
- FÁBULAS DE LA FONTAINE. Rio de Janeiro: Ebal, 1985.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2003.
- FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão. **Prática de Texto para Estudantes Universitários**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Oficina de Texto**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e Coerência Textuais**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.
- FIORIN, José Luiz. Tipologia dos textos. In: BRASIL. Secretaria da Educação de São Paulo. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Língua Portuguesa**: o currículo e a compreensão da realidade. São Paulo: SE/CENP, 1991.
- FIORIN, José Luiz; SAVIOLLI, Francisco Platão. **Lições de Texto**: leitura e redação. São Paulo: Ática, 1997.
- FOLHA On-line. **Barragem Rompe em Rondônia e Água Pode Atingir Municípios da Agência Brasil**. Disponível em: <[www.folhaonline.com.br](http://www.folhaonline.com.br)>. Acesso em: 10 jan. 2008.
- GARCIA, Othon M. **Comunicação em Prosa Moderna**. 26 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- GONÇALVES DIAS. **Canção do Exílio**. Disponível em: <<http://www.horizonte.unam.mx/brasil/gdias.html>>. Acesso em 02 ago. 2017.
- GRICE, Herbert Paul. Logic and conversation. In: COLE, Peter; MORGAN, Jerry (Orgs.). **Syntax and Semantics**. Nova York: Academic Press, 1975. p. 41-48. v. 8.
- GUIMARÃES, Elisa. **A Articulação do Texto**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, Ruqaiya. **Cohesion in English**. Londres: Longman, 1976.
- HIGTON, Bernard; ASH, Russel. **Fábulas de Esopo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **Introdução à Semântica**: brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2001.
- \_\_\_\_\_. **O Português da Gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.
- INFANTE, Ulisses. **Do Texto ao Texto**. São Paulo: Scipione, 1998.

## Referências

- KLEIMAN, Ângela. **Texto e Leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 10. ed. Campinas: Pontes, 2007.
- KOCH, Ilingodore G. V. Dificuldades na leitura/produção de textos: os conectores interfrásticos. In: KIRST, M.; CLEMENTE, E. (Orgs.). **Linguística Aplicada ao Ensino de Português**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- \_\_\_\_\_. **A Coesão Textual**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 1993.
- \_\_\_\_\_. **A Inter-Ação pela Linguagem**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- \_\_\_\_\_. **O Texto e a Construção dos Sentidos**. São Paulo, Contexto, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Desvendando os Segredos do Texto**. São Paulo: Cortez, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Introdução à Linguística Textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- KOCH, Ingodore G. V.; CAVALCANTI, Mônica; BENTES, Anna Christina. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.
- KOCH, Ingodore. G. V.; FÁVERO, Leonor Lopes. Contribuição a uma tipologia textual. In: **Letras e Letras**, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 3-10, 1987.
- KOCH, Ingodore V.; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.
- KOCH, Ingodore V.; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e Coerência**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- \_\_\_\_\_. **A Coerência Textual**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- LABOV, William; WALETZKY, Joshua. Narrative analysis: oral versions of personal narratives. In: HELM, June (Org.). **Essays on the Verbal and Visual Arts**. Seattle: Washington University Press, 1967.
- LA FONTAINE. **Fábulas**. Rio de Janeiro: Revan, 1999.
- LIBERATO, Yara; FULGÊNCIO, Lúcia. **É Possível Facilitar a Leitura**: um guia para escrever claro. São Paulo: Contexto, 2007.
- MANDRYK, David; FARACO, Carlos Alberto. **Língua Portuguesa**: prática de redação para estudantes universitários. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. (Orgs.). **Gêneros Textuais e Ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003a.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A Questão do Suporte dos Gêneros Textuais**. Mimeografado, 2003b.
- \_\_\_\_\_. **Gêneros Textuais**: o que são e como se constituem. Recife: UFPE, 2000.
- MELO, Luiz R. D. de; PAGNAN, Celso L. **Prática de Texto**: leitura e redação. São Paulo: W3, 1999.
- MONTEIRO LOBATO. **Obra Infantil Completa**. São Paulo: Brasiliense, s/d. v. 3.
- OLIVEIRA, Eliane Feitosa. Progressão referencial: uma análise das estratégias de referenciação mobilizadas em artigos de opinião. **Recorte – Revista eletrônica do Programa de Mestrado em Letras**, v. 14, n. 1. Universidade Vale do Rio Verde, janeiro-junho, 2017. Disponível em <<http://periodicos.uninor.br/index.php/recorte/article/view/4034/2965>>. Acesso em: 01, ago. 2017.
- PAULINO, Graça; WALTY, Ivete; CURY, Maria Zilda. **Intertextualidades**: teoria e prática. 6. ed. Belo Horizonte: Formato, 2005.
- PEREIRA, Cilene; PINILLA, Maria Aparecida M. de; COSTA, Maria C. R.; OLIVEIRA, Maria T. de. Gêneros textuais e modos de organização do discurso: uma proposta para a sala de aula. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida. L.; SANTOS, Leonor W. (Orgs.). **Estratégias de Leitura**: texto e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

## Referências

- PRATA, Mário. Chapeuzinho Vermelho de Raiva. In: RICHE, Rosa; Haddad. **Oficina da Palavra: ler e escrever bem para viver melhor!** 3.ed. São Paulo: FTD, 1990.
- RODRIGUES, Rosângela H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, Désirée (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, José Luiz.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: veredas.** 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- SANT'ANNA, Afonso Romano de. **Paródia, Paráfrase & Cia.** São Paulo: Ática, 1985.
- SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim *et al.* **Gêneros Orais e Escritos na Escola.** Tradução e organização de: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- SOARES, Francisca Vergínio. Não violência *versus* violência. **Folha de Londrina**, Londrina, 13 jan. 2008.
- SOUZA, Luiz Marques de; CARVALHO, Sérgio Waldeck de. **Compreensão e Produção de Textos.** Petrópolis: Vozes, 1995.
- TRASK, R. L. **Dicionário de Linguagem e Linguística.** Tradução de: Rodolfo Ilari. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- VAL, Maria das Graças Costa. **Redação e Textualidade.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- VIANA, Antônio Costa (Coord.). **Roteiro de Redação:** lendo e argumentando. São Paulo: Scipione, 1998.



Código Logístico



56792



Fundação Biblioteca Nacional  
ISBN 978-85-387-6338-3



9 788538 763383